

JOÃO EMANUEL CABRAL LEITE

**ESTRANGEIROS NOS AÇORES
NO SÉCULO XIX
ANTOLOGIA**



**ESTRANGEIROS NOS AÇORES
NO SÉCULO XIX
ANTOLOGIA**

JOÃO EMANUEL CABRAL LEITE

ESTRANGEIROS NOS AÇORES
NO SÉCULO XIX
ANTOLOGIA



FICHA TÉCNICA

Título	Estrangeiros nos Açores no Século XIX ANTOLOGIA
Autor	JOÃO EMANUEL CABRAL LEITE
Capa	Estúdios Eurosigno
Editor	MARINHO MATOS EUROSIGNO Publicações, Limitada R. Nova da Miser., 208-1.º Frente, Esq. Telef. 3 22 78 9500 Ponta Delgada (Açores)
Direitos reservados para a Língua Portuguesa nesta 1.ª edição	EUROSIGNO, Março 91
Composição e Impressão	Of. Gráficas da Rádio Renascença Rua dos Duques de Bragança, 6 Telef. 342 05 88 — 1200 Lisboa Depósito Legal n.º 30572/89
Tiragem	1000 exemplares

A Nestlé Portugal tem participado em várias iniciativas a nível das Artes, das Ciências e no apoio a instituições de solidariedade social.

Tal facto, advém do reconhecimento do importante papel que cabe às Empresas no tecido social da comunidade.

A vida editorial portuguesa tem vindo, nos últimos anos, a registar um crescimento acentuado. É um bom indício.

Por isso decidiu a Empresa, contribuir para o incremento do movimento optimista dessa actividade.

A Nestlé Portugal considera que o processo de desenvolvimento cultural do País, passa de uma forma decisiva pelo fomento da leitura de qualidade, das edições e da animação da vida cultural em geral. Que o público leia e aprecie estas duas obras que iniciam as Colecções de Grande Prestígio da Editora Signo.

EMÍLIO HERRERA
Administrador Delegado da
Nestlé Portugal

NOTA PRÉVIA

Tratando-se de um trabalho que pretende reunir, em volume, um conjunto de textos, da autoria de ‘visitantes’ estrangeiros, pouco divulgados, de alguma raridade e, até mesmo, com valor informativo sobre os Açores, no século XIX, fácil será deduzirmos os objectivos que lhe estão inerentes: dar a conhecer o testemunho desses visitantes, possibilitar a leitura seleccionada de um valioso legado documental e, de certo modo, alertar para o inestimável valor informativo desse espólio.

Muitos foram os visitantes estrangeiros que procuraram deixar marcas que imortalizassem a sua estadia nos Açores; marcas que mais não são do que descrições, diários, impressões de viagem, resultados de missões científicas, materializadas no papel, constituindo um conjunto de obras — umas com mais outras com menos interesse versando um tema comum: os *Açores*.

É desses visitantes e respectivas obras que a presente antologia se irá ocupar.

Apesar da selecção dos textos ter recaído sobre diversos aspectos da realidade açoriana e do seu povo, foi preocupação primordial evitar a dispersão a que, muitas vezes, nos conduz o entusiasmo, de modo a conferir ao trabalho uma certa uniformidade, quer temática quer estrutural.

Carácter e temperamento, usos e costumes do povo açoriano, a que se juntaram algumas descrições e curiosidades, são aspectos que predominam ao longo da colectânea.

O critério utilizado na escolha dos textos teve como preocupação fundamental possibilitar uma leitura fácil, pouco maçadora e até mesmo agradável, tentando-se, tanto quanto possível, apresentar diversos pontos de vista, de diferentes autores, sobre uma mesma realidade, na tentativa de, por um lado, mostrar aquilo que os aproxima e, por outro, o que os afasta.

Um aspecto que poderá, eventualmente, parecer estranho é o facto de se ter limitado a selecção dos textos às três principais ilhas do arquipélago: S. Miguel, Terceira e Faial. Esta limitação prende-se, contudo, com a necessidade de dar um certo equilíbrio à antologia, já que as referências às restantes ilhas surgem com menor frequência e são bastante menos significativas. Fica, assim, em aberto, a possibilidade de se vir a realizar, futuramente, um trabalho semelhante que preencha a lacuna intencional da presente antologia.

Apesar de muitas das obras que a integram terem já sido traduzidas para a nossa língua, o levantamento bibliográfico, realizado na Biblioteca Pública de Ponta Delgada, Biblioteca do Museu Carlos Machado e Serviços de Documentação da Universidade dos Açores, visou sempre que possível a pesquisa do documento original. Mesmo assim, teve de recorrer-se a algumas traduções entre as quais se podem salientar a magistral obra dos irmãos Bullar, traduzida pelo Dr. João Anglin, numa edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada, *Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas*, e ainda as descrições de Alice Baker, Elisa Nye e do Capitão Boid, igualmente traduzidas pelo Dr. João Anglin na revista do ICPD, *Insulana*.

Finalmente, uma palavra de agradecimento ao Dr. Carlos Cordeiro pelo precioso apoio fornecido no levantamento bibliográfico, pela sua disponibilidade, interesse e estímulo que colocou no desenvolvimento e realização desta antologia; ao Dr. Octávio Medeiros por ter acedido prontamente ao pedido de tradução do original italiano *Crociera del Crosaro alle Azzore*, de Alberto Enrico D'Albertis, do qual retirámos alguns textos que integram a presente colectânea;

ao Prof. Doutor Artur Teodoro de Matos que lançou a ideia agora materializada que e com as suas lições de 'Metodologia da investigação', em muito contribui para um cabal aproveitamento das fontes bibliográficas disponíveis; e, ainda, um agradecimento muito especial à Ana Paula que acompanhou, a par e passo, a realização deste trabalho ao longo das muitas noites em que se viu privada da minha companhia, tendo, como contrapartida, de sujeitar-se ao monótono matraquear das teclas que dactilografaram este trabalho.

INTRODUÇÃO

«O Arquipélago dos Açores constitui actualmente uma das mais prósperas províncias do reino de Portugal. Um grande número de factores contribui para o crescimento incessante de uma riqueza generalizada. Um clima ameno, um solo fértil, uma situação geográfica eminentemente favorável ao desenvolvimento de relações comerciais, uma população inteligente e laboriosa, uma administração liberal e benevolente são elementos de prosperidade, uns dependendo da acção do homem outros inerentes à própria Região. A estas vantagens juntam-se as maravilhosas belezas naturais de que os Açores disfrutam.»

FERDINAND FOUQUÉ

Com este curto mas elucidativo documento, da autoria do cientista francês Ferdinand Fouqué, que na segunda metade do século XIX se deslocou aos Açores em missão científica, iniciaremos uma longa e interessante viagem que se espera possa vir a fornecer uma visão mais ou menos fiel de alguns aspectos da realidade açoriana no decorrer do século XIX.

Inúmeros foram os visitantes estrangeiros que, ao longo desse século, percorreram as nove ilhas dos Açores. Entre os turistas, cientistas, marinheiros que nos visitaram, quer para disfrutarem de um clima ameno e de outras condições propícias à cura de certas doenças, quer em missões científicas, quer ainda porque, dada a sua posição geográfica, o arquipélago era paragem obrigatória nas rotas do Atlântico, muitos foram os que não deixaram de immortalizar, no papel, a sua estadia nestas ilhas.

Atraídos por um clima ameno, por uma paisagem fascinante com os seus vales e montanhas de vegetação luxuriante, por um modo de vida pacato convidando a um delicioso e completo repouso, muitos destes viajantes encontraram nos Açores o refúgio ideal contra os «perigos da civilização». Outros, entre os quais podemos contar cientistas de renome, atraídos por uma flora e fauna praticamente desconhecidas, uma constituição geológica peculiar, fenómenos vulcânicos aguardando o interesse da ciência, fizeram dos Açores um ponto de paragem para os seus estudos, investigações e pesquisas, na tentativa de fornecerem novas descobertas ao mundo da ciência.

Da presença destes estrangeiros nos Açores chegaram até nós importantes testemunhos, materializados em descrições, diários, impressões de viagem, relatórios de missões científicas que, no seu conjunto, constituem um interessante acervo documental de incalculável valor informativo sobre a realidade açoriana no século XIX, infelizmente pouco divulgado ou praticamente desconhecido.

Sem pretender apresentar análises exaustivas e apreciações críticas sobre as obras que integram o presente trabalho e na tentativa de situar o leitor no tempo e no espaço, impõe-se uma referência às mesmas e respectivos autores.

Assim, e de acordo com o quadro apresentado na página 15, logo no início do século XIX, um oficial da Marinha sueca, Jean Gustave Hebbe, escalou os Açores. Dessa sua visita ao arquipélago resultou uma descrição, publicada em Estocolmo em 1802, a qual chegou ao nosso conhecimento através de uma tradução francesa por J. B. B. Eyres.

Tentando mostrar a realidade açoriana na sua globabilidade, Hebbe foca aspectos relacionados com a história, geografia, economia, cultura, tendo sido particularmente agradável nas apreciações que faz à vivência e ao povo faialenses. É exactamente sobre as ilhas do Faial e do Pico que se debruça com mais pormenor, sendo curioso notar que nas breves observações que nos deixa sobre a ilha Graciosa se limita a plagiar Chateaubriand que em finais do século XVIII havia sido recebido com amizade e cordialidade pelo povo gracioso, facto que não deixou de recordar nas suas *Mémoires d'Outre Tombe*.

Relação dos visitantes estrangeiros de cujas obras foram seleccionados os textos que integram a presente antologia (1)

N.º	DATA	NOME	NACIONALIDADE	OCUPAÇÃO	DOC.
1	1800	JEAN GUSTAVE HEBBE	Suécia	Oficial	T
2	1811	THOMAS ASHE	Inglaterra	Oficial	O
3	1820	JOHN W. WEBSTER	EUA	Médico	O
4	1832	CAPTAIN BOID	Inglaterra	Oficial	T
5	1838	JOSEPH BULLAR (2)	Inglaterra	Médico	T
6	1847	ELISA W. NYE	EUA	—	T
7	1857	HENRI DROUET	França	Zoólogo	O
8	1857	ARTHUR MORELET	França	Zoólogo	O
9	1858	CAPITAINE E. MOREL	França	Oficial	O
10	1865	FREDERICK DU CANE GODMAN	Inglaterra	Naturalista	O
11	1867	FERDINAND FOUQUÉ	França	Químico	O
12	1874	LEOPOLD VON JEDINA	Áustria	Oficial	T
13	1876	RUPERT SWINDELLS	Inglaterra	Engenheiro	O
14	1879	ALBERT I, PRINCE DE MONACO	França	Naturalista	O
15	1879	MARIANNA GIBBONS	EUA	—	O
16	1882	ALICE BAKER	EUA	Jornalista	T
17	1882	LYMAN H. WEEKS	EUA	—	T
18	1883	LADY BRASSEY	Inglaterra	—	O
19	1886	W. R. KETTLE	Inglaterra	—	T
20	1886	WALTER FREDERICK WALKER	Inglaterra	Geólogo	O
21	1886	ENRICO ALBERTO D'ALBERTIS	Itália	Oficial	O
22	1887	JULES DE GUERNE	França	Zoólogo	O
23	1890	SAM C. REID	EUA	Oficial	T
24	1894	WILLIAM TRELEASE	EUA	Botânico	O
25	1895	THÉODORE BARROIS	França	Médico	O

(1) Na apresentação deste quadro optou-se pela ordenação cronológica, de acordo com os anos em que os visitantes desembarcaram nos Açores. A última coluna dá a indicação do documento a que tivemos acesso para a elaboração da antologia: T = tradução; O = original.

(2) Joseph Bullar veio acompanhado de seu irmão Henry, o qual surge como co-autor do diário *Um inverno nos Açores e um verão no Vale das Furnas*. No entanto, terá sido Joseph Bullar o principal responsável por esta publicação.

Apesar de ter cometido algumas incorrecções, por vezes graves na sua descrição dos Açores, Jean Gustave Hebbe não deixa de apresentar curiosas informações e interessantes revelações acerca da realidade açoriana, e muito particularmente faialense, no «ano primeiro» do século XIX.

Em 1811, uma presença inglesa na ilha de S. Miguel origina um curiosíssimo documento sobre o arquipélago dos Açores; trata-se do Capitão de dragões Thomas Ashe e da sua obra *History of the Azores or Western Islands*, publicada em Londres, no ano de 1813.

Regressando de uma viagem à América do Sul, Thomas Ashe desembarcou em S. Miguel, tendo aí permanecido cerca de uma semana. Dessa sua curta estadia deixou-nos uma longa descrição do arquipélago cujo «mote» se encontra, claramente, exposto no prefácio da autoria de Jos. T. Haydn, onde podemos ler: «A ideia de colocar as ilhas ocidentais sob a protecção da Inglaterra está longe de constituir um plano insignificante ou um projecto visionário. Portugal deve a este País largas somas de dinheiro e deverá sentir-se feliz ao saldar a sua dívida através da transferência da soberania sobre as ilhas em favor do Reino Unido. Isto modificaria imediatamente a situação geral dos Açores e abriria novas vias de comércio à Inglaterra, o que compensaria os empréstimos feitos em apoio à causa de Bragança. Esta medida não só enalteceria a glória do Reino de Inglaterra como também viria contribuir para o benefício de todaç as ilhas... Libertaria cerca de meio milhão de pessoas de uma situação de escravatura para uma situação de independência, desenvolvimento industrial e força política. Veríamos, então, os Açores que, actualmente, se assemelham, em grande parte, a muitos desertos, sorrirem de novo no seio da sua beleza natural».

Foi este o mote de toda a obra de Ashe, o qual insiste na importância estratégica das ilhas para o comércio inglês, no mau aproveitamento dos recursos e na miséria material e moral das populações.

A ilha de S. Miguel, talvez a única em todo o arquipélago visitada pelo autor, é retratada com grande pormenor, em profundo contraste com a superficialidade com que trata as restantes ilhas. A descrição que destas faz, teria, contudo, resultado da observação directa dos locais que teria visitado, como o próprio Ashe o refere.

Curiosamente, John Webster no prefácio da sua obra *Description of the Island of St. Michael*, publicada cerca de dez anos mais tarde, revela-nos o seguinte: «A única obra que conheço sobre os Açores é a incorrecta e, em muitos aspectos, fantasiosa *History of the Azores* por T. A. publicada em 1813», e acrescenta em nota de pé de página: «Fui informado em S. Miguel, que ele só permaneceu por poucos dias na cidade de Ponta Delgada, não tendo visitado nenhum outro lugar».

Apesar da dureza que mostra nas suas apreciações ao carácter e temperamento dos açorianos, das enormes incorrecções que apresenta, da fantasia que perpassa ao longo de todo o texto e gravuras que o acompanham, da insistência nos aspectos negativos da realidade açoriana e da parcialidade e intolerância que revela perante determinados aspectos da vivência micaelense, a obra de Thomas Ashe merece ser conhecida e até mesmo analisada, já que os profundos contrastes que apresenta em relação a outros depoimentos de visitantes estrangeiros poderão conduzir a interessantes conclusões.

Um outro viajante, desta feita norte-americano, legou-nos talvez uma das mais colossais descrições jamais escritas sobre a ilha de S. Miguel. Trata-se de *A Description of the Island of St. Michael*, por John W. Webster, publicada em Boston em 1821.

Professor de química e mineralogia na Universidade de Harvard, John Webster residiu em S. Miguel durante largos meses, entre 1817 e 1818, tendo escrito um volumoso livro cujo conteúdo pretendia ser, em princípio, o resultado das suas observações geológicas nessa ilha. Contudo Webster vai muito mais longe, e a sua obra acabou por se transformar num verdadeiro tratado abarcando os mais variados aspectos da realidade açoriana, enaltecendo as suas qualidades e criticando duramente os seus defeitos.

A grandiosidade da paisagem micaelense, o clima, a geologia, a política, os aspectos socioeconómicos, usos e costumes são dissecados com grande pormenor por John Webster, o qual mostra uma extrema dureza e intolerância nas suas críticas à religião e à influência que esta exerce no comportamento do povo açoriano, considerando-a um obstáculo ao progresso e à transformação da mentalidade retrógrada da sociedade açoriana.

Será curioso notar que, cerca de vinte anos mais tarde, Joseph Bullar na sua obra, *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of Furnas*, referindo-se à descrição de Webster, critica o seu autor por este se ter deixado influenciar pelas suas próprias convicções religiosas ao insistir no aspecto religioso como causa principal do atraso em que o arquipélago se encontrava.

Apesar das posições violentas que toma em relação a alguns aspectos da sociedade açoriana, a obra de Webster não deixa de ser uma das mais interessantes e ricas em informação, de todas as que se escreveram no século XIX.

Traduzida pelo Dr. César Rodrigues no volume 13 do *Arquivo dos Açores, A Description of the Island of St. Michael*, é actualmente uma obra rara, por ter sido mandada queimar, após o trágico fim do seu autor — condenado à morte por ter assassinado um seu colega, Dr. Parkman. Daí que um número reduzido de exemplares tivesse chegado até nós.

No ano de 1832, dois oficiais ingleses, o Coronel Lloyd Hodges e o Capitão Boid, acompanharam D. Pedro IV numa vinda ao arquipélago, em missão relacionada com a causa liberal. Ambos deixaram a sua presença assinalada com descrições publicadas em Londres nos anos de 1833 e 1835 respectivamente: a obra de Lloyd Hodges, em dois volumes, focando essencialmente o período histórico que então se vivia e a de Boid, incidindo mais na realidade e vivência açorianas, nos usos e costumes e no carácter e temperamento do povo do arquipélago, daí que tenhamos optado por seleccionar esta última para integrar a presente colectânea.

A Description of the Azores or Western Islands, por Boid, constitui um curioso documento repleto de originaes informações, apresentando-nos uma visão global da realidade açoriana do segundo quartel do século XIX, quer ao nível da descrição física quer ao nível da descrição do meio social. Contudo, seguindo a linha de pensamento de John Webster, Boid não se demite de apresentar apreciações menos abonatórias sobre certos aspectos da vida açoriana considerando a religião e os padres como a grande barreira ao desenvolvimento, arrastando a população para a ignorância, estagnação e falta de ambição.

Mas, de todas as obras que integram a presente antologia, aquela que mais informações fornece sobre os Açores é, sem dúvida, o diário dos irmãos Joseph e Henry Bullar, *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of Furnas*, que resultou numa das mais belas descrições jamais escritas sobre as nove ilhas dos Açores.

Apesar de apresentar seu irmão Henry como co-responsável pela elaboração deste diário, Joseph Bullar, homem dotado de invulgar poder de observação e espírito crítico, terá sido o principal obreiro de tão fascinante documento, tendo-nos deixado um retrato pormenorizado e fiel da vivência açoriana, pleno de humor e repleto de pitorescos quadros.

As excursões que os dois irmãos realizaram ao longo de praticamente todo o arquipélago são descritas com incomparável minúcia proporcionando uma leitura, a todos os níveis, agradável e «sabrosa».

Ironia, humor e, por vezes, crítica mordaz manifestada em relação a certos aspectos da vida rural açoriana e a alguns dos seus hábitos, são elementos que se encontram presentes ao longo da obra. As paisagens física e social são-nos apresentadas com invulgar equilíbrio: a realidade citadina com os seus mercados, hospedarias, comércio, bailes e serões lado a lado com a realidade rural, com as acidentadas excursões de burro, *balhos*, festas populares, ocupações, em perfeita consonância com a beleza da paisagem e com a amenidade do clima.

Os usos e costumes do povo açoriano ocupam um largo espaço na narrativa dos irmãos Bullar — procissões, festas populares, costumes orientais, alcunhas, indumentária, em suma, um sem número de tradições descritas com grande pormenor, fazendo desta obra um verdadeiro tratado de etnografia regional, cuja actualidade dificilmente poderá ser posta em causa.

Acompanhando e enriquecendo o agradável texto de Joseph Bullar poder-se-á admirar uma galeria de desenhos de sua própria autoria, executados com perícia, representando com fidelidade alguns aspectos da realidade que, então, se vivia nos Açores. Podemos, deste modo, admirar o escritor e o artista lado a lado, em perfeita harmonia, fornecendo um magistral quadro do arquipélago.

Ainda na primeira metade do século XIX, mais concretamente no ano de 1847, uma jovem de 17 anos, de nome Elisa W. Nye, aventurou-se a atravessar o Atlântico com rumo aos Açores.

Partindo dos Estados Unidos da América a bordo do veleiro «Sylph», Elisa Nye, neta de Thomas Hickling, rumou aos Açores com o objectivo de visitar alguns familiares residentes na ilha do Faial. Esta viagem foi objecto de um singelo, despretensioso e pitoresco diário onde a jovem nos relata não só o dia a dia da vida no veleiro, durante a travessia do Atlântico, como também a sua agradável estadia nas ilhas do Faial e S. Miguel.

Uma cópia dactilografada deste documento foi trazida para os Açores por familiares da autora, tendo sido traduzida pelo Dr. João Anglin, publicada no *Diário dos Açores*, em 1970, e posteriormente reproduzida no volume 29-30 da revista *Insulana*, com importantes anotações de Nuno Álvares Pereira.

Chegando à segunda metade do século XIX, verificaremos que é a partir desse período que o arquipélago dos Açores começa a ser verdadeiramente conhecido, não só do mundo do turismo mas também do mundo da ciência que descobre, nesta região, uma «mina» capaz de fornecer novos conhecimentos e importantes descobertas.

Assim começam a aparecer nos Açores visitantes cujo objectivo se prende única e exclusivamente com a ciência. É neste grupo que encontramos dois ilustres naturalistas franceses que, em Abril de 1857, desembarcam em Ponta Delgada com o objectivo de investigar a fauna e a flora do arquipélago: Henri Drouet e Arthur Morelet.

Viajando de Lisboa num pequeno barco português, o «Rainha dos Açores», estes dois naturalistas vieram em missão científica, trazendo com eles credenciais do Rei D. Pedro V a quem, mais tarde, apresentaram relatórios detalhados das pesquisas que efectuaram.

Tendo percorrido todo o arquipélago, Drouet e Morelet tiveram a oportunidade de encontrar o zoólogo alemão Georg Hartung, autor de uma importante publicação, editada em Leipzig no ano de 1860, com o título, *Die Azoren in ihren äusseren Erscheinung und nach ihren Geognostischen Naturgeschildert*, a quem se juntaram nas suas pesquisas.

Tanto Drouet como Morelet vieram a produzir importantes documentos sobre a fauna e flora açorianas, no entanto não deixaram de descrever as suas impressões sobre o arquipélago.

Assim e como resultado das pesquisas científicas por eles realizadas podemos referir: a publicação, em Paris, no ano de 1860, da *Notice sur l'histoire naturelle des Açores*, por Morelet, os relatórios de Drouet sobre as espécies que encontrou no arquipélago e as suas obras, *Eléments de la faune açoréenne* e *Catalogue de la flore de les Açores*, publicadas em 1861 e 1866 respectivamente.

Referência especial merece, contudo, a obra *Sur terre et sur Mer*, publicada em Paris, no ano de 1870, em que Henri Drouet relata as suas impressões de viagem, reservando ao arquipélago açoriano vários capítulos que focam interessantes aspectos da vivência nestas ilhas, sendo de realçar a descrição que faz da caça à baleia que, curiosamente, termina com um sentimento de profunda apreensão quanto à preservação desta espécie, já então vítima de feroz perseguição.

No ano de 1858, é a vez de um capitão da marinha francesa escalar os Açores, no exercício das suas funções. Cinco anos mais tarde publicava, em Paris, um curto mas interessante documento em que aborda, sobretudo, a importância estratégica dos Açores nas rotas comerciais do Atlântico, fornecendo curiosos dados sobre os portos da Horta e de Ponta Delgada. Para além destas observações, de interesse meramente comercial, o Capitão E. Morel faz apreciações sobre o isolamento das populações e sobre a importância do desenvolvimento das comunicações marítimas para o progresso das ilhas, quer ao nível económico quer cultural.

Alguns anos mais tarde, concretamente em 1865, desembarcou em S. Miguel um conhecido naturalista inglês particularmente interessado no estudo da fauna e da flora. Trata-se de Frederick du Cane Godman que, em cumprimento de uma promessa que havia feito quatro anos antes, quando fazia uma viagem entre Southampton e as Índias Ocidentais, partiu de Inglaterra com destino ao arquipélago açoriano, com o objectivo de aí realizar algumas investigações no âmbito da história natural.

Tendo avistado os Açores durante a viagem que fez às Índias Ocidentais, Frederick du Cane Godman ficou de tal modo impressionado com a posição geográfica das ilhas, que promete, desde logo, a si mesmo que as visitaria, dado que o isolamento das mesmas, no meio do oceano, afastadas quer da costa americana quer da europeia, poderia vir a fornecer novos elementos quanto à origem e distribuição das espécies.

Com excepção de Santa Maria e do Pico, Godman percorreu todas as ilhas durante os quatro meses que permaneceu no arquipélago. Ao longo das pesquisas que aí realizou foi recolhendo exemplares da flora açoriana que depois de terem sido analisados por especialistas ingleses, constituíram o tema de um importante documento que é, ainda hoje, um clássico da literatura sobre história natural açoriana. Trata-se de *Natural History of the Azores or Western Islands*, publicada em Londres no ano de 1870 e que constitui um autêntico tratado sobre a flora dos Açores.

A segunda metade do século XIX constituiu, como já foi anteriormente referido, o período da descoberta dos Açores ao nível da investigação científica, nomeadamente no que diz respeito às ciências naturais. Assim, no ano de 1867, é a vez de Ferdinand Fouqué, um conhecido cientista francês, se deslocar ao arquipélago com o propósito de estudar e analisar as águas termais de S. Miguel.

Tendo-se demorado largos meses nestas ilhas, Fouqué realizou um trabalho a todos os títulos notável, que veio a materializar posteriormente nas suas *Voyages géologiques aux Açores*, obra cuja actualidade dificilmente se poderá pôr em causa já que, ainda hoje, a podemos ver citada com frequência, em trabalhos da especialidade.

Em Novembro de 1874, Leopold von Jedina, oficial da marinha austríaca viajando a bordo da corveta «Helgoland», desembarcou em Ponta Delgada, no regresso de uma viagem entre o porto de Pola, na Áustria, e Gibraltar.

A reparação de uma avaria na «Helgoland» fê-lo permanecer cerca de cinco meses na ilha de S. Miguel, estadia que nos descreve, mais tarde, num capítulo da sua obra *Um Afrika*, publicada em 1877, e traduzida um ano depois para o francês com o título *Voyage de la Frégate Austrichienne Helgoland Autour de l'Afrique*.

Nesta impressionante narrativa Jedina reservou um longo capítulo à ilha de S. Miguel onde descreve as suas excursões às Furnas, Sete Cidades e Ribeira Grande e refere alguns aspectos da vida do povo micaelense, elogiando a sociedade açoriana como nenhum outro visitante o havia feito até então. Isto talvez se deva ao facto de a tripulação da «Helgoland», e particularmente Jedina, ter sido recebida com invulgar cordialidade e ter frequentado, durante a sua estadia, os mais elevados círculos sociais micaelenses.

No dia 10 de Julho de 1876, Rupert Swindells parte de Southampton, a bordo do navio «Douro», com destino aos Açores para onde veio com o único objectivo de gozar as suas férias de Verão em completo repouso.

Na introdução da sua obra *A Summer Trip to the Island of St. Michael*, publicada em Manchester, em 1877, e que constitui o resultado da sua estadia na ilha de S. Miguel, Rupert Swindells revela-nos que já em 1858, durante uma viagem que, então, fazia às Índias Ocidentais, por motivos de saúde, havia avistado essa ilha, com as suas imponentes montanhas vulcânicas tendo, desde logo, sentido desejo de visitá-la.

Na sua descrição, este visitante inglês ocupa-se, em grande parte, com o Vale das Furnas e com as Sete Cidades incluindo também curiosas informações sobre o comércio de exportação, apresentando inclusivamente quadros estatísticos com a evolução da produção, exportação e movimento dos portos.

Será de notar que Swindells se revela um profundo conhecedor da narrativa de Boid, publicada cerca de quarenta anos antes, chegando mesmo a plagiá-lo em largos momentos da sua descrição.

Apesar de ter conhecido somente a ilha de S. Miguel, Rupert Swindells não deixou de reservar um capítulo da sua obra às restantes ilhas do arquipélago, tentando, deste modo, dar uma visão de conjunto.

Chegou o momento de referirmos duas presenças femininas, ambas provenientes dos Estados Unidos da América e ambas resultando em despreziosas descrições do arquipélago.

A primeira dessas presenças foi a de Marianna Gibbons que, vinda de New Bedford, a bordo do navio «Mississippi», chegou aos Açores em 1879.

Numa série de cartas, enviadas ao *Times* de Filadélfia, mais tarde publicadas com o título *Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon*, Marianna Gibbons dá-nos conta dessa sua estadia nos Açores.

Resultando numa curta mas pitoresca descrição, as cartas de Marianna Gibbons revelam um aguçado sentido de ironia e humor e dão-nos um singelo retrato da sociedade açoriana, do qual não resistimos à tentação de apresentar um curto excerto: «... Alguém do nosso grupo pediu vinho. Que demora para que o trouxessem! Um minuto português corresponde a uma hora, e uma hora é geralmente meio dia. Nunca ninguém está com pressa! O nativo dos Açores é, por natureza, cansado. Eu pedi água, a qual levou mais tempo do que o vinho a ser trazida!» Mais adiante Marianna Gibbons insiste nesta faceta do povo açoriano, que é para ela das mais evidentes: «...Não tenham pressa! Paciência é a palavra preferida dos açorianos, e, de todas as virtudes cristãs, a 'paciência' é a mais popular, nestas paragens».

A outra presença feminina a que nos referimos, verificou-se no ano de 1882. Trata-se da jornalista norte-americana Alice Baker, que, nesse ano, visitou os Açores e a Madeira, em viagem de carácter turístico.

A Summer in the Azores with a Glimpse of Madeira, é o título da obra que publicou em Boston e que, em grande parte, dedicou aos Açores. Trata-se de uma descrição repleta de originais e curiosas informações sobre o modo de vida nas ilhas, em que a autora exterioriza, constantemente, o enorme fascínio que a beleza da paisagem nela provocou.

Nesse mesmo ano, o norte-americano Lyman H. Weeks publicou, igualmente em Boston, uma das mais completas descrições do arquipélago. *Among the Azores*, é o título de um volume com cerca de 250 páginas, repleto de sugestivas gravuras e de informações de grande interesse para o turismo que, no último quartel do século XIX,

começava a ser dirigido para o arquipélago açoriano, principalmente a partir da Inglaterra e dos Estados Unidos da América.

No ano de 1883, uma nova presença feminina no arquipélago resultou em mais uma descrição da ilha de S. Miguel.

Tendo partido de Inglaterra, a bordo do iate «Sunbeam», num cruzeiro turístico cujo itinerário cobriu as regiões da Madeira, Trinidad, Venezuela, Jamaica, Bahamas e Bermudas, Lady Brassey chegou à ilha de S. Miguel em Dezembro de 1883, quando já se encontrava de regresso à Inglaterra.

Numa volumosa obra em que narra, de um modo admirável, a sua longa viagem, Lady Brassey reserva à ilha de S. Miguel o último capítulo, onde faz uma pitoresca descrição daquilo que teve a oportunidade de observar nessa ilha, acompanhando o texto com gravuras que retratam vários aspectos da vida micaelense.

Publicada em Londres, no ano de 1885, *In the Trades, the Tropics and the Rearing Forties*, constitui um importante documento em que a sua autora fornece um vastíssimo conjunto de informações de inestimável valor para o estudo das regiões visitadas, podendo até proporcionar um estudo comparativo das mesmas, dadas as características, em muito idênticas, que apresentam.

Nos meses de Novembro e Dezembro de 1886, W. R. Kettle, de nacionalidade inglesa, visitou a ilha de S. Miguel, onde permaneceu durante cerca de dezoito dias.

Sócio da Real Sociedade de Londres, W. R. Kettle veio a publicar, um ano após a sua estadia em S. Miguel, um vasto relatório sobre o porto de Ponta Delgada, intitulado, *A Report on the Artificial Harbour of Ponta Delgada*, cuja tiragem de vinte mil exemplares, é bem elucidativa da importância de que se revestiu este documento.

Alguns anos mais tarde, mais concretamente em 1894, W. R. Kettle publica, em Londres, um novo documento sobre o arquipélago, com o título *A description of the Azores or Western Islands*, onde inclui as suas impressões sobre a ilha de S. Miguel, única que conheceu.

Em 1886, surge em Londres um vasto trabalho da autoria de Frederick Walker, intitulado *The Azores or Western Islands*.

Trata-se de uma magistral descrição do arquipélago açoriano, que para além de nos dar a conhecer as observações científicas deste conhecido naturalista inglês, fornece-nos também uma visão invulgarmente elucidativa da sociedade açoriana, no último quartel do século XIX. As páginas que nos deixa acerca dos costumes, tradições e vivência do povo açoriano despertam um enorme interesse, quer do ponto de vista etnográfico, quer turístico, só comparável ao das obras de Joseph Bullar e de John Webster. Em relação a estas, a obra de Frederick Walker evidencia uma profunda evolução operada no arquipélago, constituindo um documento de leitura obrigatória para o conhecimento da realidade açoriana, em finais do século XIX.

É, também, no ano de 1886 que uma presença italiana nos Açores vai dar origem a um magnífico documento que veio a ser publicado, em 1888, na cidade de Milão. Trata-se da obra *Crociera del Corsaro alle Azzorre*, da autoria do comandante italiano Enrico Alberto D'Albertis.

Sem pretensões de índole literária e utilizando uma linguagem linear e objectiva, esse oficial italiano, ao narrar a sua visita aos Açores pretendeu, tal como nos deixa dito no prefácio, «narrar uma nova viagem do *Corsaro*, no mar tenebroso dos Açores». No entanto acabou por nos deixar uma descrição, para a qual recorreu com frequência a documentação escrita, já que cita, ao longo de todo o trabalho, escritores e obras que serviram de suporte à sua narração entre as quais podemos contar: o *Arquivo dos Açores*, *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso e *The Azores or Western Islands* de Frederick Walker.

S. Miguel, Terceira, Faial e S. Jorge são as ilhas que descreve com mais pormenor, fornecendo uma panorâmica das mesmas que vale não só pelo texto mas também pelas gravuras que o acompanham.

Nos meses de Agosto e Setembro de 1887, estive nos Açores o professor agregado da Faculdade de Medicina de Lille, Théodore Barrois. Durante a sua permanência no arquipélago, consagrou a maior parte do seu tempo ao estudo da fauna de água doce tendo, para tal, visitado as ilhas de S. Miguel, Terceira e Faial.

Tal como o próprio professor Barrois nos revela, durante as suas investigações recebeu preciosas informações do Coronel Francisco Afonso de Chaves e de Ernesto do Canto, tendo posteriormente publicado *Catalogue des crustacés marins récoltés aux Açores* e *Recherches sur la faune des eaux douces des Açores*, este dedicado ao Coronel Afonso de Chaves.

Nestes dois documentos, Théodore Barrois evidencia um profundo conhecimento das obras de Drouet e Morelet, Georg Hartung, Darwin, Ferdinand Fouqué, Albert I Prince de Monaco e Frederick du Cane Godman, cientistas que cita frequentemente.

Segue-se uma presença ilustre no arquipélago, a quem Carreiro da Costa chamou de «um Príncipe amigo e admirador dos Açores», — trata-se de Albert I, Príncipe do Mónaco.

Vocacionado, desde muito cedo, para a investigação oceanográfica, o Príncipe Albert I acaba por dedicar-se exclusivamente à vida do mar e à investigação científica e, em 1879, já se encontrava nas ilhas do Faial e Graciosa, a bordo do seu iate particular «Hirondelle», na tentativa de encontrar motivos de interesse para os seus estudos.

Como resultado das pesquisas que realiza nos Açores ao nível da oceanografia e meteorologia, algumas delas com o apoio do Coronel Afonso de Chaves, publica vários trabalhos.

No entanto o Príncipe do Mónaco não limita as suas observações do arquipélago à área científica. Nas suas impressões de viagem, publicadas em Paris, em 1901, com o título *La Carrière dun Navigateur*, reserva um largo espaço aos Açores, em que exterioriza a grande amizade e admiração que tinha em relação ao povo dos Açores.

Foram várias as ocasiões em que Albert I do Mónaco visitou estas ilhas e na terceira vez que tal aconteceu, no ano de 1887, fez-se acompanhar de um cientista francês, Jules de Guerne, o qual veio a publicar, mais tarde, um documento em que nos fornece os resultados das pesquisas biológicas realizadas nas Sete Cidades, Lagoa Funda, Caldeira do Faial e outros locais por ele visitados. Referimo-nos à obra *Campagnes scientifiques du Yacht l'Hirondelle*, que constitui um importante documento científico sobre a história natural do arquipélago.

Em 1890, o coronel norte-americano Samuel C. Reid, deslocou-se aos Açores, talvez com o objectivo de visitar o local onde, oitenta anos antes o pai, o capitão Samuel Reid, havia combatido numa batalha naval na baía da Horta. A descrição resultante desta sua permanência no arquipélago é bastante lisonjeira e nas apreciações deste oficial norte-americano nota-se numa evidente preferência pela ilha de S. Miguel, embora aborde também, com algum pormenor, as ilhas Terceira, Faial e Pico.

Traduzidas no volume 11 do *Arquivo dos Açores*, com o título *Os Açores vistos por um Americano*, as impressões de viagem do Coronel Reid, foram originalmente publicadas, em Janeiro de 1891, no jornal *Daily Alta California*, e constituem um documento que merece, igualmente, ser conhecido.

Finalmente, iremos rematar este já longo roteiro de nomes e obras, com o director do «Missouri Botanical Garden», William Trelease que, durante os meses de Verão do ano de 1894, percorreu os Açores com o objectivo de estudar e colher alguns espécimes da flora açoriana.

Dessas suas explorações botânicas, resultou um importante trabalho, ainda hoje citado em obras da especialidade, publicado no *Eight Annual Report of the Missouri Botanical Garden*, com o título, *Botanical observations of the Azores*.

Convém deixar bem vincado que o único objectivo que presidiu a esta introdução, foi dar conta do levantamento bibliográfico realizado para a elaboração da presente antologia tendo sido, à partida, posta de parte qualquer pretensão de análise detalhada ou apreciação crítica das obras seleccionadas. No entanto, não resistimos à tentação de dar um maior destaque às obras de Joseph e Henry Bullar, John Webster, Thomas Ashe e Frederick Walker, por serem aquelas que nos parecem merecer uma maior divulgação, dado que constituem verdadeiros «monumentos» da bibliografia açoriana do século passado.

Não podemos deixar ainda de referir que, na fase de pesquisa e levantamento bibliográfico, deparámos com depoimentos de muitos outros visitantes estrangeiros, alguns deles ilustres, só que um trabalho desta índole exige selecção, daí que nomes como Charles

Darwin que, a bordo do «Beagle» desembarcou na ilha Terceira, em 1836, tendo posteriormente referido a sua estadia em algumas das suas obras, Hewett C. Watson que, de 1843 a 1847, publicou em Londres vários trabalhos sobre a flora açoriana, George Hartung que, no ano de 1857, permaneceu largas semanas no arquipélago, dedicadas à investigação científica, e muitos outros que seria fastidioso enumerar, não figurem na vasta galeria que acabámos de apresentar.

Fiquemos, portanto, por aqui e passemos a palavra aos verdadeiros autores deste trabalho, através dos seus interessantes depoimentos sobre o arquipélago açoriano.

ANTOLOGIA

I

O ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

DESCRIÇÕES
ASPECTOS SOCIO-ECONÓMICOS
ASPECTOS GERAIS

CHEGADA AOS AÇORES

Domingo, 8 de Agosto de 1847.

Tem soprado uma brisa excelente, navegando o veleiro rapidamente.

O homem do mastro da vigia assinalou cinco navios à vista, dos quais três podiam ver-se do convés.

Jantámos à hora habitual, 12 horas.

Subindo ao convés, avistámos uma escuna muito perto, resolvendo o capitão Gardner, o pai e Henrique ir a bordo da mesma.

Como apparecessem albacoras próximo do nosso navio, apanhámos algumas e levámo-las para bordo da escuna, para presentear o capitão, que não sabíamos quem seria.

Verificou-se que se tratava do navio «Gage», de Nova Iorque, comandado pelos capitães Slater e Brown, que se mostraram muito amáveis e nos forneceram batatas, jornais até ao dia 22 (de Julho) e uma cesta de biscoitos.

O pai enviou-lhes um presente e uma garrafa de vinho. A meio da tarde vimos um pedaço de madeira a flutuar na nossa direcção. Arriou-se o bote e prendemos o achado, em volta do qual nadavam muitos peixes, dois dos quais o capitão Gardner apanhou.

Comemo-los à ceia e achámo-los excelentes.

Logo que me levantei da mesa fui chamada para ver, no convés uma toninha que o capitão Gardner arpoara.

Era um lindo animal, mudando de cores. Não pude, porém, continuar a vê-la morrer e por isso me retirei para o camarote, onde li um capítulo da Bíblia.

Voltei depois ao convés, onde passei o serão.

Segunda-feira, 9 de Agosto.

Vimos um cardume de toninhas esta manhã. Arriaram-se os barcos, mas não se conseguiu apanhar nada. Todo o dia soprou um vento brando, navegando o navio à velocidade de 8 milhas por hora, parecendo que amanhã teremos terra à vista.

Terça-feira, 10 de Agosto.

Não se calcula o meu contentamento quando o capitão Gardner me disse que tínhamos terra à vista, embora só se avistasse da ponta do mastro.

Esperei até às seis e meia, podendo então ver claramente as Flores e o Corvo.

Ouvimos, então, o grito de «Baleia à vista», provindo do mastro do vigia. Todos nos alvoroçámos, deixando o que estávamos a fazer para observar as baleias, mas vimos que se tratava de uma espécie chamada «Crampus».

Cerca das nove, de novo ouvimos o grito de — baleia à vista! Olhámos e vimos distintamente cardumes de toninhas, aos saltos fora de água, resfolegando.

Por cerca de um hora encontravamo-nos a uma milha de distância da terra, isto é, das Flores, para onde nos dirigimos em vez de para o Corvo, pois havia um passageiro a desembarcar naquela ilha.

Vimos claramente os campos de milho e trigo separados por muros de pedra, recobertos de vinhas que, por completo, os ocultavam da vista, além de lhes darem melhor aspecto do que o da simples pedra nua.

As montanhas eram íngremes, serpenteando os caminhos de um lado das encostas, o que permitia às pessoas subir e descer com segurança. Do lado oriental da ilha existe uma linda vilazinha (Vila de Santa Cruz) com casas pequenas, de pedra tosca.

Vímos as ruínas de um convento, bem como uma grande igreja católica com aspecto pesado. Trata-se de uma grande construção caiada de branco e com janelas de cercaduras escuras, que lhes dão um ar sobremodo melancólico.

Nas encostas dos montes corriam lindas e pequenas quedas de água, límpida e clara.

O mar estava agitado, por isso desisti da ideia de desembarcar. O Henrique, porém, foi a terra, com a obrigação de trazer para bordo a fruta que encontrasse.

No regresso, procurámos com ansiedade a fruta que esperávamos, mas nada se conseguira que merecesse a pena comprar, por não haver nada capaz, a não ser algumas maçãs, tão verdes e insípidas que se tornavam intragáveis.

Chegámos à fala com dois navios procedentes da América, pensando obter cartas, o que não foi possível, com excepção de um jornal de New Bedford.

Ao aproximarmo-nos da costa, sobreveio uma pequena tempestade, que, porém, passou não sem nos deixar um tanto molhados.

Pelas seis horas navegámos para o Faial e com o mar agitado; desci ao camarote e preparei as minhas cartas a fim de desembarcar no dia seguinte.

Quarta-feira, 11 de Agosto.

Dormi muito pouco toda a noite devido ao mau tempo.

Estamos agora a dez ou doze milhas do Faial. Por volta das nove horas avistámos baleias, a uma milha de distância.

Arriámos os barcos, tendo o sr. Fisher apanhado uma.

Soprando vento favorável, achámos preferível rebocar a baleia para o Faial e cortá-la ali.

Nesta conformidade, amarrámo-la ao navio, por meio de um grande cabo, o que atrasou a viagem, reduzindo a velocidade do navio a duas milhas à hora, em vez de oito.

À tarde avistámos o «General Scott», (baleeiro americano) pelo que o pai propôs que, se este barco fosse directo ao Faial, iríamos a bordo, visto a hora incerta a que o «Sylph» poderia fundear.

Pelas seis horas o capitão daquele navio e o capitão Silvie vieram a bordo do nosso barco. Propuseram-nos levar-nos a bordo e por isso embarcámos nele desejando sinceramente chegar ao Faial no dia seguinte.

CHEGADA AO FAIAL

Sexta-feira, 13 de Agosto.

O pai chamou-me esta manhã, às seis, dizendo que iríamos para terra logo que eu estivesse pronta. Por isso vesti-me o mais depressa possível. Metemo-nos num barco e dentro de um quarto de hora encontravamo-nos em terra firme.

O sr. Dabney (consul dos EUA, nos Açores) aguardava-nos no cais, pelo que nos dirigimos, sem demora, para sua casa.

A primeira pessoa que vi foi mrs. Paterson, que me recebeu muito cordialmente. Os restantes membros da família, surpreendidos com a minha chegada, encontravam-se ainda em preparativos nos seus quartos.

O pai tomou o pequeno almoço, na casa, e depois dirigiu-se à pensão.

O vapor inglês «Sidons» encontrava-se fundeado, tendo os oficiais convidado a família Dabney a ir a bordo, pelo que a acompanhei ali. Tomámos refrescos e após uma visita de duas ou três horas regressámos a casa para o almoço.

Choveu copiosamente toda a tarde, impedindo-nos de sair. Os Dabneys haviam convidado muitas pessoas para uma recepção, à noite, aos oficiais, o que muito me alegrou pela oportunidade que se me ofereceu de conhecer alguns faialenses.

Estas reuniões são muito diferentes das da América.

As senhoras sentam-se à volta do quarto e os homens ficam de pé à entrada ou a um canto da sala, falando uns com os outros, parecendo receosos de se aproximar das senhoras. Vêm todos ao pôr do Sol, ficando até às três ou quatro da madrugada.

Dancei até ficar completamente fatigada, mas muito apreciei o serão.

NYE, Elisa W. — *Diário de uma viagem da América aos Açores no veleiro «Sylph», em Julho de 1847.* «Insulana», Ponta Delgada, v. 29-30, 1973/74, p. 17-21.

Trad. de João H. Anglin.

ATLÂNTIDA

A velha história das ilhas da Atlântida é cheia do maior interesse para o homem da ciência, para o naturalista e para o geólogo e também para o público em geral. Crê-se que os Açores, Madeira, Canárias e ilhas de Cabo Verde formaram outrora parte do «continente perdido» — a «grande ilha», como lhe chamavam então, conhecida com o nome de *Atlântida*.

Que tal continente em remotas eras existiu não pode haver dúvidas. — Já no 4.º século antes de Cristo, Theopomus se refere aos continentes da Europa, Ásia e África, como rodeados pelo mar, mas que, além, para oeste, «existia uma ilha, ou continente de imensa extensão, contendo grandes cidades, povoado por nações civilizadas». Isto é confirmado por Solon, o filósofo, poeta e legislador grego (600 anos antes de Cristo) que, visitando o Egito, recebera dos sacerdotes daquele país uma «descrição da ilha Atlântida», depois transmitida a Platão, e conservada por este nos seus escritos, 400 anos antes de Cristo.

Desta descrição se colhe que o primeiro rei da Atlântida foi Poseidon, que dividiu o seu reino em dez partes, dando uma a cada um dos seus filhos. Ao mais velho, Atlas, coube o maior e o mais belo quinhão, e foi feito rei soberano de seus irmãos, que conservaram a graduação de príncipes. Foi dele que toda a ilha e oceano circundante receberam a denominação de Atlântida. Estes dez reis possuíam dez mil carros. Os povos eram aparentemente adoradores do Sol, e tinham atingido um alto grau de civilização; erigindo em honra do seu Deus, magníficos templos, com estátuas e ornatos de ouro e prata,

metais que abundavam; construindo palácios para os seus príncipes e também portos e docas para os seus navios, sendo as suas enseadas abertas ao comércio das embarcações estrangeiras, que as frequentavam. Havia abundantes madeiras próprias para todos os usos e a sua esquadra contava 1200 navios de guerra. Havia todas as espécies de árvores de fruto, cereais e arbustos. Abundavam os gados, cavalos e animais domésticos e selvagens. Numerosas nascentes de água fria e quente serviam-lhes para os seus banhos e para lavarem os seus cavalos dos quais cuidavam extremosamente.

Naqueles tempos a ilha da Atlântida, maior do que a Líbia e a Ásia reunidas, era situada em frente do estreito das Colunas de Hércules, e era o caminho para as outras ilhas; e destas se podia passar para o continente oposto, que rodeava o verdadeiro oceano. Porque este mar que jaz para dentro do estreito de Hércules é simplesmente um porto com estreita entrada; mas o outro é um verdadeiro mar e o que o rodeia bem se pode chamar um continente.

Era pois naquele tempo a Atlântida grande e poderoso império dominando toda a ilha e outras mais, e também parte do continente; até ao Egipto, e parte da Europa até à Tyrhenia. O vasto poder assim reunido tinha sido notavelmente agressivo a toda a Europa e Ásia e ameaçava conquistar de um só golpe o Egipto e a Grécia e todas as terras aquém dos estreitos. Nesta grande luta a Grécia ostentou a excelência das suas virtudes e forças, pois era a primeira em coragem e perícia militar, e o guia dos Helenos. E quando todos se separaram dela, compelida pelo abandono, tendo suportado o extremo perigo, triunfou, desbaratando os invasores.

Então sucederam violentos terramotos e inundações, e durante um dia e uma noite de dilúvio, foi soterrado todo o corpo dos guerreiros gregos, e a ilha da Atlântida desapareceu submergida no mar.

Depois... o Sol contou por talhas de ouro, no horizonte ocidental, os séculos que passaram, e foi em 1432 que se descobriu Santa Maria, a primeira ilha conhecida dos Açores.

REID, Sam C. — *Os Açores vistos por um americano*.
«Arquivo dos Açores», vol. 11 (1983), p. 194-195.
Trad. do *Daily Alta California*, 25 de Janeiro de
1891, São Francisco.

UMA DESCRIÇÃO DOS AÇORES

Geograficamente são os Açores ilhas do Atlântico, a duas mil milhas dos Estados Unidos, na latitude de Filadélfia. Quanto à civilização encontram-se atrasadas centenas de anos do mundo moderno, no ambiente da Europa Medieval. É mais fácil transpor o primeiro abismo do que o segundo.

A origem de todas as ilhas atlânticas, que incluem os Açores, a Madeira, as Canárias, Cabo Verde e muitos outros ilhéus isolados, mais pequenos, tem sido sempre objecto de fartas especulações. Supõem alguns que elas fazem parte de uma cadeia de montanhas submarinas que abraçam o globo de norte a sul; pensam outros tratar-se do produto de agentes vulcânicos; ao passo que outros consideram as ilhas restos da antiga Atlântida de Platão.

Esta última hipótese tem interesse para o estudioso. O grande filósofo grego considerava a Atlântida como «situada em frente dos estreitos chamados Colunas de Hércules, maior do que a Líbia e a Ásia juntas; mais tarde ocorreram terremotos e inundações e num só dia e noite de chuva esta ilha da Atlântida desapareceu e afundou-se no mar».

Nos escritos dos antigos abundam referências a um país desconhecido e quase lendário,

‘para além do sol poente
e do acaso de todas as estrelas occidentais’,

para onde Ulisses navegou, em busca das suas Ilhas Afortunadas e onde ficava o jardim das Hespérides, com seus frutos doirados.

Grande parte da linguagem descritiva desta terra semi-fabulosa é aplicável a estas ilhas, sendo de notar que numerosas e recentes descobertas levam à conclusão da primitiva existência de um vasto continente, a meio do deserto de água entre a África e a América.

Descendo a tempos próximos, a história antiga dos Açores, como ilhas, ainda se encontra envolvida em obscuridade, nem mesmo se conhecendo, com satisfatória exactidão, a data do seu descobrimento.

.....

História à parte, o viajante que hoje visita os Açores encontra uma terra de carácter vulcânico, de costas rochosas, ásperas, escabrosas e escarpadas, contra as quais as ondas do oceano batem às vezes com fúria terrível. A sua gente ainda se apega tenazmente a costumes fossilizados e acha-se profundamente sepultada num passado morto, do qual não tem poder nem grande desejo de se libertar.

As belezas naturais, a liberalidade e a liberdade estão em vivo contraste com a pobreza, a degradação e a opressão das massas; todavia o canto e a dança, as procissões religiosas e os dias de festa deleitam o camponês jovial e de coração simples; a vida é um círculo de preguiça, de sextas, de conversas intermináveis. É uma terra atravessada e cortada em todas as direcções por gigantescas ravinas, marcos e cicatrizes de muitos abalos de terra; e todavia ostenta luxuriante vegetação tropical. Os campos estão verdes durante todo o ano; a laranja, a banana, o figo, a goiaba e outras frutas tropicais crescem com abundância; as vertentes dos montes e dos vales reproduzem, em eco, as notas suaves de miríades de cantores e o ar está impregnado da fragância das flores. É um país

‘onde as tintas da terra e as cores do céu
ainda que de vários colorido, rivalizam em beleza’.

WEEKS, Lyman H. — *Nos Açores*. «Insulana», Ponta Delgada, 14 (1), 1958, p. 86-90.

Trad. do original, *Among the Azores*, Boston, James R. Osgood and Company, 1882, por João H. Anglin.

INDEPENDÊNCIA

A existência destas ilhas tem estado, por um longo e obscuro período, confinada a algo sem valor e sujeita a um poder pretencioso. Natureza, hábito, educação, orgulho, ambição, todos concorrem para que deteste este estado miserável de degradação política e sublinhe a honra e a justiça de se transformar estas ilhas em ilhas livres e independentes e de as colocar sob o escudo protector do Governo Inglês. Acima de tudo conferir aos seus habitantes o nome de um país, a felicidade de um lar. Por País, entendo a grande e virtuosa primavera, e o incitamento para tudo o que seja magnânimo e proveitoso.

Consciente deste sentimento, um homem torna-se membro da comunidade, capaz de realizar tudo o que há de bom e proveitoso; sem ele, perde grande parte do seu valor, na estima do próximo, e mesmo em relação a si próprio. Sem um País, um povo não goza daquele princípio unificador que constitui o carácter, a honra, a coragem duma nação. Pergunto — que possui este povo? Possui um número mas não tem nação.

Sem um princípio inerente a eles próprios ou um motivo de acção comum, desligados uns dos outros, degradados na consideração uns para com os outros, desprezados, acabam por degenerar em súbditos infames e adaptados, alvos de gozo e de maus tratos que satisfazem o humor dos seus diferentes governantes. Como homem que sente horror e instintiva antipatia contra esses sistemas que tendem a degradar a humanidade, eu recomendaria que V. Ex.^a deveria apoiar

um plano de uma constituição política que se aproximasse, na natureza e efeitos, da independência, à boa e velha constituição Britânica.

.....

Os Açorianos estão finalmente impacientes da tirania; estão somente à espera dum sinal para se libertarem da opressão. Contudo, na situação actual em que se encontra o soberano, não seria aconselhável apoiar nenhum plano que manifestasse tendência para insurreição ou força. Pelo contrário, seria de oferecer ao Príncipe Regente as mais sólidas vantagens em troca da independência destas ilhas, que receberiam a liberdade, pelo sangue e fortuna que a Inglaterra espalhou em Portugal em defesa da sua causa.

.....

Ao acelerar a emancipação dos Açores do jugo em que se encontra, actualmente, desejo que se compreenda que não é minha intenção vê-los aumentar os territórios do Império Britânico.

[ASHE, Thomas] — *History of the Azores or Western Islands*. London, Sherwood, Neely and Jones, 1813, p. 11-16.
Trad. do A.

OS AÇORES E AS COMUNICAÇÕES MARÍTIMAS

Ano de 1858

No ponto de encontro das rotas habitualmente seguidas, a partir da Europa, para o Brasil e para a América do Norte, encontra-se o Arquipélago dos Açores, cuja situação adquiriu recentemente uma importância considerável devido ao desenvolvimento das viagens transatlânticas.

O arquipélago dos Açores é constituído, como é do conhecimento geral, por nove ilhas distribuídas por três grupos: o primeiro formado pelas ilhas Flores e Corvo; o segundo, o grupo central, reúne as ilhas do Faial, Pico, São Jorge, Graciosa e Terceira; finalmente o grupo constituído por S. Miguel e Santa Maria. Todas estas ilhas, de origem vulcânica, têm uma configuração idêntica: cada uma delas possui uma montanha, que é o ponto mais elevado, e uma série de cones separados por profundas ravinas e por encostas abruptas. A agitação vulcânica está longe de ter cessado. De tempos a tempos os sismos, e, mais frequentemente, os movimentos de trepidação da terra, vêm lembrar aos habitantes a precariedade da sua existência e a pouca solidez do solo sobre o qual se fixaram.

Apesar do perigo de que se reveste este estado de coisas e da dificuldade de exploração de uma natureza abrupta e atormentada, a grande fertilidade do solo desenvolveu nos Açores uma agricultura tão florescente, quanto o permite a apatia natural dos seus habitantes.

A cultura da cana do açúcar, a vinha e, sobretudo, as laranjas, juntamente com alguns produtos secundários constituem os principais recursos das 250.000 almas que habitam o arquipélago.

Durante o ano de 1858 os Açores exportaram 160.000 caixas de laranjas e 2000 pipas de vinho para Inglaterra; 6.500 pipas de vinho para o Brasil; cerca de 6.000 pipas e 100.000 caixas de laranjas para Hamburgo e cerca de 4.000 pipas de vinho para os Estados Unidos. Os métodos de cultura são, geralmente, pouco evoluídos. As terras estão divididas em grandes domínios e são exploradas por rendeiros e sub-tenentes. O clima, embora saudável, é húmido e o arquipélago é frequentemente sacudido por violentas rajadas de vento que tornam a entrada nos portos difícil e a estadia pouco segura.

.....

Ano de 1863

São passados cinco anos sobre o que cabámos de escrever.

Depois de 1858 a situação nos Açores modificou-se bastante, sobretudo nos aspectos que poderão influir positivamente nos seus destinos futuros.

Em primeiro lugar, convirá referir o estabelecimento de comunicações regulares entre Lisboa e as ilhas, serviço que se montou há já vários anos.

Todos os meses parte um vapor da Metrópole para o Faial, escalando os seguintes portos: S. Miguel, Terceira, Graciosa e S. Jorge.

Este pequeno paquete, de grande importância para os açoreanos, pertence à companhia Portuguesa da União Mercantil que possui, por outro lado, outros vapores, dos quais um para o Algarve e cinco para a Madeira e Costa de África.

Para que possamos apreciar convenientemente esta evolução, convém recordar que há apenas poucos anos, uma viagem aos Açores era um empreendimento difícil, bastante penoso, exigindo, às vezes, mais tempo do que uma expedição às Índias Ocidentais.

Nessa altura, os barcos à vela portugueses que partiam de Lisboa para as ilhas, não tinham concorrência, não se preocupavam com o

tempo e operavam à vontade. À menor ameaça de ventos contrários entravam para um porto onde procuravam um ponto de abrigo caso estivessem perto da costa; ao largo, deixavam-se ir à deriva; em ambos os casos a perda de tempo era deplorável o que tornava impossível todo o desenvolvimento comercial.

Graças a Deus, já nada se passa assim! Uma vez por mês, um vapor atravessa o oceano, percorre as ilhas e vai mostrar-se aos olhos maravilhados dos habitantes, que acorrem à praia para admirarem de perto o navio que os vem salvar do isolamento a que estão sujeitos e ao qual devem uma completa transformação em todas as suas condições de vida.

O que daí resultou, e que acontece sempre em casos semelhantes, foi que, no momento em que os açoreanos depararam com a possibilidade de vir à Europa sem serem obrigados a apodrecer no mar (como dizem os marinheiros) e, com a oportunidade de regressarem facilmente, aproveitaram a ocasião e começaram a viajar como o fazem todos os outros povos. As comunicações tornaram-se mais fáceis, os negócios evoluíram, abriu-se um novo horizonte aos olhos dos ilhéus, a sua ambição aumentou e, actualmente, S. Miguel, a principal e a mais rica de todas as ilhas, comprometeu-se seriamente a sacudir a sua secular apatia não sonhando senão em embelezar-se e engrandecer-se. Iniciou-se a construção de uma doca, um teatro está em vias de construção e, no final do ano, deverá contar com iluminação a gás.

Eis, portanto, uma região que deve ao vapor a participação na vida moderna, a marcha, a par das outras nações, no caminho do progresso e a cabal utilização das riquezas do seu solo e dos recursos da sua indústria!

MOREL Capitaine E. — *Les îles Açores au point de vue de la marine marchande*. Paris, Gustave Boscange et Cie., 1863, p. 3-12.

Trad. do A.

RECURSOS NATURAIS E SEU APROVEITAMENTO

Imaginemos, por um momento, os Açores sob a influência da actividade comercial, da prosperidade agrícola e daquela laboriosidade geral, que nasce de uma louvável concorrência, do génio e da iniciativa entre os naturais e os residentes de um estado livre.

Que inestimável colónia!

Que mina de riquezas e de recursos estatísticos de toda a espécie se tornaria, para um governo que fosse pai de tal filho.

Mas muito há ainda por fazer antes que tão lisongeiro quadro se torne realidade; e para formar sólido alicerce, sobre o qual se levante a esplêndida construção, é mister permitir ao génio e ao labor de uma acção livre sob a influência salutar das leis da liberdade constitucional. A consciência da liberdade deverá despertar nos habitantes o sentimento da dignidade humana; a consciência de que as suas pessoas e bens serão garantidos pela administração de leis justas, deverá erguê-los de letargia de séculos e impeli-los ao emprego útil das suas energias.

Acima de tudo, e para dar o estímulo inicial e abrir caminho ao influxo de actividades empreendedoras, criadoras de exemplos, de talento, de labor e de capitais, há que abolir as leis, restritivas, da primogenitura, pois que a sua continuação se tornará barreira insuperável a tudo quanto seja progresso e actividade comercial.

Ao passo que, se houvesse liberdade de venda de terras, negociantes de todos os países comprariam propriedades e estabelecendo

casas, pela vantagem do clima ou do comércio, cultivariam e embelezariam o território, e, assim, em pouco tempo, todos os pontos destas ilhas chegariam ao mais alto grau de produtividade.

Então veríamos, nos lugares que oferecem facilidades para tais empresas, formarem-se amplos portos e cómodas baías; escavarem-se docas e mesmo erguerem-se cidades novas. E o comércio — auspicioso padrão de riqueza de um País — ergueria seu estandarte nas praias açoreanas, como um dos futuros grandes empórios do mundo.

BOID, Captain — *Descrição dos Açores ou ilhas Ocidentais*. «Insulana», Ponta Delgada, 6 (3-4), 1950, p. 287-289.

Trad. do original por J. H. Anglin.

PRODUTOS AGRÍCOLAS

Os principais produtos agrícolas são o trigo, o milho indiano, batata doce, batata da terra e os vulgares vegetais que podemos encontrar nos nossos próprios jardins. Os tremoços desenvolvem-se em grandes quantidades, e são cultivados segundo práticas, que como muitas outras, remontam à era dos romanos.

Na estação propícia, os mercados apresentam, com abundância e excelente qualidade, morangos, damascos, melões e outros frutos, próprios de climas temperados; as peras e as maçãs não impressionam e em nada se assemelham às que são produzidas na Inglaterra e nos Estados Unidos. As uvas, de tipo *vinifera*, que em tempos existiam com abundância, foram praticamente exterminadas pelo *oidium* e *phylloxera*, mas não foram feitos grandes esforços para reactivar a cultura de videiras da melhor qualidade, de origem americana, tal como se havia feito em França. Pelo contrário, as uvas de tipo *vinifera* foram substituídas em larga escala por derivados de qualidade inferior, tipo *labrusca*. Como consequência disso, os vinhos açoreanos, que em tempos eram considerados quase ou totalmente semelhantes aos da Madeira, são actualmente quase todos de uma qualidade extremamente inferior.

Na altura própria, abunda a laranja, e da melhor qualidade, apesar da famosa laranja de S. Miguel, tal como as uvas, ter estado sujeita à doença e ser agora bastante mais pequena.

As bananas de tipo *sapientium* (conhecidas por bananas prateadas), e mais vulgarmente as de tipo *cavendishi*, desenvolvem-se com

bastante successo, e, apesar de se tratar de um fruto pequeno, é geralmente doce e de sabor bastante agradável. Diversas variedades de figos desenvolvem-se com facilidade.

Nos últimos anos a indústria da laranja, em S. Miguel, foi, até certo ponto, substituída pela cultura do ananás, de rara qualidade, que encontrou imediatamente mercado em Inglaterra a preço altamente compensador. Ao contrário das frutas atrás mencionadas, o ananás não se cultiva ao ar livre, exigindo o abrigo de estufas, construídas como as estufas de plantas fabricadas na América, não necessitando contudo de calor artificial.

TRELEASE, William — *Botanical observations on the Azores*, St. Louis, Missouri Botanical Garden, 1897, p. 80-81.

Sep. de: Eight Annual Report of the Missouri Botanical Garden.

Trad. do A.

O POVO AÇORIANO:

Usos e Costumes, Carácter e Temperamento

CARAPUÇA, CAPOTE E CAPELO

Os trajes das gentes do campo dos Açores, embora menos graciosos e apropriados para fazer realçar a figura humana do que alguns das regiões do Continente, são, apesar disso, característicos e por vezes até mesmo bastante singulares. O vestuário de um lavrador abastado de S. Miguel consta de um pano grosseiro, feito na ilha, com calças de linho quase sempre brancas, casaco curto de 'eton', azul ou preta, às vezes bastante enfeitado com botões em grande quantidade. Todo o esplendor desta indumentária concentra-se no colete, geralmente feito de fazenda importada, de cor clara, com o peito da camisa muito bem bordado.

A cobertura da cabeça é uma estranha carapuça, única na sua extravagância, todavia não é completamente desprovida de utilidade, pois a sua grande aba na parte da frente, de meio-pé de fundo, que termina em forma de lua em quarto crescente, protege a cara do sol e até mesmo o peito. Da copa do chapéu (sem aba atrás), pende uma cobertura formando uma capa curta, que abriga completamente da chuva o pescoço e os ombros do dono, o que são vantagens que talvez compensem o seu grande peso.

A origem da carapuça tem sido desde sempre um mistério. Durante algum tempo, este nome estranho fazia-me recordar uma ideia abstracta, até que me vieram à ideia lições de zoologia meio esquecidas, referentes ao glossário conhecido e bem decorado, e ocorreu-me então a palavra — carapaça — escudo protector do caranguejo,

da lagosta e de muitos outros crustáceos. Parecia que algum espirituoso do século XVI, teria inventado a palavra 'carapuça' para irritar e escarnecer daqueles que usavam tão horrível cobertura.

É de notar que a gente de várias aldeias, particularmente as mais remotas, conserva uma espécie de diferenciação etnográfica no que diz respeito ao tamanho e formato das suas carapuças, sendo elas tão diferentes, especialmente em S. Miguel, Terceira e na Madeira, que parecem pertencer a planetas diferentes. Muito se poderia escrever sobre as coberturas de cabeça, estranhamente variadas, dos habitantes de um ou outro sexo deste arquipélago, sendo a única excepção a ilha Graciosa, cujos habitantes usam chapéu de palha ou feltro ou barrete.

O capote e capelo das mulheres diferem igualmente de ilha para ilha, segundo o gosto e o capricho dos respectivos habitantes.

O capote é uma longa capa, de pano azul escuro, que chega até aos pés, excessivamente quente num clima como este, excepto nos dias frios de inverno. Por cima dele, está um pesado capelo, da mesma fazenda, retesado por meio de barba de baleia e no interior do qual se esconde por completo a cabeça. Estes capotes, de cor escura, dão às ruas da cidade um aspecto sombrio, sempre que se junta uma multidão de mulheres das classes remediadas que os vestem.

Obtem-se um efeito muito agradável com os ajuntamentos das mulheres do campo que, pela sua pobreza, usam um traje mais simples e mais colorido, mas cuja grande ambição é possuir um capote e capelo.

WALKER, Walter Frederick — *The Azores or Western Islands*. London, Trubner & Co., 1886, p. 283-186.

Trad. do A.



Camponés de S. Miguel
Extraído de: WALKER, Walter Frederick — *The Azores or
Western Islands*. London, Trubner & Co., 1886.

O CAMPONÊS AÇORIANO

Tal como os camponeses em França, estes ilhéus são trabalhadores e económicos; na generalidade, os trabalhadores ganham dez pence por dia e, no tempo das colheitas, de 1 xelim e 8 p. a 2 xelins e 2 pence; as mulheres e os rapazes fortes ganham 5 pence por dia. Em alguns sítios, os salários ainda são pagos em géneros — geralmente cerca de quatro galões e meio de milho por dia, para cada homem.

Não são também raros os contratos para trabalho pago em espécie; por exemplo, debulhar o milho, ficando com os carrilhos para combustível, etc.; malhar tremçoço para ficar com a palha; fazer um cesto ou canastra de vimes pela quantidade de milho que pode conter. Esta última condição faz lembrar uma velha lei árabe que condenava quem matasse um camelo a uma multa correspondente à quantidade de trigo necessária para lhe cobrir a carcaça.

O camponês açoriano é um grande comedor de pão, respeitando o velho adágio: «Tudo com pão faz o homem são».

Ao nascer do sol, quando se levanta, prepara imediatamente a «açorda azeda», misturando cebola, alho, vinagre, banha de porco e uma pitada de açafroa, tudo cozido em água suficiente para amolecer metade de um pão de milho. Mais ou menos às oito horas, come o segundo almoço no sítio onde se encontra a trabalhar, constando de peixe salgado, regado com água fresca; ao meio-dia, volta a sabo-

rear peixe salgado com pão e, à tarde, ao voltar para casa, toma a última refeição em família, que consiste de pão e couves, tudo cozido com banha, sal e malaguetas. Nestas refeições, um homem robusto consegue comer um pão e meio de milho por dia, feito com dois quilos de farinha. A primeira actividade da mulher, logo pela manhã, é moer o milho suficiente para o consumo do dia.

WALKER, Walter Frederick — *op. cit.*, p. 187-288.



Mulheres de capote e capelo
Extraído de: WALKER, Walter Frederick — *The Azores or
Western Islands*. London, Trubner & Co., 1886.

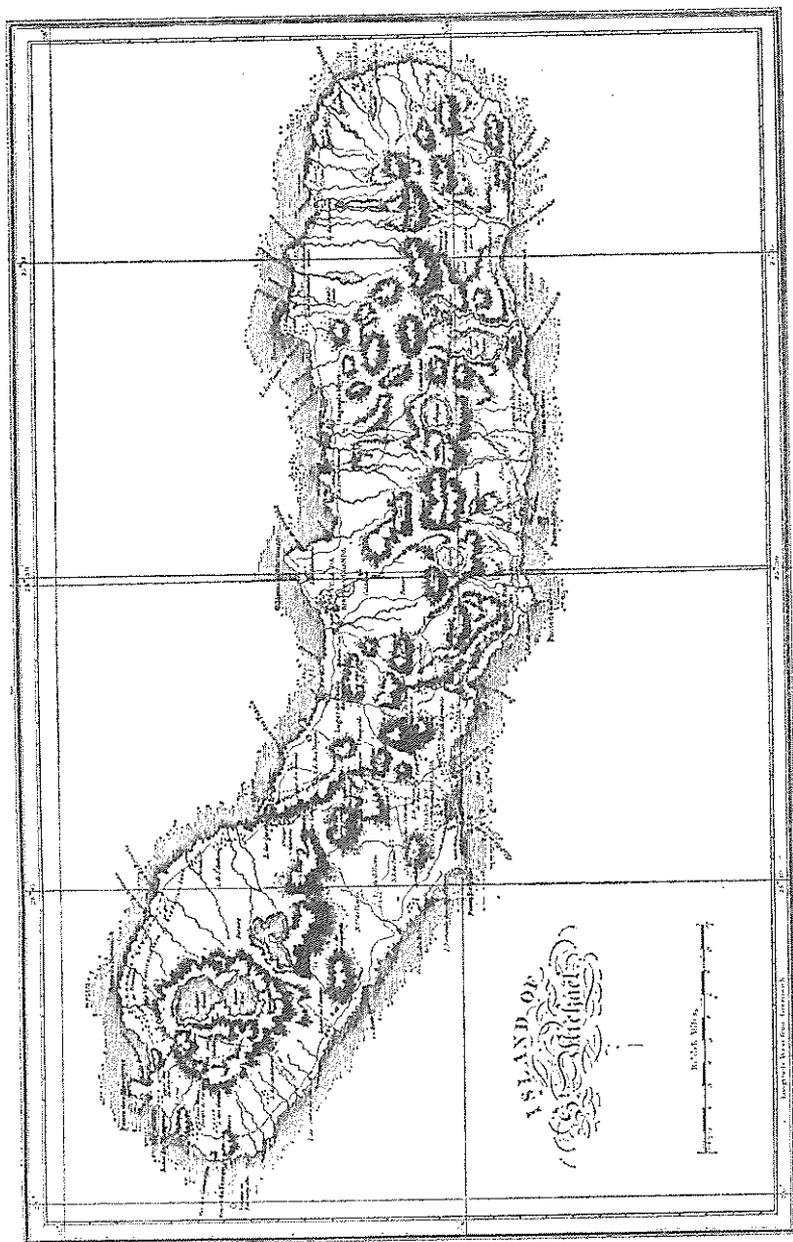
A MULHER AÇORIANA E O CASAMENTO

As mulheres dos Açores não apresentam aquele aspecto límpido e corado que é tão apreciado noutros países, mas os seus semblantes não são destituídos de jovialidade, e, muitas vezes, são bastante expressivos. Os seus pés são incrivelmente pequenos e o seu andar é vagaroso e elegante. As mulheres das classes mais elevadas vêm-se raramente nas ruas, pois tal é considerado um acto indecoroso. Não aparecem em público a não ser que venham acompanhadas dos pais ou irmãos, mesmo assim usam um véu e cobrem-se com enormes capotes de lãs azuis ou vestem uma estranha peça de vestuário preta, conhecida por manto, que, igualmente, as protege dos olhares da multidão.

É raro, especialmente em dias de festa, encontrar-se uma mulher, mesmo das classes mais desfavorecidas, que não se enfeite com um grande par de brincos e um pesado cordão de ouro ou um colar, do qual pende um crucifixo ou uma pequena imagem da Virgem. Estes ornamentos são sempre de ouro, e são comprados não só como ornamento mas também por um outro motivo bastante mais louvável: desejosas de poderem vir a ter um funeral decente, facto ao qual os açorianos dão a maior importância, e receando gastar todas as economias de um modo supérfluo, muitas investem parte delas em jóias com cujas vendas as despesas do funeral são custeadas.

As mulheres do campo são trabalhadoras e, durante o dia, trabalham no campo com os maridos. Quando não estão ocupadas nessa

MAPA DO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES



Extraído de: ASHE, Thomas — *History of the Azores or Western Islands*. London, Sherwood, Neely and Jones, 1813

tarefa, trabalham no tear, com a roca ou o fuso já que desconhecem totalmente o uso da roda de fiar. Também manufacturam cestos de vimes, esteiras e outros objectos.

No que diz respeito ao casamento, os açorianos não ligam muito à idade; não é raro ver-se uma esposa de doze anos casada com um marido de dezasseis, como é igualmente vulgar existir uma diferença de quarenta anos entre eles. Os casamentos são frequentemente determinados pelos pais, sem prévia consulta às filhas. Um cavalheiro que deseje casar, dirige-se ao pai da rapariga, o qual toma todas as medidas necessárias antes de informar a filha das suas intenções, e não são muitas as vezes que ela recusa o compromisso. Se, contudo, o pretendente é rejeitado pelo pai, dirige-se à dama, por carta, e obtém dela o consentimento; frequentemente a rapariga concorda fugir para a casa de uma amiga ou parente, onde o pai não a possa reclamar.

No caso da fuga não resultar, o amante tenta obter da rapariga uma declaração por escrito onde demonstre a sua vontade em casar com ele, declaração que ele, posteriormente, apresenta ao corregedor que imediatamente ordena ao pai para que dê o seu consentimento, ou se dirige pessoalmente a casa deste, reclamando-lhe a filha. A moça é conduzida à Igreja onde o padre é intimado a celebrar o acto. Passados alguns dias, o pai que se vai reconciliando gradualmente, recebe-os em casa.

Todos os casamentos realizam-se de manhã, nas igrejas paroquiais, que se encontram abertas todos os dias. Os amigos seguem o casal em procissão. Ao entrarem na igreja cada um dos membros do casal recebe do padre um círio aceso que é segurado e mantido aceso durante toda a cerimónia.

Terminada a cerimónia, regressam a casa e o resto do dia, assim como os três dias que se seguem, são passados em festejos.

WEBSTER, John W. — *A description of the island of St. Michael*. Boston, R. P. & Williams, 1821, p. 38-40.
Trad. do A.

OS GORDOS

A corpulência de um açoriano gordo impressiona mesmo um inglês acostumado a coisas semelhantes. Crê-se em geral que a Inglaterra goza o monopólio da gordura humana e que só entre nós existem as condições favoráveis a tal condição: abundância de rosbife e carneiro de ótimas pastagens, devidamente regados com cervejas e vinhos fortes, junto a uma plácida disposição de espírito e hereditário poder de digestibilidade — resultado combinado de muitas gerações de fígados generosos. Os escoceses, «por muito pensar, têm aspecto magro e famélico»; os irlandeses são demasiado irritáveis ou demasiado pobres; os franceses têm de facto apetite devorador. Mas como podem eles engordar com pão, feijões, ervilhas secas e água-pé? Pode-se viajar nos seus países que não se encontram senão as excepções necessárias à confirmação da regra.

Creio que na América não há muita gente gorda. A actividade comercial, sem paralelo, evita ali as acumulações adiposas.

Aquí, porém, encontram-se as condições necessárias. É evidente que faltam as ricas viandas e as cervejas. Mas o clima é ótimo, sem extremos; nem o frio que obriga o indivíduo obeso a um exercício excessivo, nem o calor que dá ao corpo dimensões mais adelgadas. Em todo o ano, de dia e de noite, uma temperatura estável de estufa dá ao corpo delicioso bem estar e convida-o à quietação e ao repouso.

Bem podia ter sido aquí construído o 'Castelo da Indolência'. E quem quer que, dominado pelo deleite da ociosidade, resolva, ao nascer-lhe um filho, que este 'não-há-de-fazer-nada' e se chame 'Nada-que-Fazer', deverá obrigá-lo a vir residir nesta ilha.

Nada há aqui que perturbe a corrente calma da vida. A política é assunto que se lembra só de mês a mês ou de três em três meses, amaciada pelo tempo e pela distância. A literatura não obriga ninguém a pensar porque o azeite de iluminação não dá para longas lucubrações e nenhum açoreano deixa de dormir por motivos de pensamentos ou cuidados, nem quebra os ossos com o trabalho.

Não tendo um indivíduo abastado nem livros nem jogos ao ar livre, nenhuma diversão física ou mental que exija exercício, à medida que os anos decorrem e as paixões arrefecem, como poderá ele distrair-se senão comendo e bebendo? Abundam o vinho e a comida; são hábeis os cozinheiros e a cada passo se vêem homens gordos. Como estes em grande número sofrem do fígado, parece-me não errar muito atribuindo a obesidade ao excesso de alimentação, sem embargo do meu pouco conhecimento dos apetites dos açoreanos.

As mulheres das classes abastadas têm a mesma tendência para a obesidade. Parece que a corpulência é atributo que nelas muito se admira. Desconheço, porém, qual a opinião que se seguirá — a da gordura — em que inevitavelmente e quase sem dar por isso caem tais criaturas.

Tenho visto aqui mulheres, que entre os hotentotes teriam sido outras tantas Vénus, e uma antiga freira que quase asfixiava sob o volumoso tronco.

Diz-se que certos indivíduos, que ao chegarem às Furnas parecem montanhas de carne, no regresso a suas casas vão de tal modo magros que quase os desconhecem os amigos. O processo consistiu em permanecer de molho uma hora por dia em água muito quente, deixando depois que, por espaço de mais uma ou duas horas, se opere o suadoiro de expurgo, para o que o paciente se embrulha em grossos casacões de lã e envolve a cabeça e o pescoço em toalhas. Os banhos produzem nestas pessoas um desgaste de reservas corpóreas semelhante ao que a fome no inverno causa num arganaz hibernante.

Há por aqui alguns indivíduos graves e obesos, que parece terem vindo cá para se submeterem a este processo de redução orgânica.

Podem ser muito úteis estes banhos como remédio contra a obesidade, e de fácil utilização por não exigirem o sacrifício doutros prazeres. Se se determinar a um indivíduo sensual que faça exercícios

árduos, que durma pouco e coma menos, é certo que se não será atendido. Se lhe aconselharmos o uso de um prazer, é quase certo que, em obediência a velhos hábitos, o conselho será seguido.

Não são numerosos os acepipes que se encontram no Vale.

Morangos vermelhos, os agriões de água e enguias criadas em lodo quente de água mineral, eis os principais. Coelho de carne insípida, aos quais o povo tem a mesma aversão que nós temos aos ratos, também se compram aos camponeses.

BULLAR, Joseph e Henry — *Um inverno nos Açores e um verão no Vale das Furnas*. Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1949, p. 326-328.

Trad. do original, *A Winter in the Azores and a Summer at the baths of Furnas*, London, John Van Voorst, 1841, por João H. Anglin.

CARÁCTER E TEMPERAMENTO DOS AÇORIANOS

I

Não obstante os seus defeitos, apresenta o carácter dos habitantes destas ilhas, apreciáveis qualidades que, sob um governo livre e providente, facilmente se converteriam em objecto de formosura moral ou de utilidade prática.

Sem o embargo da mão de ferro com que o país de há muito tem sido governado, mostram-se os açorianos consideravelmente mais independentes do que os seus irmãos da mãe-pátria. São eles de disposição pacífica e de percepção rápida; mas em todas as classes, tão deploravelmente ignorantes e em tal estado de rebaixamento mental que a sua existência pouco se eleva acima da dos animais irracionais.

Falam a língua portuguesa com variações dialectais particulares às diferentes ilhas, porém com um tom monótono em extremo desagradável ao ouvido.

Sob o ponto de vista físico, são muito superiores aos naturais de Portugal: muito mais belas as mulheres, ou antes, menos amarelas — de cabelos e olhos negros, mas de grandes pés e sem acentuada tendência para a formosura.

Tornam-se porém notáveis pela sua fecundidade, não sendo caso raro ter uma mulher doze, catorze ou quinze filhos.

Consideram-nas alguns viajantes portugueses como particularmente graciosas e possuindo, em geral, conduta moral digna.

Lamento não poder associar-me a tal coro de elogios; a menos que se tomem por qualidades de dignidade e graciosidade o andar

empertigado, com a cabeça embiocada nas dobras de um capelo, de mistura com uma aparência de espectro e um passo fúnebre.

De um modo geral, são os homens bem proporcionados, fortes e bem feitos, de expressão agradável nos rostos, que se assemelham algum tanto aos seus antepassados mouros.

As classes mais baixas e a gente do campo constituem categoria social muito acima dos seus pares de Portugal; são hábeis, inofensivos, mansos e delicados e, quando induzidos a trabalhar, mostram-se laboriosos em extremo. Não são traiçoeiros nem vingativos, como os seus irmãos continentais, ainda que, como estes, façam uso da faca quando elevados ao desespero.

São muito dados a pequenos furtos, arte em que, ao que parece, se consideram mestres, rivalizando, por conseguinte, na respectiva prática habitual com seus competidores, os Lazzaroni de Nápoles, bem como na rapidez de movimentos.

Como resultado natural da extrema ignorância, mostram-se supersticiosos e fanáticos até ao último ponto e humilhanamente sujeitos ao clero e suas manhas.

São apaixonados por música, mas não são hábeis na sua execução, instrumental ou vocal.

O seu instrumento usual é a viola, que acompanham com expansões grosseiras e extemporâneas. A dança ilhoa, que parece muito apreciada, chama-se lundum, cujo tom e movimentos se assemelham ao bolero espanhol. Aquela dança, foi recentemente adoptada nos mais elevados círculos sociais, servindo de fecho ou remate a qualquer serão.

.....

As mulheres das classes trabalhadoras executam todos os trabalhos grosseiros e pesados, sendo coisa surpreendente vê-las transportar com aparente facilidade, enormes cargas. Em resultado disto, porém, cedo perdem, em suas pessoas, os atractivos femininos, tornando-se enrugadas e prematuramente doentes.

As classes baixas nos Açores observam em extremo a temperança. E para atrair fregueses e obrigá-los a fazer despesa, costumam todos

os taberneiros expor à venda postas de peixe salgado, cozinhadas, e uma espécie de chouriço picante, chamado linguíça, que os homens muito apreciam.

As classes médias, negociantes e mercadores, são de marca muito inferior aos seus pares de outros países, onde de um modo geral, formam uma camada mais morigerada e moralizada da sociedade. Aqui são indolentes, sem a mínima consideração pelas normas de honestidade e de honra nas suas transacções, e extremamente dados ao jogo. Sua ignorância é extraordinária e, em suma, encontrando-se sob a funesta influência de um mau governo, são corruptos e viciosos em seus hábitos, gostos e occupações.

As classes elevadas, isto é, os morgados e a nobreza das ilhas, são uma raça ostentosa e tirânica, que exerce sobre os seus inferiores e subordinados a mesma espécie de despotismo que o governo pratica para com todos.

Não obstante, mostram-se caritativos com os pobres, prestáveis e bondosos para os estranhos e de tendências conciliadoras — ainda que em excesso orgulhosos, amigos da ostentação e affectando pompa, esplendor e opulência muito além dos meios de que dispõem.

Do mesmo modo que as outras classes, jazem em triste estado de degradação intelectual e moral, ignorando a existência de outras nações e ainda mais as condições em que elas vivem.

Terminam em geral o dia de ociosidade reunindo-se em casa uns dos outros, à vez, para o jogo — coisa que mais que nenhuma outra na vida produz grandes males, tanto materiais como morais, e cuja prática está em todos os países, na razão directa da extensão da estupidez.

Com excepção da música que, sendo um dom nacional, é frequentemente executada com perícia, possuem as senhoras pouca instrução. São elas em geral de maneiras acanhadas e grosseiras, desconhecendo a arte de conversar em sociedade e levando uma vida de supina indolência e recolhimento. Nunca se vêem na rua, excepto na igreja ou num ou noutro festejo nocturno.

.....

Além da música são apaixonadas pela dança e pelo vestir; mas ainda que para este recebam materiais da Inglaterra e da França, mostram na confecção e no acabamento do vestuário singular falta de gosto e elegância.

O traje de passeio comum às mulheres de todas as ilhas é um capote de pano azul, ou de seda preta, com um capelo pontiagudo e rijo de tal modo fechado na frente que não deixa ver senão um pouco mais do que a parte superior do rosto.

Possuem estas mulheres feitio amável e meigo, que, com boa educação faria delas excelentes companheiras na vida social e doméstica.

.....

Julgo os açorianos dotados de todas aquelas qualidades naturais e traços de carácter susceptíveis de tornar um povo, senão grande, ao menos bom, se eles fossem devidamente influenciados e dirigidos por um governo esclarecido.

BOLD, Captain — *Descrição dos Açores ou ilhas Ocidentais*. «Insulana», Ponta Delgada, 5 (2), 1949, p. 259-264.

Trad. do original *A description of the Azores or Western Islands*, London, [s. n.], 1835, por João H. Anglin.

CARÁCTER E TEMPERAMENTO DOS AÇORIANOS

II

Os camponeses são fisicamente superiores aos seus pares de Portugal. Os homens são bem constituídos, fortes e bem feitos, atléticos, e, como reza a história, corajosos, com um semblante agradável, até certo ponto, semelhante ao dos seus progenitores mouros; ossos da face salientes, nariz inclinado e adunco e uma face oval. As mulheres são mais belas e menos pálidas do que as portuguesas, têm, geralmente, cabelo e olhos pretos, embora eu tenha observado muitas crianças com cabelos louros e olhos azuis, que imaginei serem descendentes de colonos flamengos e outros europeus. As classes mais baixas são inofensivas, calmas, educadas e trabalhadoras. Os indivíduos dessas classes não são traiçoeiros nem vingativos, apesar de fazerem ocasionalmente usos da faca quando levados ao desespero.

São muito ignorantes e supersticiosos e alguns muito sujos e sujeitos a doenças de pele; gostam de jogar e de procissões quer religiosas quer militares, especialmente das primeiras com a sua ostentação e exposições. As mulheres das classes trabalhadoras carregam consigo muito do pesado fardo de uma dura vida.

Captain Boid, na sua visita a esta ilha no ano de 1832, descreve as classes mais favorecidas, nomeadamente os Morgados e a nobreza da ilha, «como uma raça orgulhosa e tirânica, exercendo sobre os seus inferiores e subordinados o mesmo tipo de despotismo que o Governo exerce em todos.» Isto aconteceu antes das reformas levadas a cabo por D. Pedro, que veio cá acompanhado do Almirante Sar-

torius e do Capitão Boid, após ter abdicado do trono do Brasil em favor do seu filho, o actual Imperador D. Pedro II. Captain Boid acrescenta que «as classes altas são caridosas para com os pobres, cordiais e amáveis com os estrangeiros e conciliadores apesar de excessivamente orgulhosos; com gosto pela ostentação e aparentando pompa, esplendor e opulência muito além dos seus próprios meios. Gostam do jogo. As senhoras não possuem grandes qualidades, com excepção da música, que é um dom nacional.

Raramente saem à rua, têm uma singular falta de gosto e de aprumo. São amáveis e dóceis, qualidades que apoiadas por uma educação conveniente, poderiam transformá-las nas mais agradáveis companheiras na vida social e doméstica.»

Passado quase meio século sobre a descrição que acabou de ser apresentada, e beneficiando, indubitavelmente, de mais frequentes contactos com os continentes Europeu e Americano, as maneiras e a educação da população melhoraram bastante, tal como noutros países.

SWINDELLS, Rupert — *A Summer trip to the Island of St. Michael*. Manchester, [s. n.], 1877, p. 48-50.
Trad. do A.

CARÁCTER E TEMPERAMENTO DOS AÇORIANOS

III

Julho, 7 — Hoje, domingo, fomos assistir à missa. Na igreja estava grande multidão de camponeses e visitantes, havendo grande tagarelice antes e depois das rezas. O templo é pequeno, as paredes limpas e caiadas e insignificantes e desbotadas as decorações do altar, cuja talha apresenta uma cor vermelha desmaiada ou cor de ardósia. De um lado, ardiam duas velas delgadas; do outro apenas um círio. Suspensa do tecto, por pequena roldana de madeira, presa a grosseira corda, via-se uma lâmpada, pouco melhor do que lanterna de estrebaria. O corpo da igreja estava juncado de verduras frescas e cheio de mulheres, ocupando os homens e os rapazes o espaço gradeado diante do altar e a parte junto à porta.

Ricos e pobres ajoelham uns ao pé dos outros, como criaturas do mesmo criador. E sobre a faixa de veludo garrido, ao lado dos aldeões mais pobres, ajoelha a esposa e a sobrinha do Barão.

Ao toque do sino grande, entram e enchem a extremidade da igreja os homens que haviam estado a conversar fora; e o padre ao mesmo tempo dirige-se a largos passos para o altar lateral, paramentado de branco. Ao penetrar no templo, os homens, consoante são velhos ou novos, entram silenciosos ou fazem barulho; dois deles usam à descrição a água benta das pias de pedra que estão à porta, aspergindo-se e atirando-a às mãos cheios aos que não conseguem aproximar-se com o aperto. Logo, porém, que começou a missa, todos sossegam por completo e tomam uma atitude séria, continuando assim até ao fim. O padre que diz a missa — indivíduo rude e inculto de quem se pode dizer que engrola o latim mascavado — murmura as

rezas em tom monótono, de fazer dormir, curva-se e ajoelha, não sem alguma graça, terminando as suas rápidas obrigações com um aviso aos paroquianos sobre qualquer eleição que se aproxima.

Acabada a missa, prendeu-me a atenção a cortesia de dois cavaleiros açorianos que haviam ajoelhado na minha frente na igreja, os quais, concluída a última reza, puseram-se de pé, tomaram os seus chapéus e lenços, deram uma volta e fizeram um ao outro cumprimento semelhante à reverência dos jovens pares, no final de uma quadrilha, em sala de baile.

Longo tempo levou a despejar a igreja. Quando isto se deu, formou-se à porta ajuntamento geral dos amigos e conhecidos das aldeias circunvizinhas, havendo abraços e parabéns, e apertos de mão, de mistura com gargalhadas e outras mostras de regozijo.

Várias circunstâncias e analogias faziam-nos recordar um domingo no campo, em Inglaterra; outras, porém, só por contraste no-lo relembravam.

Nunca estão próximos da igreja os cemitérios, nestas ilhas; e, ainda que o estivessem, faltar-lhes-ia o triste cipreste, com a sua melancólica sombra, ou as lápides mortuárias, brancas ou cobertas de musgo, a aconselhar comedimento a quantos necessitam o aviso de uma pedra tumular, para lhes lembrar que debaixo da terra alguém está sepultado.

As manifestações devotas de regozijo que em geral acompanham nas povoações rurais inglesas as comemorações de domingo, são salutarmente refreadas pela presença das sepulturas de parentes e amigos, reunidos na morada comum para onde irão também um dia os mediatundos mas felizes circunstantes. Por isso, uma igreja rural inglesa, no silêncio dos campos, é o centro visível de uma comunidade de vivos e de mortos, ponto para onde habitualmente convergem os interesses imediatos de uns e de outros.

Além do ruído que fazia, esta multidão é completamente diferente na sua composição, de tudo quanto observamos em Inglaterra.

Poucas coisas há mais curiosas do que o sair da multidão de uma igreja inglesa do campo.

Só em Inglaterra se vêem as respeitáveis matronas da aldeia, de aventais limpos, enxadrezados, e de capotas pretas, modestas; as

poucas «matriarcas» da localidade, arrastando-se para casa com caras sérias, sapatos de veludo, mitenes compridos e braços mirrados; camponeses de ar pasmado, de blusa, cheios de vigor e indolência; rapazes de cabelo amarelado, brilhante, do sabão amarelo que lhes puseram de manhã; frequentadores bem comportados do banco do 'squire', na igreja, desprezenciosos de trajes e de maneiras; e o pastor da aldeia com a sua respeitável esposa e treze filhos, — tudo isto a sair do pórtico de uma das nossas igrejas rurais.

Aqui, havia hoje gente de toda a parte da ilha: bandos de camponeses, esbeltos e desembaraçados, cuja incessante jovialidade se manifesta a cada passo em gestos e caretas; indivíduos de categoria mais elevada, de fatos vistosos e maneiras ostensivamente polidas; a grave e bem acompanhada amante do governador civil (que é casado), marchando, de livro de missa na mão, à frente de suas bonitas criadas como se fora mulher honesta; e um cura de aldeia, sem cultura nem mulher, nem limpeza (ia também dizer sem filhos), cõnscio da situação de inferioridade em que a sua profissão é tida entre os ilhéus, pelo pouco caso que mesmo esta gente conhecida condescende em fazer dele.

O dia era um domingo e toda aquela multidão de pessoas que não tinham nada que fazer, gozava tão deliciadamente o feriado, como se via pelas expressões dos rostos, que parecia que grande parte do fulgor do Sol e do céu lhes houvesse penetrado os corações, despertando-lhes os bons sentimentos e criando neles energias benfazejas.

Esta gente é dotada de grande sensibilidade.

As lágrimas saltam dos olhos de homens robustos, de meia idade, tão prontamente como dos das crianças, as mulheres, essas choram quando lhes apetece.

Procurou-nos uma pobre mulher de Vila Franca, aflitíssima, soluçando, banhada em lágrimas, que lhes corriam torrencialmente pela face, a própria imagem da dor. Haviãr roubado um saco e ela temia que o marido, homem de mau gênio, lhes batesse. Nada parecia mais verdadeiro. Semanas depois, soubemos tratar-se de uma artimanha para obter alguma esmola.

Os olhos de corpulentos funcionários, bem abastecidos de bigodeira, enchem-se de lágrimas, no momento em que se despedem de

amigos a bordo dos navios, e soldados rasos choram e soluçam nessas ocasiões, acenando com os lenços aos amigos que deixam em terra até desaparecerem de vista. Nas viagens entre as ilhas ocorrem frequentemente cenas destas — homens que partem, caindo nos braços uns dos outros, de olhos rasos de água.

As virtudes e vícios dependem em grande parte da sensibilidade orgânica. Observam a temperança no vinho, como se os seus organismos particularmente sensíveis os tornassem alheios aos prazeres de estimulantes artificiais.

Camões, em *Os Lusíadas*, faz de Baco o inimigo constante dos portugueses ao passo que Vénus, no Concílio dos Deuses, é sua amiga fiel. Tal alegoria aplica-se a estes ilhéus, cuja temperança se limita apenas às bebidas fortes.

São pessoas de génio brando, obsequiadores, receosos de ofender; divertidos, perguntadores e excitáveis, de gostos simples, com pouco se contentando; de modos comedidos e de sólida afeição aos lugares onde nasceram, coisas que pertencem a um estado social que está rapidamente a desaparecer. Os pobres mostram-se laboriosos quando obtêm ocupação, trabalhando arduamente a troco de remuneração insignificante.

A sua insolência é mais aparente do que real; quando desempregados, passam todo o tempo fora de casa, ao Sol. São bons barqueiros, pescadores e artífices, excelentes sobretudo nas artes que requerem mais imitação do que espírito inventivo.

Diz-se que são dados à gatunice, coisa que não posso afirmar por dela não ter sido vítima. Gostam de enganar o próximo e de usar de manhas, espécie de mentira que parece encontrar-se apenas entre os que giram nas órbitas mais polidas e artificiais da sociedade.

A julgar pelas sua diversões, parece-me tratar-se de um povo mais prazenteiro do que animado.

As danças e bailes frequentes e concorridos, as procissões religiosas nas ruas, e as excitantes cerimónias religiosas que a política da igreja católica tem ajustado ao gosto popular, indicam necessidade de estímulo de que um povo alegre raramente carece, mas que é necessário para produzir o gosto dos folguedos.

Têm também a fama de extremamente amigos da música, sendo muito considerável o número de rapazes que cantam e tocam viola. Há quem assevere que o gosto demasiado da música é sinal de fraqueza, bem como de grande vacuidade mental; não de vício ou de manifesta tolice talvez, mas de incapacidade ou falta de inclinação para o pensamento sóbrio; de domínio do som sobre a inteligência. Ainda que isto não seja verdade nos que cultivam a música como diversão eventual, o certo é que o aspecto geral dos músicos profissionais e das pessoas dadas à música parece confirmar a asserção. Muitas destas características se acentuam, de modo notável, nesta gente, o que, embora se harmonize com o espírito folgazão, é incompatível com as sólidas alegrias morais.

São por igual boas as maneiras das pessoas das classes mais elevadas e das mais humildes. O domínio de si próprio é tão vulgar entre os mais pobres como entre os da elevada estirpe, facto devido sem dúvida à circunstância desta gente haver vivido durante séculos em regime de rígida aristocracia de nascimento, em que a posição de cada qual se acha definida por limites tão difíceis de transpor, que nem de um lado há o esforço para subir, nem do outro a resolução de evitar tal subida.

As mulheres são tratadas com a deferência e a cortesia devidas ao seu sexo, independentemente de situação social. Assim, a parte melhor nas igrejas é reservada às mulheres, e nenhum homem toma o seu lugar sem que estas, mesmo as mais pobres estejam acomodadas. Nem lhes falta, pelo menos nas maneiras, aquele amor próprio, que, na opinião dos frenologistas, é uma das características e um dos encantos da mulher inglesa.

Excitados em suas paixões, diz-se que são vingativos e cruéis, liquidando à navalhada uma afronta ou injúria. Há poucos anos, durante as lutas para a mudança de regime, deu-se na cidade a carnificina de alguns velhos e inofensivos prisioneiros, cena que, respeitadas as devidas proporções, se equiparou, em crueldade e cobardia, a alguns dos piores crimes cometidos em Paris no reinado do terror. São raros os assassinios por interesse, sendo mais frequentes os que têm como móbil a vingança ou a cólera. Os suicídios são quase desconhecidos. Esta última circunstância, aliada à tendência dos açoria-

nos para a vingança, torna estes semelhantes aos irlandeses, os quais, segundo se diz, embora uma ou outra vez se afastem da rigorosa observância do sexto mandamento, possuem um conceito demasiado elevado do decoro para pensarem em acabar com a própria vida.

Estranho seria que tanta ternura se compadecesse com a crueldade e o espírito de vingança, se a sensibilidade fosse em si mesma uma virtude e uma prova de bondade do coração, em vez de mera disposição dos nervos e resultado do temperamento individual.

Duvido que eles sejam muito corajosos. Um temperamento assim será compatível com a coragem nacional? De vez em quando poderá haver espíritos resolutos habitando frágeis vasos. Em regra, porém, parece necessária uma formação mais vigorosa e menos excitável do sistema nervoso para a afirmação de um carácter decidido.

A população é toda, indiscutível e sinceramente, católica-romana, observando com rigor os seus deveres religiosos e cumprindo-os com todo o aspecto de séria devoção. Dizem-me alguns protestantes que se trata apenas de mero formalismo. Repugna-me aceitar esta acusação contra qualquer agrupamento humano, porque é matéria em que só Deus poderá julgar. Infelizmente, qualquer forma de religião (mesmo a mais simples) pode degenerar em puro formalismo, e os homens podem ter a mesma crença firme, tanto em doutrinas, como em simples observâncias rituais.

As grosseiras imagens e símbolos, que lhes falam apenas aos sentidos, não parecem ter produzido outro resultado senão uma funda impressão entre os pobres. Esta rude trasladação de palavras em coisas deu-lhes, ao que parece, uma realidade por vezes admirável, de crença nas circunstâncias reais que acompanharam a vida, os sofrimentos e a morte do Salvador.

Durante a última erupção vulcânica na ilha de S. Jorge, em 1812, quando a lava incandescente descia lentamente sobre a Vila de Urzelina, os camponeses encheram a igreja e ali permaneceram até ficarem soterrados.

Isto é superstição. Mas é também uma prova de fé, talvez mal dirigida. Em qualquer caso, alguma coisa melhor do que a fria descrença.

BULLAR, Joseph e Henry — *op. cit.*, p. 335-341.

A CAÇA AO CACHALOTE

A MORTE DE UM CACHALOTE

Eis, agora, o relato de uma execução majestosa, não só pela massa de sangue derramada como também pela quantidade de carne dilacerada; provocará nas almas mais sensíveis a emoção que nasce perante as grandes dores.

Foi em 18 de Julho de 1895. Tinha saído do ancoradouro de Angra, de madrugada, para realizar uma exploração zoológica nos fundos do alto mar, quando a minha atenção foi dirigida para duas pequenas velas que saíram da costa, afastando-se dela rapidamente, ultrapassando a estreita zona onde a pesca costeira se realiza; depois para outras duas embarcações, também à vela, que partiram de um outro ponto da costa, e rumaram na mesma direcção das duas primeiras.

Julgando que eram baleeiros insulanos, aos quais os vigias tinham dado sinal do aparecimento de cachalotes, e que avançavam para o local no qual se avistara o poderoso resfolegar destes animais, eu quis assistir ao drama que se aproximava.

Suspendemos o trabalho iniciado, ateamos o fogo nas fornalhas, e o meu navio aproou para as canoas.

Tive, porém, o cuidado de não me lançar no meio dos interveientes na acção desta caça, porque sabia que a surda ressonância de uma hélice, mesmo distante, transmitida pelas camadas líquidas, perturbaria os cachalotes no seu sonolento torpôr, o qual permite às embarcações aproximarem-se deles e, assim, realizarem, com êxito, uma empresa de tão grande importância para a vida dos pobres

baleeiros. Conservei-me, pois, afastado milha e meia de onde podia observar o que ia acontecer.

Então duas das canoas desceram as velas, e com o óculo pude ver que uma deles alcançara os cachalotes, cujo resfôlego repuxava periodicamente num jacto de vapor branco; vi ainda o trancador perto a atacar. Este drama tornava-se emocionante. Fiz avançar o navio logo que julguei ter o animal sido arpoado.

Antes que tivesse chegado perto da vítima, as canoas do segundo grupo tinham-se afastado para o largo, em perseguição dos cetáceos que fugiam. O animal ferido diminuía já o andamento, no início vertiginoso, com que tinha arrastado a canoa dos seus perseguidores, e, quando cheguei, recebia a primeira lançada do trancador.

Pouco depois a sua respiração ficava ofegante, e o jacto de água vaporizada que saía do seu respiro, elevando-se no ar, era cor-de-rosa, cor que depois era vermelha; e o próprio mar se tornou vermelho em torno do animal que se esvaía em sangue.

Desde então começou junto de nós a agonia de um gigante.

Este monstro que parecia inerte e que por vezes submergia nesse mar ensanguentado, oscilou pesadamente; a enorme cauda bateu com violência nesse grande lençol vermelho, e com o revolver das águas via-se aparecer turbilhões de espuma branca.

As cinquenta pessoas a bordo do meu navio estavam mudas de espanto, algumas agrupadas na proa, outras dispersas até nos mastros. Perturbado também pela inaudita grandeza deste espectáculo, seguia com ardor o seu desenrolar, como se se tratasse de uma visão prestes a desaparecer para sempre; comovia-me este sofrimento tão amplamente manifestado, e que na grandeza dos seus detalhes me parecia mais intenso que o dos seres da mais ínfima espécie.

Sentia pena deste gigante do mar, que, durante séculos, talvez, tinha levado o seu corpo para tantos horizontes, para os mais profundos abismos, sem nunca recear qualquer inimigo, que tinha folgado por entre as encapeladas ondas de mil tempestades, e que vinha sucumbir na lança de um pigmeu.

Todo este sangue espalhado, toda esta carne inerte, traziam-me à mente uma catástrofe como a queda de uma possante árvore ou o naufrágio de um navio.

Subitamente, o cachalote parou de fustigar as águas, e, como se a proximidade do nosso navio tivesse reanimado o seu cérebro, dirigiu-se rapidamente para nós.

Cheio de inquietação, perguntei a mim mesmo que efeito iria produzir o choque desse monstruoso corpo lançado contra o navio quer por vontade própria quer talvez devido às suas convulsões, quando repentinamente o animal, a vinte metros de nós, desapareceu.

Será que ia quebrar a quilha do navio, o leme ou a hélice, com o roçar do seu dorso ou com uma pancada da sua cauda? Tais foram as minhas preocupações durante dez segundos, após os quais o animal reapareceu, parado, do outro lado do navio. Os baleeiros aproximaram-se para o ferir uma vez mais com a lança, e a morte invadiu todos os seus órgãos, enquanto que os espectadores vibravam com uma comoção que chegava a suspender-lhes a respiração. O navio e os actores do drama flutuavam num lençol de água ensanguentado, que continuava ainda a ser sulcado por jorros mais vermelhos, que brotavam do animal e se perdiam naquele ambiente, como as nuvens que descem das montanhas se confundem pouco a pouco na bruma das planícies.

A sua enorme cabeça aparecia junto à popa do navio, e a maxila inferior, separada da outra pela descontracção muscular, balanceava agitada pelas vagas.

Vi então a sua boca, como uma imensa caverna, vomitar mais de uma vez vários cefalópodes, polvos, lulas de proporções impressionantes.

O cetáceo entregava-nos assim a sua última excursão aos abismos: a recente refeição que ainda não passara além do esófago.

Compreendi o valor científico destes objectos trazidos das regiões intermédias do mar profundo onde vivem seres protegidos, até hoje, pelo poder da sua natação, contra todos os nossos meios de captura, e cuja existência só se revela em aventuras julgadas fabulosas.

... ..

... certamente nunca vômitos foram observados com tanto interesse!

Fiz então aos baleeiros uma surpresa agradável, em troca das emoções que lhes devia: ofereci-lhes a oportunidade de sermos nós

a rebocar o cachalote até ao local para onde o queriam conduzir. Logo, com efeito, a alegria se mostrou em todos os rostos, e vibrou com as mais calorosas manifestações, porque uma brisa contrária começava a soprar, ameaçando trazer motivos para novo cansaço, a juntar à fadiga já grande de tão valentes marinheiros.

Para um príncipe a quem o seu dever obriga a conhecer bem as vilezas do mundo, é uma satisfação colher da alma de homens simples e bons, as flores de uma alegria sincera, de uma gratidão que sobe, espontaneamente do coração aos lábios, e desabrocha no brilho dos seus olhos.

ALBERT I, Prince de Monaco — *La carrière d'un navigateur*. Paris, Librairie Hachette [1901], p. 228-233.
Trad. do A.

A CAÇA AO CACHALOTE

De repente fez-se ouvir um barulho singular, a alguma distância; parecia o barulho de uma locomotiva, e, a ideia de um barco a vapor veio-nos imediatamente ao pensamento. Era, contudo, algo completamente diferente.

Quatro enormes cachalotes emergiram subitamente, a algumas braças do barco. Avançavam majestosamente, dois a dois, desaparecendo sob as ondas, reaparecendo à superfície um pouco mais longe, para novamente desaparecerem, e, era o barulho que faziam ao deixarem cair todo o seu peso na água, que nos havia surpreendido alguns instantes atrás. Todos os olhos estavam postos nesses gigantescos habitantes dos oceanos. Todos eles eram, certamente, maiores do que a nossa embarcação e calculámos que cada um deles devia medir 50 a 60 pés aproximadamente.

Gozámos durante algum tempo este imponente espectáculo que os cachalotes nos ofereciam, enquanto nos acompanhavam, emergindo e submergindo alternadamente; mas ultrapassaram-nos e, em alguns minutos, desapareceram da nossa vista.

— Que pena não estar a bordo de um baleeiro! Disse, nesse momento o capitão do *Santa Cruz*. Que bela caçada teríamos feito!

E, ao dizer isto, o pequeno homem sacudia a cabeça com um ar de pesar.

Vendo que tinha à minha frente um antigo baleeiro, aproveitei para pedir informações sobre a pesca ao cachalote, nos mares dos Açores.

O pequeno capitão acedeu simpaticamente à minha curiosidade e, enrolando o seu tabaco talhado numa folha de milho, em forma de cigarro, contou-me várias particularidades da sua vida. É com base na sua narração, confirmada pelas indicações dos cônsules de França e dos Estados Unidos, que redigi as notas que se vão seguir.

.....

A pesca ao cachalote (*Catodon macrocephalus*) constitui, nos Açores, a base de uma indústria organizada.

Todos os anos, pelo menos uma centena de embarcações passam neste arquipélago durante a estação alta, ou seja, depois de Abril até Novembro, e entregam-se exclusivamente a este tipo de pesca, ou melhor, a esta caça, que apresenta os seus perigos. Estas embarcações, cuja tonelagem varia entre as cem e as quatrocentas toneladas, designam-se por baleeiras. Trata-se, geralmente, de pequenos brigues de dois mastros ou até mesmo de três de menor porte, com velas que apresentam uma disposição e armação particulares. Quase todos estes navios são americanos; somente um pequeno número é de origem portuguesa ou açoriana.

Cada baleeiro possui a bordo dois homens, dotados de uma visão perspicaz e exercitada, em constante observação no cimo dos mastros; por outro lado, encontra-se munido de quatro ou cinco canoas que rompem as águas com grande facilidade. Logo que um cachalote ou qualquer outro cetáceo é assinalado pelos vigias, as canoas são lançadas à água; três ou quatro partem na direcção indicada para dar caça ao monstro marinho e tentarem aproximar-se dele. Cada um destes barcos transporta seis remadores possantes, marinheiros experimentados e audaciosos, um timoneiro hábil para segurar o leme e ainda um arpoador, normalmente um velho lobo do mar, dotado de sangue-frio, bom golpe de vista e um sólido pulso.

Quando a canoa está perto do mamífero, o arpão é lançado por um braço ágil e robusto e, neste instante, é necessária uma grande destreza. O cachalote ferido foge rapidamente para o fundo do mar e a corda do arpão, em parte enrolada à volta do braço do arpoador e, em parte, fixada à canoa, desenrola-se à mesma velocidade. Neste momento crítico, é necessário evitar que a corda se prenda e ajudar

habilmente a que ela se desenrole sem se engatar. A sua velocidade é tal que se incendiaria no contacto com a canoa se não se tivesse o cuidado de a molhar constantemente. Entretanto, o cachalote não pode ficar senão uns minutos debaixo de água e reaparece à superfície para respirar; o jacto de água que lança, ao respirar, vem ensanguentado. Volta a mergulhar, mas antes são lançados novos arpões de outras chalupas e, desta vez, é já com duas ou três feridas profundas que ele foge para o seio do oceano.

Algumas vezes os arpoadores utilizam um arpão especial, metido num aparelho parecido com uma grande tómbola de cobre. A corda encontra-se igualmente protegida deste aparelho. Por meio de uma mola potente, o arpão parte como uma flecha e vai-se anichar no dorso do animal. Mas parece que este aparelho mecânico é menos certo do que o arpão lançado à mão, daí que a sua utilização não seja muito frequente. Ainda recentemente, inventaram uma terceira e ainda mais terrível arma de destruição: é uma espécie de petardo que, lançado sobre o cachalote, utilizando-se o mesmo processo do arpão, explode ao penetrar na carne. Assim, o homem tem-se preocupado em inventar meios para fazer guerra a este rei dos mares, e, em breve, talvez, estes animais cujo habitat parecia protegê-los, tornar-se-ão extremamente raros se é que não desaparecerão como aconteceu com outras espécies que foram totalmente aniquiladas.

Finalmente, o cachalote exausto reaparece à superfície, onde as suas aparições se tornam mais frequentes. É com dificuldade que volta a mergulhar, agora a pouca profundidade, adiando assim, por alguns instantes, a sua derrota. Neste momento, as chalupas reúnem-se em círculo, cercam-no e matam-no com golpes de lança.

Mas, muitas vezes, o enorme animal defende-se e vende cara a vitória dos seus inimigos. Infeliz da canoa que se deixar levar na perseguição e se encontra demasiadamente avançada! Com um golpe da possante cauda, o cachalote varre tudo o que se encontra nas proximidades, a barcaça é lançada ao ar e num instante se afunda; os homens nadam e os objectos flutuam à superfície, e se os companheiros não vêm imediatamente em seu socorro pode muito bem acontecer que dois ou três dos pescadores não reapareçam jamais nas embarcações.

Mas enfim, a luta termina: o cachalote está morto ou agonizante, as chalupas trazem-no a reboque até ao brigue, o qual, durante todo o tempo, esteve em observação e se manteve a alguma distância do local do combate. Iça-se o cetáceo num dos lados do navio de modo a que o corpo se mantenha à tona da água, a tripulação janta alegremente e procede-se, em seguida, ao esquarteramento, operação sempre acompanhada de copos de gin e de cantorias.

DROUET, Henri — *Sur Terre et sur Mer*. Paris, Lib. Hachette, 1870, p. 127-133.
Trad do A.

OS AÇORES
E O INTERESSE CIENTÍFICO
NO SÉCULO XIX

UM ROTEIRO CIENTÍFICO

Partimos de Lisboa no decurso do mês de Abril último, chegámos felizmente a S. Miguel, a principal ilha dos Açores, em finais do mesmo mês, e as investigações começaram imediatamente. Depois de ter explorado minuciosamente os arredores de Ponta Delgada, a capital, a nossa atenção fixou-se, particularmente, nos pontos mais interessantes da ilha, e foi assim que visitámos, sucessivamente, a bela Caldeira das Sete Cidades ⁽¹⁾, notável pela sua grandiosidade e pela extensão do seu lago; a Lagoa do Fogo, tão pitoresca em si mesma e pelas magníficas cascatas que a confinam; o Vale das Furnas, famoso pelas suas águas minerais e pelo seu maravilhoso lago e, sobretudo, pelos seus fascinantes vulcões de água a ferver (local verdadeiramente encantador que merece ser amplamente conhecido) e, finalmente, mais a Este, o Pico da Vara, montanha árdua, que é o ponto mais elevado da ilha. Por outro lado percorremos bastantes localidades secundárias, um grande número de picos e de cadeias de montanhas, nomeadamente Serra Gorda, Pico da Pedra, Pico do Fogo, Lagoa do Congro, Caldeiras, explorámos toda a costa meridional desde os Mosteiros até à Povoação, e visitámos os arredores de Vila Franca (e o ilhéu do mesmo nome) e da Ribeira Grande. A ilha de S. Miguel, que não se pode caracterizar bem senão comparando-a com um vasto jardim vulcânico, plantado de laranjas ⁽²⁾, onde existe outro

(1) Nos Açores, a maior parte das crateras vulcânicas hoje extintas e interiormente cobertas por uma vegetação mais ou menos rica, são conhecidas por Caldeiras. Estas Caldeiras são, algumas vezes, tão extensas, que poderiam ser vistas como grandes vales circulares. (Nota do original).

(2) As laranjas de S. Miguel são muito conhecidas e constituem, com os cereais, o principal ramo do comércio de exportação. (Nota do original).

jardim das Hespérides (sem o dragão); a ilha de S. Miguel, sendo a maior, a mais importante e, certamente, também, a mais interessante, a todos os níveis, do arquipélago dos Açores, pensámos que devíamos dar à sua exploração uma atenção mais minuciosa e, conseqüentemente, fazer uma paragem mais prolongada. Assim, tendo em conta estas considerações e circunstâncias particulares que é inútil estar a referir neste momento, permanecemos nesta ilha dois meses.

Na verdade, aproveitando um intervalo, encontrámos a oportunidade de ir até Santa Maria; estivémos lá uma semana e, excursões quotidianas, permitiram-nos sulcá-la, em todos os sentidos, tornando essa estadia tão frutuosa quanto possível. Santa Maria tem uma fisionomia peculiar; em minha opinião, é a mais bela e graciosa de todas, juntamente com as Flores. É bastante fértil. Podemos lá encontrar uma argila plástica com a qual os habitantes fabricam um tipo de cerâmica grosseira ou que então mandam para as ilhas vizinhas, indústria que também se encontra na Graciosa. Na Baía de S. Lourenço, pudemos visitar o ilhéu dos Romeiros (ou dos Peregrinos), célebre pela sua gruta e pelas suas estalactites. Constatámos também, nesta ilha, a presença de um terreno calcário, rico em fósseis. Quanto à ideia de que um gigantesco osso fóssil, mencionado por alguns viajantes, pertenceria, segundo a tradição local, a um gigante, ele não era mais do que um osso de baleia, há muito tempo enterrado na areia perto da ribeira, e agora desaparecido. Um grupo de pássaros cantores anima o bosque de loureiros e de laranjais deste feliz recanto.

Ao desembarcarmos no Faial, no início de Julho, separei-me de Morelet, meu companheiro de viagem, a fim de aproveitar uma oportunidade que me permitia visitar as ilhas Graciosa, Flores e Corvo. Parti na companhia do senhor Georges Hartung, geólogo prussiano, que a sorte nos tinha permitido conhecer em S. Miguel, o qual estudava o arquipélago dos Açores sob o ponto de vista da geologia e da mineralogia, depois de ter feito o mesmo na Madeira e nas Canárias. Morelet ficou momentaneamente só com a missão de explorar o Faial e o Pico.

A Graciosa é uma ilha muito pequena, fértil e rica em cereais. A sua Caldeira é extremamente interessante e notável pela prodigiosa variedade de rochas basálticas e traquíticas. Por outro lado, ela apre-

senta um fenómeno, dos mais curiosos, que lhe é particular. É a enorme fenda, com quase cem pés de profundidade, onde as paredes descem a pique. Ao longo destas paredes crescem numerosos fetos, e, nas reentrâncias anicham-se bandos de pombos selvagens. No fundo deste abismo encontra-se um lago com emanações sulfurosas. Desce-se (não sem perigo) ao fundo deste *forno*, como lhe chamam, por meio de cordas, fixadas na extremidade da abertura e passadas em volta do nosso corpo, e sobe-se da mesma forma. Na Graciosa, fiz uma descoberta com algum interesse: é um lagarto, cuja existência ninguém conhecia nos Açores.

Da Graciosa, passámos às Flores, digamos que com alguma dificuldade, porque uma violenta tempestade nos fez perder sete dias e sete noites para percorrermos um trajecto de aproximadamente sessenta léguas! Um dia, talvez tenha a oportunidade de contar as emoções desta travessia e os perigos experimentados, num frágil batel, no meio desse mar terrível ⁽³⁾.

As Flores merecem bem o nome que têm — *Ilha das Flores!* É impossível encontrar outra tão luxuriante vegetação. Fetos nas altas palmeiras verdes, conjuntos de flores mais brilhantes do que o ouro, urze nas pequenas campainhas cor-de-rosa e brancas, umbelíferos tão grandes como guarda-sóis brancos, ranúnculos gigantescos, rosáceas vigorosas, convólculos subtis e elegantes, labiáceas odoríferas, orquídeas que parecem de veludo; todas as riquezas da flora estão aqui reunidas e espalhadas com uma tal profusão, que parecem ter sido desenhadas por uma mão desconhecida, sobre um fundo de musgos sempre verdes e de delicadas gramíneas.

Para não falar na profundidade dos vales, na altura das escarpas, na frescura das cascatas, no barulho das torrentes, no horror dos precipícios, na tranquilidade das pastagens, na sombra verdejante dos bosques de zimbros, na atitude ameaçadora dos rochedos suspensos; todos estes aspectos da natureza formam um conjunto e quadros cheios de graciosidade, de harmonia, de mistério, de esplendor e de majestade,

(3) O *Santa Cruz*, um pequeno e mau iate de trinta e seis toneladas. (Nota do original).

que se torna quase impossível de individualizar. A minha pena, pelo menos, é incapaz de os descrever. É necessário vê-los e senti-los.

Esta ilha produz azarcão, líquen tintureiro que os audaciosos herbolários vão recolher nas rochas escarpadas, mesmo pondo em perigo as suas vidas, supendendo-se através de cordas nos terríveis precipícios. Asseguram-me que dois homens podiam assim ganhar, num dia, uma piastra (5 a 6 francos) ⁽⁴⁾.

A ilha mais pequena do arquipélago, o Corvo, que quase toca nas Flores, tem uma Caldeira digna de interesse, e sobretudo uma singular raça de vacas, notáveis pelo seu pequeno porte, já conhecida de Vossa Majestade ⁽⁵⁾. Mas, aí, procurar-se-ia, em vão, a famosa estátua equestre apontando o Novo Mundo, da qual falam os antigos cronistas ⁽⁶⁾ (estátua que, segundo eles, teria sido vista por Cristóvão Colombo), assim como as pretensas inscrições de caracteres desconhecidos, sobre os rochedos. Tudo isso parece não ter existido senão na imaginação de viajantes, amantes do maravilhoso.

Depois de ter passado uma semana nas Flores, regresssei ao Faial, no começo de Agosto, e reencontrei Morelet, que tendo acabado as suas explorações no Faial e no Pico, estava prestes a embarcar para a Terceira.

O Faial possui também o seu género de beleza, vales profundos, uma vegetação variada e abundante, locais fascinantes e as suas montanhas recordam as formas pitorescas das Flores. Os arredores da Horta, o ponto principal da ilha, merecem ser explorados, e são dignos da total atenção do naturalista. Mas a sua mais curiosa localidade é, para quem quer que seja, e sem sombra de dúvida, a Caldeira. Aí, o botânico e o geólogo farão, com certeza, uma recolha abundante, o pintor encontrará perspectivas desconhecidas, o poeta, inspirações

⁽⁴⁾ O azarcão (*Rocella tinctoria*) exporta-se, particularmente, para a Inglaterra, ao preço de 13 a 14.000 reis (63 francos aproximadamente) o quintal. (Nota do original).

⁽⁵⁾ Neste mesmo ano, S. M. o Rei de Portugal fez a entrega a S. M. a Rainha de Inglaterra de vários espécimes seleccionados desta raça. A altura de um touro é aproximadamente 40 polegadas inglesas. (Nota do original).

⁽⁶⁾ Frutuoso, Cordeiro, e depois deles, vários outros escritores contemporâneos. (Nota do original).

novas. A zoologia, aí como noutros locais, está em desvantagem, como Vossa Majestade terá oportunidade de ver de seguida. Diz-se que um cavalheiro português se retirou para este lugar e aí construiu uma cabana onde vinha passar o Verão, para repousar. Actualmente a cabana desapareceu. Mas a bela e brilhante vegetação, as ravinas, as nascentes, as cascatas, o lago azul, as flores selvagens, subsistem sempre. O gracioso vale, conhecido por Vale dos Flamengos, merece, igualmente, ser mencionado. No Faial produzem-se as melhores bananas do arquipélago.

A ilha do Pico, tão perto do Faial que se atravessa o canal que as separa em menos de uma hora, tem uma aparência mais selvagem. Os seus ribeiros, cobertos de enormes lavas rochosas, batidas incessantemente pelas vagas encolerizadas, têm um aspecto sombrio e desolador, pleno de melancolia. Percorrem-se, assim, léguas inteiras sobre as costas sem se ver outra coisa a não ser uma areia negra, na qual estão enterradas rochas pretas e bizarras, e aqui e ali, a flor brilhante de uma planta açoriana, a *Solidago azorica*. Mas esta ilha é famosa pela sua montanha (o Pico), montanha vulcânica com uma altitude de 2.222 metros. De tempos a tempos, esta altiva montanha, cujo cume está quase sempre coberto por uma tripla coroa de nuvens, lança ainda alguns jactos de fumo (?). A produção principal do Pico é o seu vinho. A vinha, coisa curiosa de ver, cresce sobre a lava e no meio das mais áridas rochas. A ilha produz, igualmente, uma grande quantidade de frutos muito apreciados, tais como damascos, figos, ameixas, maçãs, peras, marmelos, etc.

Pensei terminar a minha viagem com a ascensão do Pico, e coroar aí o seu empreendimento, quando, no exacto momento em que me encontrava a pôr este projecto em execução, tendo já atingido

(?) Os habitantes da região dizem que o interior da montanha está cheia de fogo, e acrescentam com toda a seriedade, «que também há lá dentro bastante ouro e prata». É uma tradição enraizada entre eles, e que tem por base o facto de existirem numerosas partículas de mica encrostadas nas rochas e na areia. Apercebemo-nos, a uma grande distância, no mar, da existência deste colossal cone, colocado nestas paragens como um farol ou como uma imensa torre, para guiar os navegantes. (Nota do original).

metade do caminho, em direcção ao cume da montanha, resenti-me dos primeiros ataques de uma doença que adquiri devido à fadiga e privações da viagem às Flores e Graciosa: uma inflamação no fígado, que degeneraria em breve em icterícia, retendo-me na cama, perto de um mês e pondo termo à parte científica da minha viagem (15 de Agosto) ⁽⁸⁾.

Durante este tempo, Morelet explorou a ilha Terceira; duas semanas de excursões contínuas chegaram para que ele pudesse fazer o reconhecimento deste importante ponto do arquipélago, e levar as suas explorações não somente aos arredores de Angra, à Caldeira principal (Caldeira de Santa Bárbara) e Monte Brasil, mas também a várias localidades secundárias, não menos interessantes para o naturalista. A Terceira parece ser a ilha mais rica em caça, e as suas pastagens são excelentes.

Tal é, Senhor, a narração abreviada dos nossos percursos, exposição sumária das nossas expedições. Das nove ilhas que constituem o arquipélago dos Açores, oito foram visitadas por nós. Somente São Jorge escapou às nossas investigações. Apesar da nossa ardente vontade de lá ir, as circunstâncias assim não o permitiram. Contudo, as suas analogias quanto à formação, constituição, vegetação, com a ilha do Pico, e sua proximidade com esta mesma ilha, faz lamentar menos esta lacuna, no conjunto das nossas operações. Resta-nos apresentar, a Vossa Majestade, o quadro dos resultados das nossas pesquisas. Esse quadro será curto e sucinto, tal como este resumo. Darei, todavia, a V. M., uma ideia das produções naturais da região que explorámos. Este será o assunto da segunda parte deste relatório.

DROUET, Henri — *Rapport a sa Majesté le Roi de Portugal sur un voyage d'exploration scientifique aux îles Açores, executé par MM. Morelet et Henri Drouet*. Troyes, Bouquot, 1858, p. 6-14.

Trad. do A.

⁽⁸⁾ Com mais sorte do que eu, Morelet conseguiu fazer a ascensão do Pico, mas a verdade é que o fez com muita dificuldade e a custo de mil fadigas e dos mais penosos incidentes (Nota do original).

OS AÇORES E AS CIÊNCIAS NATURAIS

A constituição física dos Açores assim como os principais fenómenos de que foram palco, começaram a ser conhecidos no mundo da ciência, mas o estudo do reino orgânico foi completamente negligenciado até que, em 1838, Guthnick, Hochstetter e Gygax, os dois primeiros botânicos e o terceiro mineralogista, resolveram colmatar, em parte, esta lacuna. Foram consagrados três meses e meio a uma exploração rápida que se estendeu a todas as ilhas excepto Santa Maria. O resultado mais interessante que daí se obteve, foi uma exposição sobre a flora açoriana, publicada numa compilação alemã, de carácter científico, com a colaboração do Dr. Seubert, reproduzida mais tarde numa monografia especial da qual este cientista adquiriu os direitos de autor ⁽¹⁾. Constatou-se que existiam à volta de 400 espécies, que também se podem encontrar por todo o continente europeu.

Entretanto, um outro botânico, o Dr. Watson, aproveitou o facto de o almirantado inglês andar a fazer levantamentos nestas paragens, para acrescentar novas descobertas às dos seus predecessores. Chegou a altura de prestarmos o justo tributo à obra bem conhecida do Capitão Vidal, que retomou a de Tofiño, rectificando as partes incorrectas e completando, através de uma série de trabalhos, que duraram

(1) *Übersicht der Flora des azorischen Insel*, in: «Wiegmanns Archiv für Naturg.», 1843. Mauritius Seubert — *Flora Azorica*, Bonne, 1844. (Nota do original).

dois anos, a descrição do hidrógrafo espanhol⁽²⁾. A carta geral e particular dos Açores, fruto dessa difícil campanha, fornece, diariamente, novos e apreciáveis serviços à navegação.

Watson fez conhecer o resultado das suas excursões botânicas mais ou menos ao mesmo tempo que os cientistas cujo itinerário ele havia seguido. O seu catálogo contém 396 plantas fanerogâmicas, e 75 criptogâmicas, fazendo um total de 471 espécies⁽³⁾.

Finalmente, mencionarei, para completar esta panorâmica, dois artigos sobre as ilhas de S. Miguel e Santa Maria, publicadas em 1845 no *Journal de la Société Géologique de Londres*, pelo Sr. Hunt, antigo cônsul de S. M. Britânica nos Açores⁽⁴⁾. Neles se encontram novos detalhes sobre a constituição do solo, observações sobre o clima e algumas referências superficiais sobre botânica e Zoologia.

Cinco anos antes, no relato da viagem empreendida pelo *Beagle*, Darwin contava, por sua vez, mas com muitíssimo mais interesse, as suas excursões geológicas na Ilha Terceira, onde as aves e os insectos que observou lhe recordaram os existentes em Inglaterra⁽⁵⁾.

Infelizmente a embarcação que transportava este perspicaz observador limitou-se a fazer uma curta paragem no Arquipélago.

Aqui deixamos o resumo dos trabalhos originaes que foram publicados sobre os Açores, dos quais sobretudo as Ciências Naturais tiraram proveito.

MORELET, Arthur — *Iles Açores: notice sur l'histoire naturelle des Açores*. Paris, J. B. Baillière, 1860, p. 11-13.
Trad. do A.

(2) A obra *Description nautique de l'Archipel des Açores*, por A. Vicente Tofiño, foi traduzida para o francês, de acordo com a edição de 1789, nos *Annales maritimes et coloniales*, vol. 1, p. 5, 1830. (Nota do original).

(3) *Notes on a botanical tour in the Western Azores*, por H. C. Watson, in: «*London Journal of Botany*», vol. 2, p. 1, 125, 394, (1843); vol. 3, p. 582 (1844); vol. 6, p. 380 (1847). (Nota do original).

(4) *The Journal of the Royal Geographical Society of London*, vol. 15, p. 258, 1845. (Nota do original).

(5) *Journal of Researches into the Geology and Natural History of the various Country visited by the Beagle*, London, 1840, p. 595. (Nota do original).

O «HIRONDELLE» NOS AÇORES

A terceira campanha do «Hirondelle», levada a cabo por S. A. o Príncipe de Mónaco, com o objectivo de prosseguir, em colaboração com o professor G. Pouchet, o estudo experimental das correntes do Atlântico, previa desde o início uma escala nos Açores.

De modo a tirar o melhor proveito possível de uma expedição que devia conduzir o iate através do oceano até à América, foi elaborado um programa de estudos com bastante antecedência. S. A. o Príncipe Alberto resolveu fazer nos Açores dragagens profundas e consagrar à exploração das ilhas todo o tempo de que se pudesse dispor, desde que isso não prejudicasse a grande experiência a realizar na corrente do Golfo. Pesquisas semelhantes deveriam ser igualmente empreendidas na Terra Nova.

Consequentemente, preparou-se o equipamento científico com bastante mais cuidado, tendo em vista as explorações em terra, o que não era hábito em grandes expedições marítimas.

Interessado, desde há longa data, por questões relativas à fauna dos lagos e conhecendo de antemão a importância que a sua descoberta nos Açores poderia vir a ter, apliquei-me a fundo na previsão, até ao mais pequeno pormenor, do que necessitaria para satisfazer as exigências de uma exploração às caldeiras. São assim chamadas, nos Açores, as crateras extintas. A maior parte delas apresenta uma depressão central onde se acumulam as águas das chuvas que formam, em certos casos, pântanos ou então verdadeiros lagos.

Foi pensando nas capturas que poderia fazer nessas localidades que me muni, de entre outras coisas, de seda extremamente fina.

Estes tecidos utilizados, no fim de contas, por S. A. o Príncipe Alberto para a confecção de diversos aparelhos, que serão descritos posteriormente, não seriam muito recomendados aos naturalistas. Ainda que um certo número de trabalhos publicados no estrangeiro nos dêem conta das superiores qualidades destes tecidos, parece que, até agora, nenhum zoólogo se serviu deles, em França. É, contudo, bastante fácil encontrá-los em Paris.

Estes pormenores têm a sua importância, e eu insisto neles porque, certamente, o êxito de uma exploração deve-se, em grande parte, ao cuidado que se põe em prepará-la. Contudo, não foi isso que se passou nos Açores, durante as nossas excursões em terra.

Retidos no mar devido a estudos do mais alto interesse, nós só desembarcamos durante os intervalos indispensáveis ao restabelecimento do iate. Mas, nessas alturas, não se perdia uma única hora, pois as pesquisas eram imediatamente conduzidas para os pontos mais favoráveis. Foi por isso que, mesmo com um número relativamente reduzido de percursos, se conseguiram alcançar os importantes resultados que a seguir se apresentam.

Acrescente-se que S. A. o Príncipe Alberto, visitava os Açores pela terceira vez, no «Hirondelle», e que por isso, beneficiei grandemente do seu conhecimento da terra e dos seus habitantes. Entre estes é com grande prazer que cito S. D. Dabney, cônsul dos Estados Unidos no Faial, que nos prestou, aliás, de acordo com uma velha e honrosa tradição familiar, uma cooperação inestimável (!).

GUERNE, Jules de — *Excursions zoologiques dans les îles de Fayal et de San Miguel (Açores)*. Paris, Gauthier-Villars et Fils, 1888, p. 7-9.

Trad. do A.

(!) «Enfim, como poderia eu deixar de mencionar a família de M. Dabney, conselheiro dos Estados Unidos no Faial, sempre tão amável para os estrangeiros e sempre pronta a ajudar com tal delicadeza e distinção que parecem hereditários na família?»

Assim se exprimiu, há 29 anos, H. Drouet no *Rapport à sa Majesté le Roi de Portugal sur un voyage d'exploration scientifique aux îles Açores*. Troyes, 1858, p. 32. (Nota do original).

NATURALISTAS NOS AÇORES

Antes de nós, um pequeno número de naturalistas dirigiu a sua atenção para estas ilhas, mas as suas observações incidiram principalmente sobre a flora deste Arquipélago. Um dos primeiros naturalistas que abordou os Açores foi, verdadeiramente, Adanson que, no regresso da sua viagem ao Senegal, em 1753, parou no Faial e aí passou três semanas; no entanto, a zoologia de pouco beneficiou com esta estadia.

Depois, o arquipélago não foi senão visitado por botânicos e geólogos ingleses ou americanos e alemães. Assim, Forster (1772), Masson (1777), Gutnick e Hochsteter (1838), Watson (1842) exploraram este grupo de ilhas com o objectivo de estudarem a sua vegetação, enquanto que Webster (1820), Mouzinho de Albuquerque (1825), Boid (1835), Vargas de Bedemar (1835), Gygax (1838) e Darwin (1839), estudaram-no, sobretudo, do ponto de vista da constituição geológica. Por outro lado, Bullar, Hunt e alguns outros observaram os fenómenos meteorológicos e o clima, enquanto que se devem ao espanhol Tofiño, ao inglês Vidal e ao francês Ph. de Kerhallet documentos preciosos sobre as características das costas e a sua hidrografia. Citemos ainda dois zoólogos o dr. Tams e o sr. Albers que passaram, um em S. Miguel e outro no Faial, e o sr. Forbes que parece ter estudado alguns moluscos terrestres deste Arquipélago.

.....

Existem, ainda , em Portugal e até mesmo nos Açores, um conjunto de jovens, verdadeiramente instruídos e imbuídos de generosas aspirações a quem eu convido ao tão nobre estudo da natureza: guiados pelos princípios consignados nas obras imortais de Linné, Cuvier, Lamarck e de Humboldt, e apoiados ainda nos trabalhos de zoólogos contemporâneos, eles não deixarão de construir sobre estes *Éléments de la faune açoréenne* um edifício mais sólido e mais completo, ou, pelo menos, aproveitarão os seus materiais necessários para que se tornem inteiramente conseguidos.

DROUET, Henri — *Éléments de la faune açoréenne*.
Paris, J.-B. Baillière et Fils, 1861, p. 13-15.
Trad. do A.

II
A ILHA DO FAIAL

CHEGADA À CIDADE DA HORTA

A cidade da Horta, com as suas pequenas casas de um andar, muros caiados de branco e telhados de telhas vermelhas, relembra as aldeias suíças de brinquedos da nossa infância. Estende-se ao longo da costa, seguindo a rua principal a curva da muralha marítima do Monte Queimado à Espalamaca, a outra ponta do crescente.

Depois da visita do médico «saudável», como o dispenseiro chamou ao delegado de saúde do porto, fomos autorizados a desembarcar.

O desembarcadouro é um pequeno cais que se projecta por debaixo das carrancudas muralhas de um forte. Uma multidão variada rodeou-nos quando subíamos as escadas do cais — homens e mulheres descalços ou matraqueando tamancos de madeira. Os homens traziam barretes de lã de cores vivas, como os dos pescadores napolitanos, com a ponta aguçada terminada em borla e ao ombro direito punham as curtas jaquetas de tecido de lã escura.

As mulheres não usavam chapéus nem barretes, mas lenços de algodão, vermelhos, azuis ou amarelos, amarrados à cabeça. Algumas espreitavam pelas aberturas de saias de linho grosseiro, atiradas por sobre a cabeça e os ombros. Vestiam uma espécie de roupão branco e curto e saias muito largas de algodão azul escuro ou vermelho. Outras embrulhavam-se por completo em capotes e capelos de pano largo, azul escuro. O capelo, retesado com barba de baleia e entretela para conservar a forma, poderá ser tomado pela cobertura de uma carruagem ou de chaminé de casa da cidade. Este capote é uma peça

essencial do enxoval de uma noiva faialense abastada. Custa de 30 a 60 dólares. A parte do capote é um círculo completo que se estende até aos tornozelos. Da mulher que veste este capote só se vêem as mãos e uns olhos brilhantes como carvões numa braseira.

A mulher de capote segura as duas partes do capelo de tal maneira que esconde a cara, ficando ela própria com ampla oportunidade para espreitar as americanas. Não há nada de mais pitoresco do que ver dois capotes cochichando de lado na rua. Após curta demora na alfândega, onde as nossas malas foram revistas por causa do tabaco, dirigimo-nos a pé para o chamado Hotel Inglês.

BAKER, Alice — *Um Verão nos Açores e a Madeira de relance*. «Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira», Angra do Heroísmo, V. 17, 1959, p. 148-149. Trad. do original *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira*, Boston, [s.n.], 1882, por João H. Anglin.

CENAS DE RUA NA HORTA

A gente de trabalho na Horta é madrugadora. Um pouco antes do romper do dia começa a acordar-nos o matraquear das galochas de madeira das mulheres, que fazem um barulho dos diabos sobre os pavimentos de pedra; o tropear dos burros e a tagarelice das pessoas nas ruas, encaminhando-se para as quintas para irem buscar laranjas, para o trabalho dos campos ou para os montes a procurar lenha. Depois disto, o nosso primeiro desejo é ir até à praia, «para ver entrar os barcos do Pico». Estes foram lançadas à água e carregados até acima com toda a espécie de produtos agrícolas e com inúmeros camponeses do Pico, anichados em todos os cantos vagos; os barcos apresentam bonito espectáculo correndo à brisa forte, cada qual com seu osso na boca e com as enormes velas latinas o mais possível esticadas.

À chegada, os barcos atracam ao longo do cais ou são varados na praia de areia, para a descarga. Então os homens e as mulheres, descalços, trazendo cestos, caixas e trouxas à cabeça, vão a pé para o mercado, descuidados, direitos, a palrar como pegas. O mercado é o ponto de reunião matutino da população; às primeiras horas do dia os compradores e os vendedores enchem o local, numa quadra pavimentada, com árvores de sombra e uma fonte ao meio. Entre os últimos predominam as mulheres do Pico — matronas de idade, crestadas pelo sol, de lenços brancos ou vermelhos nas cabeças e estas cobertas por sua vez, de bonitos chapéus de palha, redondos.

Começam agora as ruas a animar-se fornecendo um nunca-acabar de cenas pitorescas, à medida que a maré da vida vai subindo em crescendo constante. Homens, mulheres e crianças com molhos de lenha, cestos de fruta ou jarras de água à cabeça — gente de tez castanha e rosto agradável — passam por nós. O leiteiro vem com seus baldes de madeira cheios de leite; o galinheiro traz uma carga de galinhas vivas suspensas nas pontas de longas varas conduzidas aos ombros; burros pacientes e de olhos meigos — sós ou aos dois e aos quatro com um enorme casco ou caixa suspensa entre eles — trotam pela rua, torcendo as pequenas e delgadas pernas que vergam ao peso da carga; mulheres de capotes azuis de aspecto feio, com as cabeças envolvidas em capelos de monstruoso tamanho e exibindo um grau relativo de nudez na outra extremidade, param para conversar.

Há pescadores com cestos de peixe de todas as cores do arco-íris e soldados de farda castanho-escura ou esverdeada com cinturas de vespa como beldades elegantes cobertas de laços e fitas. Assim, o panorama humano continua durante horas e horas, sucedendo-se as cenas rapidamente, sempre em mutação e sempre agradáveis.

WEEKS, Lyman H. — *op. cit.*, p. 112-114.

HORTA: CIDADE COSMOPOLITA

No que diz respeito ao comércio, a cidade da Horta perdeu bastante após a construção do porto de Ponta Delgada. Depois da destruição das suas vinhas e da doença que atacou as laranjeiras, o seu comércio de exportação tornou-se bastante diminuto; a par disto, continua-se a dispender dinheiro com o prolongamento de um resistente molhe, para proteger a baía das tempestades que penetram no canal da parte sul, criando dificuldades, tornadas maiores pela forte corrente que entra no canal pelo norte, mais ou menos intensa, consoante os ventos e a maré que é, aqui, de 1,20 m.

Este trabalho é de menor importância do que o de Ponta Delgada mas, depois de terminado, tornará o porto da Horta mais seguro do que o da capital de S. Miguel. Possa um tal trabalho compensar a perseverança dos habitantes do Faial e chamar de novo à simpática cidade da Horta a prosperidade de então!

O único e pequeno porto de desembarque é um dos pontos mais populares da cidade: vê-se-o quase sempre frequentado por vendedores de fruta e de peixe, ou cheio de mercadorias transportadas pelos barcos que traficam com a ilha do Pico, ou com a de São Jorge. Dá acesso à longa rua de S. Francisco, a qual, seguindo a curva da baía, forma a principal artéria da cidade. A esta rua aflui, por razões de comércio, a maior parte da população; aí se encontram os edifícios públicos, as principais casas de comércio, as várias residências consulares, como também dois albergues e a Catedral; tudo isto contribui para a actividade e vida desta artéria principal.

Tal como Ponta Delgada, também a Horta tem um vasto e elegante mercado coberto, munido de dois fontanários e no qual se pode encontrar, todos os dias, carne, fruta, peixe e verduras; seria caso para se dizer, com verdade: *Horta Januam docet*.

Se a Horta, tal como Ponta Delgada, possui um clube, lugar importante de encontro, possui também dois verdadeiros cafés, um dos quais com bilhar, o que a sua irmã (Ponta Delgada) não possui. Não há dúvida de que a influência norte-americana que, desde há muitos anos, se introduziu no Faial quer pelo comércio, quer pelos baleeiros e emigrantes, em muito contribuiu para o rejuvenescimento da Horta, a qual se pode considerar uma pequena cidade europeia ou norte-americana, viva, e alegre, enquanto Ponta Delgada se mantém sempre uma cidade tipicamente portuguesa, mais melancólica e triste, com o seu céu «amuado» e as suas nuvens sombrias, o que na Horta é menos frequente.

D'ALBERTIS, Enrico Alberto — *Crociera del Corsaro alle Azzorre*. Milano, Fratelli Treves, 1888, p. 213-214.

Trad. de Octávio Medeiros.

HABITAÇÃO

As casas urbanas e do campo são construídas com pedras porosas e chatas que se encontram soltas nas pedreiras. Não dão muita solidez aos muros a fim de se fenderem menos com os tremores de terra. Na Horta, as casas, algumas com três pavimentos, incluindo as lojas, têm um aspecto simples e elegante. As janelas têm varandas com grades, de maneira que as mulheres podem ver quem passa na rua sem serem vistas. As casas nas aldeias têm um andar, mas não são caiadas. As habitações da gente pobre não passam de umas choças baixas, construídas de pedra seca e cujos muros pouco abrigam da chuva e do vento. As divisões são geralmente feitas com uma espécie de canas, abundantes nos campos, onde formam abrigos vivases (sic). As casas ricas oferecem variedade na comodidade e na mobília. Os quartos ocupados pelos homens têm as paredes caiadas de branco, ornadas de velhas gravuras francesas, mas os do belo sexo são mais guarnecidos; e posto que hajam algumas apresentando sinais de pobreza, em geral reúnem a comodidade ao luxo, e a riqueza ao gosto na disposição da mobília da sala onde recebem as visitas.

Em certa ocasião estive numa reunião de amáveis senhoras, num salão cujas paredes estavam revestidas de espelhos, com o soalho de madeiras preciosas, e os trastes vindos dos antigos palácios de França. Um piano forte, quase sempre inglês, é absolutamente necessário para a educação das meninas do Faial e encontra-se sempre nas antecâmaras. Os fogões são desconhecidos, mesmo nas casas dos ingleses. As janelas são guarnecidas de vidraças, estas, porém, com vidros muito pequenos.

No campo a maior economia reina nos quartos e na mobília mesmo nas casas pertencentes aos negociantes mais ricos; paredes caiadas, pavimentos lageados, algumas cadeiras muito simples, janelas que abrigam do vento, portas que se fecham mal, compõem o interior de uma casa de campo pertencente a um milionário. Este emprega o seu dinheiro, com o auxílio de algum entendido, unicamente em ornar exteriormente a sua casa, em fazer cisternas, jardins e repuxos de água. Algumas destas habitações merecem as atenções dos estrangeiros, tanto a natureza e a arte parecem conspirar para as embelezar.

HEBBE, Jean Gustave — *Descrição das ilhas dos Açores*. «Arquivo dos Açores», Ponta Delgada, V. 10, 1982, p. 529.

Trad. da versão francesa por J. B. B. Eyres, a partir do original sueco publicado em Estocolmo em 1802.

UMA TEMPESTADE NO FAIAL

Na noite de 23 para 24 de Agosto, rebentou uma terrível tempestade, daquelas a que os açorianos chamam de ventania. Vimo-nos obrigados a barricarmo-nos no interior da casa do Vice-cônsul, e a habitação foi, durante quase 24 horas, sacudida do rés-do-chão ao telhado.

No dia seguinte não se encontravam vestígios do pequeno quiosque que ficava num dos cantos do terraço, e nunca mais se soube dele. O furacão soprava, inicialmente, de sudoeste, depois passou a soprar de oeste, de seguida noroeste e, finalmente de norte, tendo percorrido quase a metade da bússula. Durou, como habitualmente, quarenta e oito horas, mas asseguraram-me que era raro observar-se semelhante tempestade naquela estação.

Nos dias seguintes, recebemos notícias que podem dar uma ideia da natureza e dimensão do desastre.

Na baía da Horta, vários navios perderam as âncoras e estavam em risco de dar à costa; mais de dez dias passados, chegavam ainda à baía embarcações com gravíssimas avarias tais como mastros partidos, velas arrancadas, chalupas perdidas e numerosos rombos. Na cidade, telhados inteiros tinham sido levados pelo vento e um homem tinha morrido. A maior parte dos jardins tinham sido devastados, tendo perdido em algumas horas o fruto de dez anos de grandes cuidados.

No Pico, os estragos foram um pouco menos consideráveis; os danos verificaram-se, sobretudo, no milho, nas árvores de fruto e nas habitações. Nas duas ilhas a cultura do milho perdeu-se quase total-

mente; troncos e folhas foram deitados ao solo. Altos pinheiros e um grande número de árvores de fruto foram lançadas à terra, arrancadas e partidas; os laranjais também ficaram bastante danificados.

As comunicações entre as duas ilhas foram interrompidas durante três dias.

DROUET, Henri — *Sur Terre...*, p. 84-86.

AS MULHERES DO FAIAL

[No Faial] as mulheres da classe mais ínfima são desenvolvias nas maneiras, sem todavia ofenderem a decência ou os costumes; as da vila ⁽¹⁾ reúnem ao desregramento um descaramento revoltante, mal escondido por uma aparência da mais ridícula vaidade, e de uma grande miséria. As mulheres de certa ordem, conservam uma reserva, que outrora lhes foi imposta pelo ciúme dos homens, e hoje pela opinião pública. Enquanto solteiras, são severamente vigiadas pelas pessoas encarregadas da sua educação, depois de casadas continuam a ser vigiadas umas pelas outras e pelos próprios maridos. Não lhes é permitido sair à rua sem ser em companhia doutras mulheres ou de um membro da sua família.

Não recebem visitas de nenhum homem, excepto seu confessor, visto que não se deve suspeitar que ele induza ao mal uma penitência arrependida. Afastadas dos prazeres sedutores, a que não estão habituadas, empregam a maior parte do tempo em adquirir e desenvolver suas prendas.

Como mães de família dedicam-se aos cuidados do governo da casa, e à educação dos filhos, porém esta vida retirada priva-as daquela amabilidade que, no nosso século, se olha como primeira virtude das mulheres. Contudo este isolamento favorece a pureza dos costumes, e consolida a felicidade doméstica.

(1) O autor refere-se à cidade da Horta.

No dia do aniversário do nascimento de uma senhora, as amigas acompanhadas pelos mais próximos parentes, reúnem-se em casa da festejada para passarem o serão sem jogos de cartas e mesmo quase que sem conversação; divertindo-se quase exclusivamente com música e dança. Umaz vezes tocam árias italianas novas, ou brasileiras escolhidas com fino critério e executadas com precisão no piano forte, outras vezes é a guitarra ou a rebeca que se fazem ouvir, acompanhadas por vozes, a que o clima e o exercício têm dado flexibilidade, e os corações a expressão. Dançam pouco os minuets e as contradanças, e mesmo assim só por espírito de imitação; pelo contrário nutrem uma verdadeira paixão pelas danças inglesas, portuguesas e brasileiras, agradáveis pela maneira como são executadas. No intervalo das danças serve-se o chá, óptimas frutas, bem como doces feitos no Faial e no Brasil.

Pela meia-noite cada um retira-se para suas casas para tomar uma ceia frugal.

Quando uma mulher tem um parto feliz, as pessoas das suas relações que lhe querem ser agradáveis vão passar a tarde na sua companhia, sentando-se as visitas à roda da cama, conservando-se ali silenciosas durante cinco a seis horas. Estas visitas repetem-se do mesmo modo por seis ou oito dias com a diferença única que as mulheres cada dia mudam de vestuário esforçando-se por cada vez melhor se apresentarem.

Assim atenuam até certo ponto a impressão de aborrecimento causada pela uniformidade destas visitas. Os homens passam o tempo junto do marido e só a algum amigo íntimo é permitido aproximar-se da doente. No sexto ou oitavo dia baptiza-se a criança. A festa nesse dia é dedicada à alegria, as senhoras depõem a gravidade habitual e reúnem-se aos homens, com os olhos faiscando ardente fogo, com os acentos de ternura na voz e, umas vezes ao piano outras na guitarra, elas seduzem o estrangeiro por forma a tornar-lhe impossível esquecer as recordações do Faial.

Raras vezes as senhoras assistem aos jantares de cerimónia onde não encontram ocasião de brilhar, e se aborrecem com a liberdade que os homens apreciam durante a comida. Durante o verão algumas vezes elas vão passear nas noites de luar, para gozarem os encantos

do campo e da bela natureza; para isso reúnem-se com numerosa companhia de vinte a trinta pessoas de ambos os sexos, a fim de assim se guardarem dos perigos a que a noite e o luar as poderiam expor. Para passear de dia no campo, saem em cadeirinhas, que na Vila são a única maneira de não andarem a pé, ou então metem-se dentro de longos carros, cobertos com um toldo de lona, puxados por bois; esta espécie oferece a vantagem de muitas pessoas se conservarem juntas.

Durante o entrudo as damas do alto de suas varandas borrifam com água aromatizada os cavalheiros das suas relações. Nos últimos dias, esta brincadeira passa-se dentro das casas à vista dos pais, com grandes seringas e água pura, tendo os homens a permissão de se defenderem com as mesmas armas. Algumas vezes estes, mascarados, representam pequenas comédias e farsas para divertir as damas.

HEBBE, Jean Gustave — *op. cit.*, p. 535-536.

DOMINGO DO ESPÍRITO SANTO NA CIDADE DA HORTA

Maio, 19, Domingo do Espírito Santo

É hoje dia de festa rija na Horta. Disseram-nos que há muito tempo fizeram os insuvoto de que, no caso de não se repetir um tremor de terra que causara grandes prejuízos, seria atribuída anualmente aos pobres, durante um certo número de anos, determinada porção de pão, carne e vinho. O abalo cessou e o voto tem sido escrupulosamente cumprido pelos promitentes e pelos seus descendentes, mas até foi renovado, ao expirar o prazo, continuando a fazer-se, como dantes, a distribuição de comida.

Logo de manhã cedo, gente do campo e da cidade enchia as ruas, quer para partilharem da festa, quer como meros espectadores.

Na rua principal armou-se pequena capela — tabernáculo de lona, semelhante ao de um pequeno teatro de feira campestre, por exemplo, um espectáculo de Richardson, com o seu flamejante vermelho e amarelo. A capela era formada por um pano carmesim preso com cordões amarelos, alumiada por quatro velas postas num altar coberto de ouropel, em frente de pequeno crucifixo de prata. Daqui foi lançada a bênção à comida. Partindo dos cantos da capela, que enchia o corpo da rua, estendiam-se duas filas de mesas de cada lado do

pavimento da rua, no comprimento de 500 jardas. As mesas eram formadas de tábuas assentes em barris vazios a iguais distâncias uns dos outros, de cada um dos quais saíam ramos amarelos de giesta; as tábuas, bem como o altar, foram mais tarde cobertas com alvas toalhas de linho, depois do que começou a cerimónia de pôr a mesa. Cada pessoa recebia cinco pães, cerca de um quilo de carne e meio litro de vinho em vasilha de barro rolhada com um ramo de flores.

Na extremidade da longa linha de tábuas, os pães, a carne e o vinho eram entregues a cerca de trinta homens, portadores de cestos grandes. Cada cesto tinha duas asas e em cada asa pegava um homem, que, com grande guardanapo em volta do braço esquerdo, percorria a passagem entre as mesas. Eram os homens dos cestos, precedidos de dois músicos, vestidos de grosseiras opas largas de sarja castanho-clara, com lenços azuis pintalgados de branco, de algodão lustroso, fortemente amarrados à cabeça e caindo atrás sobre as costas, muito semelhantes aos homens grotescamente vestidos de algodão que, por vezes, se vêem conduzindo largos cartazes nas ruas de Londres. Um deles tocava um frágil tambor e o outro agitava o arco quase vazio de um pandeiro. Na frente dos músicos-foliões ou confundido no cortejo, um rapaz, débil e de pernas tortas, vestido como os dois músicos, conduzia com modos descuidados uma bandeira carmesim desbotada, com uma pomba bordada, representando o «Espírito Santo». Cantavam os três à medida que iam andando, com fortes sons nasais, quase como gemidos.

Quando os homens dos cestos estavam prontos, rompeu a música, começando o cortejo a passo lento, [...] por entre as mesas, repetindo-se a volta até que as iguarias ficaram todas em exposição.

Coisa curiosa e divertida de ver era então, no meio desta cena, o nosso activo hospedeiro, Tritão entre o peixe miúdo. Além de um guardanapo com bonitas franjas de renda, que trazia pendurado no braço, empunhava o homem a vara do ofício, uma cana de açúcar de três pés de comprido, com que fustigava os rapazitos que lhe chegavam ao alcance. Se um gaiato impertinente olhava para dentro dos cestos do pão, lá estava o Tomás com a cana; se outra criança andava de gatas por debaixo das mesas invadindo terreno

defeso ou penetrava no reservado aos homens dos cestos, logo os olhos de Tomás o estavam espiando. Era ele evidentemente a autoridade suprema em pontos de pormenor na festa do Espírito Santo; caminhava à frente do cortejo, avançando com passo miúdo, voltando-se para trás a verificar se o povo vinha acompanhando; suava e chamava a atenção de algum transviado; protector de algum ente inofensivo que no cortejo se incorporara e perseguidor do rapazito turbulento. Quando chegou o momento, logo o Tomás enfileirou entre os que dividiam a carne e distribuíam o vinho. Parava de vez em quando para repreender quem quer que transgredisse com inovações as regras estabelecidas e voltava-se para receber os aplausos dos espectadores indulgentes, como se dissesse como Sancho (com quem muito se parecia): «Que pensais disto, amigos? Digo eu alguma coisa ou dou voltas ao miolo inutilmente?».

Ficámos colocados em excelente lugar para observar toda a função, na varanda da residência do cônsul britânico. Em ambos os lados da rua sentavam-se com seus capotes azuis, numerosas mulheres pobres, que falavam e pacientemente esperavam as suas esmolas. Também se viam indivíduos decrépitos, calados, ao lado de suas mulheres avelhantadas; crianças turbulentas correndo de um lado para o outro e por debaixo das mesas, com ruidosa alegria; rapariguinhas de capas curtas azuis, lenços de musselina e altos chapéus de palha, sentadas ou de pé, tagarelando e gesticulando com energia interminável, e rapazes vestidos com fatos asseados e claros, junto delas ou passeando de um lado para o outro entre a multidão; alguns encostados a um canto, fumando cigarros que, depois de puxadas duas ou três fumaças, passavam aos companheiros, que faziam outro tanto; homens parados, semi-atarantados com o alarido e o sussurro do mar ondeante de cabeças que se estendiam de todos os lados da linha livre entre as mesas, até onde os olhos podiam alcançar.

Por cima encontravam-se as varandas apinhadas de homens e mulheres, bem dispostos e cheios de vivacidade, cumprimentando ou gracejando com os conhecidos que passavam. *Dandis*, também lá os havia, tão rigorosos e escrupulosos na decoração das suas pessoas como quaisquer outros jovens de qualquer parte do mundo, quer os procuremos nos passeios de St. James's Street, quer nos sertões da

América onde o janotismo dos peles vermelhas consiste no uso abundante do óleo e das pinturas azuis.

Não são os peralvilhos açorianos nem mais nem menos absurdos do que os ingleses, «homens que vivem, movem-se e confundem o seu próprio ser com o fato que vestem». De qualquer deles seria malicioso dizer o que Martinus Scriblerus disse ao homem da corte: «Dispa seus adornos artificias, senhor, e verá que nada mais é do que um animal bifurcado, de pele trigueira e barrigudo».

Depois de pôr as mesas, appareceu um padre numa das extremidades, vestido com os trajés habituais, de batina negra muito curta, que não lhe passava dos tornozelos, de sobrepeliz curta de musselina rala caindo-lhe dos ombros à cintura; na cabeça, o costumado barrete angular, com borla de seda preta. Fazendo-se esperar um pouco, appareceram os músicos e a orquestra, ao rufo do tambor e ao tanger da pandeireta, com o canto nasal, marchou em direcção ao altar.

A passos lentos seguia o padre, com a gravidade e comedimento compatíveis, quer com a curteza da batina, que o inibia de andar a passos largos, quer com os seus modos fingidamente descuidados, que estavam indicando a pouca simpatia que mereciam ao sacerdote tais festejos, à semelhança de alguém, que, achando-se em situação embaraçosa e pouco à sua vontade, procura, com affectada indiferença, dissimular aquella circumstância, por atitudes architectadas ou por meio de conversação com quem lhe fica mais próximo.

Uma erupção de lava vinda da caldeira situada por sobre as nossas cabeças, teria dado aos actos do padre (e aos nossos, por igual) muito maior dose de sinceridade.

Chegados ao altar, o padre e os músicos, e terminadas as orações na capela (que não conseguimos ouvir por nos encontrarmos à distância) voltaram todos, pela mesma ordem, ao ponto de partida. À esquerda, um ajudante conduzia um vaso de prata com água benta, que entregou ao padre. Este, de vez em quando, mergulhava na caldeirinha o hissope, com que ia aspergindo as iguarias.

A água benta era arremessada com gesto largo, procurando os pobres ansiosamente receber algumas gotas sobejantes, para o que estendiam as mãos e as cabeças. Disseram-nos que o alimento que

haja sido bento, é altamente apreciado pelos pobres e por tal motivo, quase tanto como pelo desejo de receber a carne, mostram eles tanta paciência de o obter.

Passou-se em seguida à distribuição das esmolas, feita por meio de bilhetes, previamente oferecidos pelos promotores da festa, às pessoas necessitadas.

Efectuou-se este serviço em perfeita ordem, sem atropelos nem discussões, levando cada qual para sua casa o quinhão que lhe cabia.

BULLAR, Joseph e Henry — *op. cit.*, p. 232-236.

III
A ILHA TERCEIRA

CHEGADA A ANGRA DO HEROÍSMO

Não foi a nossa chegada encarada pelos habitantes desta terra com sentimentos muito propiciatórios. Porque, afora os sentimentos de inimizade provocados pelos *Corcundas*, surgia uma impressão geral anti-inglesa pela vinda simultânea do corpo de marinheiros adido à esquadra, o qual, pela sua condição de desorganização e indisciplina, se encontrava sem governo e sob a influência de toda a sorte de vícios.

Muito poucos tinham sido soldados, consistindo a maior parte deles no refugio das prisões ou em expulsos das aldeias; sem respeito pelos seus superiores e sem sentimentos de camaradagem uns para com os outros. Cometeu essa gente, em terra, toda a espécie de tropelias com seus divertimentos alcoólicos, acendendo, em alguns casos, a ira dos naturais e motivando, logo na primeira noite, o assassinio, em condições atrozes, de um dos nossos homens.

Em virtude, porém, das hábeis diligências e influência do Marquês de Palmela, obtiveram-se aquartelamentos para o corpo num lugar retirado do campo, na Praia, sem ligações com a soldadesca portuguesa, para onde os homens foram imediatamente mandados seguir, a fim de receberem instrução e disciplina.

Quão diferente era o estado da sociedade aqui, daquele que verificamos em S. Miguel! Tão profundo era o abismo provocado pelas contendas entre *Malhados* e *Corcundas* que difficilmente se conseguiam relações de sociedade com as senhoras, nem estas compareciam em nenhuma festas. As nossas reuniões eram em geral à noite

no palácio e limitavam-se aos oficiais que vinham apresentar os seus respeitos ao Imperador. Estas assembleias só se tornavam numerosas por falta de outros lugares e meios de diversão social.

O actual palácio foi primitivamente edificado por jesuítas espanhóis, expulsos das ilhas no tempo do célebre Pombal; e no ano de 1766, quando o governo dos Açores foi confiado a um delegado do Rei, com o título de Capitão-General das ilhas, Angra ficou sendo a sede do governo e a fábrica jesuítica convertida em palácio civil, condição que desde então tem conservado.

Os habitantes da Terceira, em especial os homens, são, de um modo geral, fortes e bem constituídos; e as mulheres mais agradáveis à vista do que as de S. Miguel. Os homens das classes baixas raramente usam meias ou sapatos; e como os *Lazzaroni* de Nápoles vagueiam pelos lugares públicos, dormindo ou fumando, durante todo o dia.

Não pude deixar de notar a sua grande inferioridade perante os habitantes de S. Miguel; a maior pobreza e dependência entre as classes mais baixas; as raras demonstrações de actividade nas artes úteis da vida, que quase não se viam; e todas as vezes que interrogava um habitante sobre a explicação destes factos, a resposta variava consoante as opiniões políticas do interpelado. Se era um *Malhado*, a culpa de tudo isso pertencia «à tirania do governo e à opressão da igreja»; se era um *Corcunda*, «o sistema que tinham era bom; estavam habituados ao estado de coisas existentes; e as classes populares sentiam-se satisfeitas e não exigiam mudanças».

Além da sua esplêndida situação, possui a cidade de Angra méritos e vantagens próprias de que em tempos mais propícios poderá tirar legítimo proveito.

As ruas são regulares, todas formando ângulos rectos, muito largas e de bons passeios, com casas solidamente construídas, em geral de três andares, ainda que inacabadas e de aspecto tristonho (devido ao uso geral da pesada janela mourisca); poderão, com uma leve mudança, adaptar-se às regras do gosto moderno, pondo assim Angra em condições de rivalizar com qualquer das mais pitorescas cidades da Europa.

É verdade que a minha primeira impressão foi desagradável, pois que as ruas são pessimamente calçadas e, como os habitantes, excessivamente imundas, sem embargo da existência de numerosos fontanários públicos na cidade, que para toda a parte conduzem abundante caudal de água.

Como prova do seu desmazelo pessoal, não posso deixar de mencionar que andando um dia a passear com um português da terra e procurando, incautamente, meter-me no meio de uma multidão aglomerada no largo, aquele me observou: «Você deve tomar cuidado quando entrar em contacto com os habitantes desta ilha», observação esta que logo me levou a escovar e sacudir as mangas do casaco e os cotovelos a fim de dar satisfação ao aviso do meu companheiro. Este, porém, completou a sua advertência afirmando que de duas pessoas que eu encontrasse, uma delas sofria de sarna, e que, devido à sujidade habitual, eram vulgaríssimas as doenças cutâneas.

Imaginem o meu horror!

BOID, Captain — *O Distrito de Angra*. «Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira», Angra do Heroísmo, n.º 27, 1947.
Trad. de João H. Anglin.

A METRÓPOLE DOS AÇORES

Na Terceira, a ilha que se segue à Graciosa, passámos um dia muito agradável. Angra, a principal cidade desta ilha, é a metrópole religiosa e civil dos Açores. Aqui vive o bispo católico romano; aqui se encontram a Catedral, a Biblioteca Pública e o Palácio da Justiça. Não existe nestas ilhas uma assembleia de representantes do povo. Este elege os seus representantes para o Parlamento em Lisboa.

A Catedral, como todas as igrejas e a maior parte dos edifícios públicos destas ilhas, têm um estilo arquitectónico mourisco. Junto do altar-mor existem sete relicários, adornados com as mais estranhas gravuras e com uma estranha decoração e pintura, em lona e em vidro. Algumas das antigas pinturas têm um aspecto grotesco, mas fui informado de que algumas são consideradas bastante valiosas. À direita do altar-mor, para quem entra na Catedral, encontra-se a cadeira do bispo, cuidadosamente dourada, encimada pela mitra e pelo braço de armas de Portugal. Na capela-mor existe uma maravilhosa estante de coro de madeira escura, de diferentes tipos, elegantemente embutida a marfim.

No Palácio da Justiça (Palais de Justice), num dos gabinetes do Conselho, por cima da mesa, encontra-se o retrato de D. Luís I, actual rei de Portugal. Em volta do quarto estão retratos de anteriores reis e rainhas.

Como se pode imaginar, a Biblioteca Pública não possui uma colecção muito volumosa. A maior parte dos livros é em português,

latim e grego. Entre as obras inglesas vi cópias de Shakespeare e a obra *Decline and fall of the Roman Empire* de Gibbon. Não havia nada mais recente; insisti, no meu melhor francês, com o velho bibliotecário e com um padre que lá estava, mas em vão. Só falavam português. Como foi este o caso de todas as pessoas que encontrei na Catedral e no Palácio da Justiça, vi-me obrigada a confiar, para conhecer esses locais, exclusivamente na minha observação pessoal.

GIBBONS, Marianna — *Happy days: a Summer tour to the Azores and Lisbon*. Lancaster, John A. Hiestand, 1880, p. 16.
Trad. do A.

UMA VISITA À TERCEIRA

Às seis da tarde lançámos ferro no porto de Angra, que tem uma situação muito semelhante ao da Horta. O Monte Brasil é a contrapartida do Monte da Guia. Com declive para trás, liga-se à cidade por um istmo fortemente artilhado, em si mesmo uma vila que por mais de uma vez tem sido refúgio dos monarcas de Portugal durante as agitações peninsulares. Angra ganhou o seu título de glória, 'do Heroísmo', em 1828, quando os seus cidadãos se declararam a favor da sua soberana legítima, D. Maria II. Depois de se manterem na defensiva por cerca de três anos, esta gente valente tomou a ofensiva e libertou as ilhas do poder do usurpador D. Miguel. O vapor demora-se 48 horas em Angra, tempo que o viajante acha suficiente, pois que o único hotel da cidade é inconcebivelmente desconfortável e imundo.

Tudo quanto é digno de se ver na cidade ou proximidades, pode ser visto naquele espaço de tempo. Quando subíamos a cidade vindos do cais, aparecia muita gente às varandas para nos observar. Um pouco menos de pasmo teria sido desconcertante.

A entrada para o *Hotel Terceirense* faz-se por um saguão que serve de taberna, cheio de barris poeirentos, lugar bafiento, azedo e mal cheiroso, com o qual, ai de nós, o resto da casa se harmonizava perfeitamente.

Após uma noite de indescritíveis horrores, saímos a ver a cidade. Angra é a capital dos Açores. É a residência do Governador Geral e também do Bispo. Tem melhores casas e ruas mais largas do que

as outras cidades açorianas, e um bonito mercado. Aqui vimos os camponeses com os seus fatos limpos de linho, com enormes botões duplos na gola, de latão. Usam atrás na cabeça curiosos barretes pequenos, em forma de melão, de pano azul escuro com abas escarlates nos lados, voltadas para cima.

Visitámos a Catedral, a maior igreja das ilhas, e, como todas as outras, vistosa. Ligada à igreja há uma sala de conferências para o bispo e sacerdotes. Aqui, colocados nas paredes em ordem cronológica, estão os retratos de todos os bispos dos Açores, desde o primeiro em 1546 até ao actual. É uma colecção interessante, mas de pintura medíocre, alguns retratos foram feitos em Lisboa, outros em S. Miguel e os do século XVI são completamente iguais aos do século XIX. À noite metemo-nos com satisfação a bordo do vapor cujas salas asseadas formam agradável contraste com os vis quartos de cama do hotel.

O cultivo de cereais e a criação de gado são as principais actividades da Terceira. Ainda se conserva em Angra o costume nacional das toiradas.

Durante todo o dia de domingo, andaram as barçaças, de terra para o navio e do navio para terra. O casco tremia da popa à proa com a incessante vibração e os silvos dos guinchos. Toiros enormes e negros, talvez destinados a alguma arena espanhola, balouçavam no ar à medida que iam sendo içados para bordo. Homens semi-nus, enfarruscados como demónios, surgem das regiões infernais do navio e, cambaleantes, a suar debaixo das cargas, somem-se novamente nas recônditas entranhas do porão.

Por fim fecham-se as escotilhas. O capitão regressa da cidade. Belos barcos vistosamente engalanados e tripulados por bonitas guarnições em uniformes e brilhantes faixas, remam em direcção ao vapor. Conduzem a nata das natas da Terceira. O Governador Geral, resplandecente de cordões escarlates e doirados, e grande número de oficiais escoltando senhoras elegantemente vestidas, passeiam pelo convés. As senhoras abraçam a criada de bordo e beijam-na nas duas faces. Toda a gente de bordo, desde o Governador Geral ao moço da cabina, fuma e cospe constantemente. O português nunca se vê sem o seu cigarrinho. Senhoras e homens à mesa ou noutra parte

qualquer, deitam baforadas de fumo, sem pedir licença a ninguém. Em compensação, porém, nenhuma refeição principia no vapor e nenhum cavalheiro toma o seu lugar à mesa sem que as senhoras estejam presentes.

Ao pôr-do-sol dispara-se o canhão, sinal de partida. Seguem-se abraços frenéticos. Os homens apertam-se nos braços uns dos outros e beijam-se mutuamente; os vistosos batéis ficam graciosamente para trás e, com vagar, saímos do porto de Angra.

BAKER, Alice — *op. cit.* «Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira», Angra do Heroísmo, 16, p. 179-181.

A TERCEIRA E OS TOUROS

A Terceira é o único ponto dos Açores onde, no campo, se deixa em plena liberdade uma raça especial de pequenos touros, destinados a figurar nas corridas que se costumam realizar por ocasião das festas populares. Estes espectáculos, porém, bastante apreciados pelas populações da Península Ibérica, são apenas uma sombra das sanguinosas corridas de touros que apaixonam a alma dos espanhóis. Na Terceira não figuram nem bandarilheiros, nem picadores, nem espadas; o pequeno touro de aspecto muito feroz é mantido no meio de uma grande praça, amarrado por uma longa corda confiada às mãos robustas de uma dúzia de indivíduos bizarramente vestidos, os quais se esforçam por domá-lo. Os cornos do touro tornam-se quase inofensivos devido a duas pequenas esferas de madeira colocadas nas pontas: deste modo o touro apenas pode fazer rastejar no pó algum dos seus perseguidores menos veloz, que procuram, munidos de um resistente bastão, espancá-lo com santa razão. Quando se pensa que o touro já recebeu uma boa dose de bastanadas, solta-se-o e leva-se-o, de novo, para o seu pasto.

E uma vez que a minha narração me leva a falar nestes cornudos animais, julgo não estar fora de propósito relatar o papel que eles desempenharam na defesa da Terceira, contra as tropas do Marquês de Santa Cruz.

Em 1582, quando Filipe II queria submeter o teimoso Arquipélago às suas vontades, o ódio dos espanhóis aumentou contra os terceirenses devido a um novo estratagema de guerra usado por estes

com bastante sucesso. Antes da batalha naval de Vila Franca, sete grandes galeras espanholas procederam a um desembarque frente à Vila de S. Sebastião. Os habitantes daí e os das redondezas avançaram em massa contra os invasores, ameaçando atacá-los; os espanhóis cerraram fileiras, mas, num dado momento, os terceirenses abriram a frente da sua coluna, deixando livre a passagem a uma grande quantidade de bois semi-selvagens que, picados pelos seus pastores, se lançaram furiosos contra os soldados espanhóis, os quais não resistiram àquele ataque inesperado e fugiram para as suas galeras: pelo menos assim rezam as crónicas de então.

Recorde-se que os pastores da Sardenha, servindo-se de cães, vieram a usar um estratagema quase semelhante, por ocasião do desembarque feito pelos franceses em Cagliari, em Fevereiro de 1793.

Os bons pastores da Terceira recorreram novamente a esta curiosa estratégia, no ano seguinte, mas sem sucesso, isto porque, imaginativamente, os espanhóis deixaram, deliberadamente, passar os cornudos animais e, reorganizando-se, avançaram duramente contra os terceirenses, dispersando-os e tornando-se senhores da Ilha.

D'ALBERTIS, Enrico Alberto — *op. cit.*, p. 180-181.

LIBERTINAGEM CONVENTUAL

É impossível descrever a forma notoriamente indecorosa como se pratica o impudor conventual na ilha Terceira.

Já o que eu presenciara em S. Miguel me causara forte impressão; mas agora fiquei em absoluto horrorizado em face da desbragada libertinagem dos habitantes destas casas do crime, que continuamente chamava a minha atenção, ou pela observação visual, ou pelo que ouvia narrar.

O convento principal (creio que o da Conceição) pitorescamente situado num terraço que dá para a esplêndida região da Terra Chã e donde se avistam à distância a Ilha de S. Jorge e a do Pico, com o seu barrete de neve, tornou-se, em virtude dos seus atractivos exteriores e superiores fascinações internas, o ponto de reunião mais elegante de maridos infiéis e celibatários amaviosos.

Era cena vulgar, ao passar, ver as freiras em colóquios amorosos com os seus namorados por baixo das janelas de grades, onde se faziam favores, se ajustavam combinações e se fixavam horas para as visitas às celas.

Era coisa divertida a erva completamente gasta debaixo de todas as janelas deste convento, por efeito da concorrência que ali se observava. De facto, não são as freiras mais do que cipriotas enclausuradas e os frades e os padres têm vivido em tão desenfreada licenciosidade que não nos pode surpreender a situação degradante e envilecida do povo.

A liberdade e o poder desta classe de homens são tão grandes que, quando abusivamente exercidos, arrastam como consequência inevitável a desconsideração pública da sua reputação e estas cenas

profanas, à vista de toda a gente, fazem mais mal à causa sagrada da religião do que todas as influências dum Paine ou de um Voltaire.

As entrevistas à luz do dia com as freiras às grades tornaram-se conhecidas aos novos e distintos visitantes, pela conversação galanteadora, pelas merendas de bolos e vinho ou pelo cantar, por vezes, excelente, acompanhado à viola.

As vozes delas eram em geral extremamente maviosas e por vezes observei as belas monjas acoradas no chão durante a cena — reminiscência de costumes moiriscos que dava um aspecto romântico ao grupo quando se entoavam as lindas modinhas portuguesas.

A seguinte narrativa de um incidente, contemporâneo da nossa expedição, ilustra até certo ponto as tendências libertinas de todas as classes e categorias desta irmandade monástica.

Um jovem oficial português, que por motivo de lamentável falta de pecúnia (coisa que aliás acontecia também aos seus caramadas, desprovidos dos recursos das famílias e recebendo insignificante soldo) não tinha possibilidade de substituir o esfarrapado uniforme, pediu conselho a um amigo, major do regimento, que imediatamente lhe respondeu: «Ora, meu jovem amigo! Vou dar-lhe um conselho que não falha: vá ao convento de..., faça namoro à madre abadessa, que ainda está fresca e vaidosa, apesar de ter três vezes a idade de você; mostre-se muito apaixonado, por dois ou três dias; depois disto verá como ela aquece com as suas juras de amor, lhe aceita os abraços e lhe dá dinheiro à farta.»

Escusado será dizer que o conselho foi logo seguido e o meu jovem amigo passou desde então a ser o mais janota do regimento e, pela sua elegante figura, o feliz conquistador de muitas outras damas levianas da cidade.

... ..

De todos os conventos que vi ou de que ouvi falar nos Açores, era o da Praia o mais notório pela franca libertinagem das freiras que, mesmo às grades, se mostravam indecorosamente indecorosas nos modos e na linguagem, pedindo muitas vezes estampas duvidosas, as quais, em certa ocasião, lhes foram, com muito mau gosto oferecidas por um indivíduo.

Rara seria a monja que não fosse amante professa de algum frade ou morador da cidade. Em certas ocasiões, porém, como a presente, não duvidavam elas quebrar as juras de amor feitas aos seus namorados, o que deu origem a uma infinidade de cenas e incidentes cômicos entre os nossos compatriotas, um dos quais não resisto de relatar.

Um jovem apaixonado do batalhão inglês, mais hábil no uso do português, bem como talvez na galantaria, do que os seus camaradas, tendo obtido do célebre ferreiro, pouco depois da chegada à Praia, a indispensável chave com que pudesse entrar no santuário de Nossa Senhora da Luz, cometeu a imprudência de comunicar a sua conquista, bem como o intento de se dirigir ao convento às nove horas disfarçado no hábito de freira.

Logo que se soube do caso, resolveu este oficial pregar ao seu amigo uma partida, para divertimento próprio e de outros companheiros.

Nesta conformidade, urdiu uma trama para a qual, com o fim de lhe emprestar sabor mais cômico, organizou dupla conspiração contra o nosso aventureiro galanteador, cuja apaixonada era a amante do Juiz de Fora. Ficou por isso combinado que o juiz seria não só informado da infidelidade da amante, mas também da hora e do modo como ela tencionava receber o seu herético visitante adentro das sagradas paredes, para que pudesse fazer uma espera ao atrevido.

No entretanto, participou o autor da partida o caso a um grupo de oficiais que, como ele, se disfarçariam com fardas de soldados e a determinada altura se poriam a caminho no assalto à virtude da pseudo-freira quando esta se acercasse do edifício monástico.

Tudo preparado com as necessárias cautelas e os oficiais cuidadosamente dissimulados nas vestes alheias, bateu nove horas o sino do mosteiro. Foi então vista a freira atravessar com desembaraço e apressadamente o largo, acompanhada de uma antiga guardiã.

Quase ao mesmo tempo, surgiu do seu esconderijo o fingido grupo de soldados, que sem mais cerimónias deitaram mãos violentas ao horrorizado par.

A velha desatou em forte gritaria e a jovem monja, aterrada naquele transe angustioso, pôs-se a pedir socorro com fingida voz

feminina, implorando misericórdia. De nada lhe valeram rogos nem violência e no momento em que os figurantes da pirraça simulavam dar o golpe derradeiro, eis que, à frente do seu bando, aparece o Juiz de Fora, que naturalmente não perdeu tempo em deter e comprometer a suposta freira.

Envolvido todo o grupo em ruidoso reboliço, esgueiraram-se dois oficiais que dali a alguns segundos voltaram com os respectivos uniformes e com um ar de gravidade e importância inquiriram das causas do tumulto nocturno. Ouvido o relato do caso, ordenaram estes oficiais o regresso ao quartel dos supostos soldados, conduzindo sob prisão a dissimulada freira, e garantiram ao Juiz de Fora que a ocorrência seria devidamente considerada no dia seguinte e que o delinquente sofreria o merecido castigo.

Com tal promessa se deu por plenamente satisfeito o ciúme do irritado juiz, ao mesmo tempo que se sentiu aliviado de tais apertos o jovem galanteador, que deste modo facilmente se subtraiu à vingança do seu irado rival, ainda que não pouco vexado ao saber, de manhã, que tudo aquilo não passara de uma partida contra a sua aventura no convento.

BOID, Captain — *op. cit.*, p. 6-18.

TERCEIRA: ALGUNS ASPECTOS SOCIAIS

O povo da Terceira é tido em grande estima; considerado calmo e benevolente, no que diz respeito à civilização, pelos habitantes das outras ilhas. Anotei esta preferência e os seus efeitos. A Terceira é o centro do Governo. É natural que o clero, os militares e os funcionários públicos sejam mais discretos. A polícia e a lei são mais respeitadas e o povo tem horror a melhorar a condição dos seus espíritos.

A sociedade portuguesa, como chamam à melhor sociedade de origem, é bastante melhor em Angra do que em Ponta Delgada. Em Angra os modos de Lisboa prevalecem e conserva-se uma etiqueta que parece ridícula numa cidade meramente comercial. São frequentes as reuniões, jogos de cartas, à noite, e jantares em alguns dias da semana. Os jantares têm uma duração muito curta. Bebe-se vinho antes de se retirar a toalha e depois de servido o café todos se retiram.

Na Terceira, tal como em S. Miguel, não existe melhor e mais frequente passatempo do que visitar os conventos.

A sua música é na verdade uma grande atracção. Estar atento à perfeição com que as freiras, conjuntamente ou individualmente, a executam, leva-nos a acreditar que o ensino da harmonia em si, é o próprio objectivo e desígnio de todos os conventos. Não têm admiração por qualquer outro objectivo e não me parece possível um nível tão excelente. O único perigo que poderá surgir de tal perfeição, é o facto de ser uma ciência tão fascinante para a imaginação, que tem a tendência para afectar profundamente as faculdades da mulher e para destruir a calma e o temperamento que me parecem melhor

adaptados a quem tem uma vida de segregação e privação. Estão provavelmente convencidas de que este modo de se dirigirem às pessoas é o mais exacto passaporte para conquistarem os seus corações.

Um dos conventos é magnífico pela beleza das suas mulheres. É um convento para a Ordem Superior, cujas habitantes não podem ser vistas sem causar as vivas sensações de indignação e protesto contra o sistema que as afasta do mundo no qual constituiriam uma celestial visão.

ASHE, Thomas — *op. cit.*, p. 281-283.

IV
A ILHA DE S. MIGUEL

CHEGADA A PONTA DELGADA

Sexta-feira, 21 de Dezembro de 1883

Chegámos à ilha de S. Miguel, de madrugada, e ancorámos ao largo de Ponta Delgada às oito horas. Os senhores Hay e Seeman vieram imediatamente a bordo dispostos a fazerem tudo o que estava ao seu alcance para nos agradar. Sentí que a minha única oportunidade era passar alguns dias em terra. Logo se tomaram as primeiras providências de modo a acertar o que fosse necessário para assegurarmos alojamento. O resultado das nossas averiguações não foi muito encorajador, já que o único hotel inglês, no local, estava cheio e os poucos quartos que se encontravam disponíveis, estavam reservados para hóspedes que deveriam chegar de vapor, à tarde. Ficou, contudo, resolvido que eu e a minha criada ficaríamos no hotel e que o resto do grupo permaneceria no iate.

A nossa primeira impressão de Ponta Delgada foi a de uma cidade que parecia ter uma grande semelhança com Veneza; os curiosos chapéus usados pelos homens e as capas pretas ou azuis, de tom escuro, das mulheres, servindo para esconder as ilusões. Ponta Delgada é a terceira em extensão e importância, de entre as cidades portuguesas, com uma população que ronda os 30.000 habitantes e com considerável actividade comercial. As principais ruas são largas; os edificios públicos são, até certo ponto, numerosos e muitas das igrejas e casas particulares são bem construídas revelando bom gosto e prática architectónica.

O hotel onde fui conduzida tem uma vista que abarca extensos laranjais, a cidade e o porto, e tem um aspecto agradável e confortável. É dirigido por uma escocesa, com ar maternal, juntamente com seu filho e filha, os quais tudo faziam para que nos sentíssemos como em nossa própria casa.

Muito perto, encontra-se o encantador jardim António Borges onde repousei, sobre a relva, enquanto que o resto do grupo aproveitava para fazer um pequeno passeio de exploração.

BRASSEY, Lady — *In the Trades, the Tropics and the Rearing Forties*. London, Longmans, Green and Co., 1885, p. 473-474.

Trad. do A.

CURIOSAS INFORMAÇÕES

Ponta Delgada, a cidade e porto principal de S. Miguel e 3.º em importância de Portugal, jaz no lado sudoeste da Ilha.

O seu porto é defendido por um sólido quebra-mar, agora quase completo. Os navios, mesmo os grandes em dimensão, têm aqui seguro abrigo contra os ventos, e os que demandam o porto com avaria, para refrescar ou tomar carvão, são isentos de todo e qualquer direito.

Não experimentei dificuldades na alfândega com a minha bagagem, e um companheiro de viagem, com uma grande fornecimento de aparelhos e drogas (sic) fotográficas, teve mui pouco incómodo com os delicados empregados portugueses, tendo somente a pagar uma pequena quantia por cada volume.

Qualquer objecto, como roupas, espingardas &&. para uso próprio é isento de direitos; aliás um tanto pesados na maior parte dos artigos.

Vista do mar, a cidade é muito formosa, com os seus campanários, casas caiadas de branco, tendo por fundo os jardins e quintas de laranjeiras, com picos e outeiros cultivados no último plano. Ao desembarcar não há motivo para desilusões.

Os edifícios são solidamente construídos de pedra vulcânica, ainda que poucos haja, de real beleza, como espécimen de arquitectura.

As ruas sofrivelmente largas e limpas, calçadas com blocos de lava, são alumiadas a gás e petróleo.

Entre as várias modas, a mais notável é o enorme capote e capelo que muitas mulheres usam envolvendo-as inteiramente, com uma originalidade ridícula.

Cavalos pequenos, burros, mulas, bois e carneiros são as bestas de carga; até os carneiros puxam um carrinho com barris de água, sob os olhos indolentes do dono.

A respeito de hotéis, há alguma escassez, atendendo a que a população ascende a 22.000 almas. Um inglês fará bem em ir para o de Mrs. Brown, nos Pinheiros, a 8 minutos de passeio do cais de desembarque. Lá, por uma pataca terá bom passadio e um quarto de cama aseado e bem mobilado. Das janelas da sala há uma linda vista para os campos e quintas de laranjeiras e da cidade até ao mar.

Aqueles que não desgostarem dos costumes portuguezes, encontram boas comodidades em casa do Sr. Silvano, ou no Hotel Azorean, ambos perto do cais, um pouco mais baratos; mas então, quase que se torna indispensável o conhecimento de um pouco de português.

Casas mobiladas ou não, com bons jardins, podem obter-se por 20 a 40 libras e a vida é muito barata. Por exemplo: vaca e carneiro vendem-se a 6 e a 8 pence a libra, frangos a 4 ou 5 pence, ovos a 4 pence a dúzia. O chá e o açúcar são muito mais caros do que em Inglaterra. O vinho da ilha, espécie de palhete leve, é muito barato; retalham-no a 1 pence o copo.

Há bons mercados de fruta, carne e peixe, boa água, lojas bem sortidas, onde se podem comprar muitos e variados artigos; todavia os artefactos ingleses, aqui como em muitos outros lugares, estão sendo suplantados pela concorrência americana e alemã.

Os impostos parecem ser menores do que em Inglaterra e os salários de criados e criadas são para aqueles de 9/ a 12/6, e para estas de 4/3 a 7/ por mês. Os salários dos artífices são correspondentemente baixos.

Quanto a dinheiro, é melhor trazer libras, que têm livre curso, valendo 5\$600 rs. A prata em circulação, consta da pataca espanhola (4/3) a meia pataca, a serrilha (1/5 da pataca) e o tostão ou 1/2 serrilha. O cobre é o vintém, o pataco de 50 reis, e as moedas de 10 e 15 reis. A princípio o dinheiro causa embarços, pois muitas patacas têm 960 no cunho e valem 1\$200, e as meias patacas 400, valendo 600 reis.

Um estrangeiro, sem apresentações terá aqui uma vida muito tranquila. Os portugueses não mostram ser um povo muito sociável, ainda que muito agradáveis e corteses nas suas maneiras.

A colónia inglesa vai decrescendo, como decresce o comércio inglês. Estavam cerca de 20 pessoas à missa na Igreja inglesa, no Domingo em que lá fui, sendo o serviço divino lido por um dos residentes.

Quase que não há divertimentos. Há um bom teatro, mas raros os espectáculos, e só quando chega alguma companhia de Lisboa. Às 8 horas da noite as ruas estão tranquilas.

KETTLE, W. R. — *Notícia da ilha de S. Miguel*.
«Arquivo dos Açores», Ponta Delgada, vol. 9
(1982), p. 11-12.
Trad. do jornal *The Field*, London, n.º 1777, 1887,
p. 75-76.

ASPECTOS DA VIDA SOCIAL EM S. MIGUEL

Diz-se que os Açores foram descobertos pelo Português Gonçalo Cabral e permaneceram até aos nossos dias sob o domínio de Portugal, excepto durante um curto intervalo de tempo em que estiveram sob o domínio de Isabel de Borgonha.

A maioria da população de S. Miguel é de origem portuguesa; somente em Ponta Delgada estabeleceram-se alguns estrangeiros sobretudo ingleses, que se dedicaram ao comércio das laranjas. A população nativa é bela e robusta, e depara-se sobretudo com muitas mulheres bonitas. O vestuário é muito simples e assemelha-se ao da Itália Meridional. Os chapéus são originais: os homens usam um boné, com uma enorme pala, ao qual está preso um lenço azul que cobre o pescoço; as mulheres usam uma capa até aos pés cujo tecido é o mesmo do 'capote' que, cobrindo toda a cabeça, dá a quem o usa o aspecto cómico de um Septenviro a caminhar.

Por influência dos ingleses, a educação feminina é confiada a senhoras inglesas. Devido à situação de insularidade e isolamento da Ilha de S. Miguel, criaram-se nas classes abastadas usos e costumes bastante particulares nos quais o sentido prático dos povos do Norte e o temperamento alegre e animado do Meridional se entrelaçam.

O carácter particular dos habitantes da Ilha não se assemelha de modo algum ao do português do Continente, embora existam pontos em comum. Como estes últimos, são bastante empreendedores, patriotas, sóbrios e de uma cortesia exagerada; mas falta-lhes o orgulho e consequentemente as vantagens e inconvenientes que dele passam surgir; são sinceros, acessíveis e muito hospitaleiros.

Nota-se por toda a parte um vivo desejo de instrução; nos melhores círculos fala-se correntemente o francês e o inglês e sempre que os meios o permitam os pais enviam os filhos para a Universidade de Coimbra.

A natureza das gentes da região é muito boa e modesta. A estatística criminal mostra que o roubo é algo de muito raro e que o último assassinato remonta a 1830, ano politicamente muito agitado.

As classes mais desfavorecidas são bastante pobres, devido à grande densidade populacional, por isso todos os anos, 500 a 600 pessoas emigram para o Brasil para melhor ganharem a vida.

Por outro lado a aristocracia, se assim quisermos chamar às famílias mais antigas, e os comerciantes de S. Miguel são bastante ricos, mas depois da abolição dos morgadios o bem estar geral aumentou sensivelmente; não unicamente por se ter verificado uma distribuição mais radical da terra, mas também porque a actividade industrial progrediu consideravelmente.

JEDINA, Leopold von — *Voyage de la Frégate Autrichienne Helgoland autour de l'Afrique*, Paris, Maurice Dreyfus, 1878, p. 314-316.

Trad. do A.

OS PORTOS

Ponta Delgada é o principal palco de comércio da região. Parece extremamente agradável vista do mar alto e apresenta um aspecto de dignidade devido aos conventos que são numerosos e muitos deles enormes e bonitos. Existe um pequeno molhe para protecção de pequenos navios, mas os maiores são obrigados a lançarem âncora numa baía. Contudo, se lhe aumentassem a profundidade e o alargassem, o porto poderia ser capaz de comportar navios de grande porte; e se o largo de S. Francisco fosse escavado e abrissem um canal entre ele e o porto, um grande número de navios poderia lá ser acomodado. E isto, sem grandes despesas, produziria o maior e o mais benéfico efeito para a ilha e para as suas relações comerciais. Até que se efectue este melhoramento, não aconselho que navios de grande porte visitem este local, porque estariam frequentemente sujeitos a problemas durante a carga e a descarga e, talvez, a não saírem de lá durante várias semanas ou pelo menos durante os dias de grandes temporais com ventos de sul.

Embora com uma situação inconveniente para fins comerciais, é ainda o melhor de que as ilhas podem dispor. O que se lhe segue é o da Ribeira Grande. Este está situado no Norte mas, não tendo ancoradouro, e sendo um porto cheio de bancos de areia, está dependente do Sul para as suas transacções comerciais.

A Vila Franca, no lado Sul, tem um ancoradouro muito inferior só para pequenas embarcações. Como não existe nenhum outro porto ou ancoradouro seguro na ilha e é natural que a cidade aumente o

seu comércio, é da maior necessidade aumentar o molhe e construir docas e portos, como atrás referi.

As desvantagens consequentes à necessidade duma melhor condição naval, são grandemente agravadas pela religião do País e pela natureza do governo. Contudo, não há melhor prova duma natural disposição da ilha do que vê-la evoluir ou aumentar em força mesmo sob dificuldades físicas, religiosas e políticas; vê-la exportar anualmente 15.000 toneladas de fruta, vinho e outras provisões e, mesmo mantendo 90.000 habitantes, contribuir com 100.000 mil reis, mais do que 28.000 libras, para o Estado.

Impõe-se, aqui, a observação de que, em consequência das obstruções que atrás mencionei, não só nesta carta mas noutras já escritas, as artes, a agricultura e o comércio não se encontram a mais de 20 % daquilo que poderiam alcançar; a população não está, de modo algum, proporcional à extensão do território ou motivada para os melhoramentos susceptíveis de serem atingidos.

Ao observar estas circunstâncias, e sendo o solo tão fértil e o clima tão magnífico, que tanto as plantas europeias como as tropicais crescem com a maior facilidade, tenho que reconhecer uma particular generosidade da Natureza para com esta região, e, ao mesmo tempo, uma condenável indiferença do homem para promover ou aproveitar estes dons que imediatamente concorrem para o desenvolvimento dum País e contribuem para o conforto e felicidade da vida social.

ASHE, Thomas — *op. cit.*, p. 53-55.

O 1.º DE DEZEMBRO EM PONTA DELGADA

Desembarcámos pela primeira vez em S. Miguel na manhã do 1.º de Dezembro, dia importante na História de Portugal.

.....

O céu estava claro e o sol alegrava Ponta Delgada embandeirada, tal como os navios que se encontravam na baía. Desde a manhã os cantos, os gritos de alegria e as detonações de pequenos morteiros chegavam até nós. Chegámos ao pequeno porto construído na Idade Média, depois passámos sob uma espécie de Arco do Triunfo, que, talvez, tivesse sido em tempos a porta da cidade e chegámos perto da grande praça, chamada Largo da Matriz, praça à qual a catedral deu nome. Guiados por um adido do consulado continuámos o nosso caminho até à casa do cônsul.

A impressão produzida pela cidade é muito agradável. A maioria das casas tem um único andar, construídas em estilo Espanhol e são de um branco puro sobre o qual sobressaem linhas pretas e varandas pintadas de verde. As ruas são limpas e bem pavimentadas; existem lugares espaçosos, alguns deles com árvores e jardins; nota-se por toda a parte um movimento bastante animado; nas ruas a alegria é enorme; uns vestidos à europeia outros com trajes tradicionais, os militares usam um uniforme castanho-escuro bastante simples. Encontrámos também diversas corporações com bandeiras e bandas de música e também uma quantidade de veículos que transportavam convidados das classes superiores.

Tudo isto contribuiu para modificarmos consideravelmente a nossa opinião sobre Ponta Delgada, pois há alguns dias atrás não tínhamos uma ideia favorável acerca dela.

A Matriz, nome que é dado à catedral, é duma grandeza imponente embora demasiado sobrecarregada de ornamentos e enfeites.

O governador da Ilha, o Conde da Praia, recebeu-nos à entrada. Depois do nosso comandante ter feito as apresentações habituais, ele indicou-nos um lugar, ao lado de numerosos militares e civis, no presbitério, disposto em forma de salão com cadeiras e tapetes de cores variadas.

A cerimónia foi em seguida celebrada, com uma grandeza para nós desconhecida.

... ..

Todos os assistentes, jovens, velhos e até mesmo militares, permaneceram quase sempre de joelhos. Este quadro dá-nos uma ideia clara da fé da população de Ponta Delgada. Um sermão relativo à origem da festa, concluiu a solenidade.

Ao sair da igreja a animação atingiu o seu auge; as tropas lançaram morteiros, o hino da Independência foi tocado e cantado várias vezes e lançaram-se foguetes quando o grande dia chegou ao fim.

Finalmente a multidão dispersou-se, os numerosos fiéis, de fatos e aos pares, subiram para os seus veículos e nós dirigimo-nos ao barco que nos esperava.

JEDINA, Leopold von — *op. cit.*, p. 307-311.

UM BAILE EM PONTA DELGADA

Dezembro, 7

Em companhia do cônsul americano, assisti a um baile dado para festejar a chegada à maioridade da filha de uma morgada, menina que fez agora doze anos e que, sendo orfã de pai, já pode casar e entrar na posse do vínculo (1). Chegámos às sete horas, encontrando as salas cheias. Havia começado o baile.

A casa, uma das maiores da cidade, assemelhando-se no exterior aos hotéis do Faubourg St. Germain, é construída nos dois lados de um pátio quadrangular, uma extremidade do qual estava ocupada por cavalariças e a outra por um muro alto e um portão. No átrio ou saguão, sentavam-se tagarelando e rindo, ociosamente, numerosos criados descalços e rapazes das lanternas, de mistura com homens vestidos de libré, mulheres, lanternas e boleeiros de botas altas.

Dois criados postados à porta, cada qual com sua vela, conduziam os visitantes à galeria exterior dos salões de baile, espaçosos e mobilados a bom gosto, com mobília vinda de Paris.

No que respeita ao vestuário e às danças, bem me poderia julgar num salão de baile em Inglaterra ou em França, e não foi sem alguma surpresa que notei a falta de qualquer traje regional característico. Em vez de fandangos ou boleros, ou de danças espanholas e mouriscas,

(1) D. Maria Guilhermina Taveira de Brum, que casou em Ponta Delgada, a 17 de Agosto de 1842, com o bibliófilo micaelense José do Canto. (Nota do trad.).

quarenta pares tomavam parte na primeira série de quadrilhas, terminando pelo habitual passeio, como se faz em Inglaterra. Ouvia-se excelente música: pianos, rabecas, flautas e pífaros; viam-se lustres reluzentes, serpentinas brilhantes, vasos de flores e espelhos resplandescentes; notavam-se vistosos uniformes, com dragonas de oiro e prata, e grandes bigodes pretos, grisalhos e ruivos; jovens dândis de longos cabelos encaracolados e cavalheiros idosos, de comendas e condecorações, juízes, padres e barões. Que mais se poderia exigir para fazer de um baile aquilo que ele deve ser?

O penteado das senhoras novas, preso atrás, caía na frente em grandes e abundantes anéis. Nisto se pareciam com as minhas conterrâneas, sendo, porém, muito diferentes delas na cor do rosto e na configuração das feições. «Raparigas bonitas», de cabelos loiros, leves e airosas, como se vêem por toda a parte na Inglaterra, não as havia; mas era grande a proporção de mulheres deveras formosas.

Algumas dariam excelentes quadros, com os seus cabelos escuros, lustrosos e abundantes, e os seus olhos grandes negros e profundos, bem diferentes dos olhos pretos e vivos que logo reflectem luz que neles cai. Seus dentes eram excelentes e os lábios descerravam-se com naturalidade; de estatura, em geral meã, bem proporcionadas, com tendência para a obesidade.

Não vi nenhuma dessas cinturas de vespa que tantas mulheres inglesas conseguem à custa de tanto sofrimento e paciência.

As senhoras eram alegres, faladoras e de bom génio, de fronte inteligentes. Beijavam as suas amigas, ao receberem-nas, e usavam os leques como as espanholas, em constante movimento, abrindo-os e fechando-os, e dando-lhes mil e uma voltas, com tanta naturalidade como graça, sem mesmo darem por isso.

Muitas das mais novas haviam aprendido o inglês, que falavam fluentemente e com excelente pronúncia. Poucas coisas há mais agradáveis a um estrangeiro em terra alheia do que ouvir a sua língua pátria falada por mulheres, sem hesitações, apenas com a pequena diferença de acento e de construção, que até à tagarelice imprime delicioso frescor.

Muitas das senhoras que haviam já ultrapassado a primavera da vida, ostentavam turbantes, aves do paraíso e sedas brilhantes, não

faltando os grupos de homens de aparência distinta, ainda na flor dos anos.

Um costume notámos, para nós desconhecido e que revela bondade de sentimentos. Um grupo de criados, de lenços brancos nas cabeças, juntaram-se num lugar da escada de onde viam, por cima das cabeças das pessoas que se encontravam à porta, os pares que dançavam, tomando, assim, parte nas alegrias da família.

BULLAR, Joseph e Henry — *op. cit.*, p. 16-18.



TRADIÇÕES QUE SE MANTÊM !

Um dia ao passar junto de uma casa, nos subúrbios de Ponta Delgada, vi um jovem, no meio da rua, falando com uma rapariga que estava debruçada no parapeito da varanda. Ele, quando nos viu, afastou-se. Ao olhar para trás, reparei que ele havia regressado e estava novamente a conversar com a moça. Em resposta ao meu ar de surpresa, uma senhora inglesa do nosso grupo disse: «Oh! trata-se de um namoro açoriano. Eles começam sempre assim. Na verdade continuam assim durante muito tempo. O jovem não é autorizado a entrar em casa até, praticamente, ao momento em que se compromete com a rapariga, só então a pode visitar mas na presença de familiares da moça». A última regra é também comum ao continente europeu, mas acerca do namoro à janela nunca antes tinha ouvido falar.

Ocasionalmente, entre os camponeses açorianos, depara-se com uma mulher a fiar com uma roca; geralmente, isto só acontece entre as camadas mais pobres. Em S. Miguel, Terceira e Faial, tal como em todas as outras ilhas, muitas das mulheres usam uma comprida capa, até aos tornozelos, com um capote inclinado sobre a cabeça. Com tal indumentária nem as próprias mães as conhecem. Não se pode deixar de pensar se um tal traje não teria servido, originalmente, para esconder as caras das mulheres, já que o aspecto da mulher açoriana das classes baixas, na sua meia idade e velhice, é algo terrível de contemplar.

Durante um dos meus passeios a Ponta Delgada, passei por um bairro onde vivem as pessoas mais pobres. Que imunda miséria!

Em casas, onde um lavrador da Pensilvânia não poria os seus animais, construídas de rudes pedras vulcânicas, sem revestimento quer no interior, quer no exterior, com o chão de terra, portas de madeira rude e janelas sem vidros, vive gente na mais completa sujeidade, abandonada e sem qualquer conforto. Não é pois de admirar que as mulheres se tornem feias!

GIBBONS, Marianna — *op. cit.*, p. 25-26.

EDUCAÇÃO

Nos arredores da cidade, entrámos numa pequena casa, onde um homem adoentado, de rosto pálido e ossudo e grandes olhos brilhantes, ensinava a ler a cerca de vinte rapazes. Tratava-se de uma das escolas fundadas em execução do plano de educação nacional de D. Pedro.

Com este plano, todos os pobres da ilha poderão, se o desejarem, aprender a ler, escrever e contar, gratuitamente. Disse-me um burriqueiro que mesmo alguns adultos, entre os quais o meu informador, muito desejavam aprender a leitura e a escrita.

As crianças aprendiam as lições como nas nossas escolas infantis — os vinte rapazes cantando alto, ao mesmo tempo, em ladaíinha nasal. Alguns tinham livros, outros liam em folhas de papel ou em costas de cartas, nas quais, pela escassez dos livros, parece que haviam sido copiadas as lições. Os alunos aprendiam com satisfação, como sempre fazem as crianças, parecendo tão inteligentes como os rapazes ingleses, e menos ásperos. Entre eles não se notavam crianças indigentes — apenas com camisolas de algodão, sem barrete, nem sapatos nem meias. Todos se apresentavam razoavelmente vestidos.

.....

A habitual exclamação da gente pobre, ao ver nas nossas mesas alguns (muito poucos) livros e papéis e utensílios de escrita, é: «Tanta coisa! Tanta coisa!». Descobrimos a razão disso, até nas nossas visitas às casas dos habitantes mais ricos. Os açorianos ainda não se dedicam à leitura formando notável contraste com o que passa

em Inglaterra; há falta de livros, papéis, objectos de escrita e tudo o que se relaciona com a leitura. Nas casas dos pobres nunca se encontram as baladas que mesmo há um século constituíam o género predilecto das belas-lettras nas cabanas inglesas e que têm cedido lugar a bíblias e a folhetos religiosos, para não falar dos frutos duvidosos daquela árvore do bem e do mal.

Nas salas das casas das classes médias consiste o mobiliário, geralmente, de uma boa porção de cadeiras de palhinha, postas muito juntas em volta do quarto e de uma mesa nua encostada à parede; não há tapetes no chão, sendo os quartos bastante amplos; as janelas, sem cortinas, dão para as varandas; como não se usam fogões de sala, a ausência destes torna ainda mais intensa a branquidão e a nueza das paredes.

Em algumas casas vêem-se gravuras de santos ou de falecidos reis de Portugal e do Brasil, e a litografia de Dom Pedro, e de Dom Pedro moribundo, rodeado de uma multidão de homens e senhoras que por todos os modos e feitios manifestam a sua dor, da melhor forma que ao laborioso artista aprouve representá-los.

Há, porém, outras famílias na ilha, que mobilam as suas casas segundo os modelos europeus e vivem com as maiores comodidades, dando educação aos filhos, alguns dos quais falam o francês e o inglês e lêem na sua língua o *Panorama*, bem redigida revista lisbonense, bem como traduções francesas de várias novelas de Walter Scott.

Além de tais fontes de informação, publicam-se na cidade dois semanários, que fornecem aos seus leitores tanto notícias do estrangeiro como relatos de escândalos pessoais.

Alguns rebentos novos destas famílias têm estado em Inglaterra e em França, de onde trouxeram botas francesas e casacos ingleses, assim como mais largas vistas e necessidades. É, de facto, geral entre as classes mais abastadas o desejo de dar aos filhos uma boa educação, a ponto de se tornar objecto de ásperas censuras o procedimento de um morgado rico que não deixou que as filhas aprendessem a ler e a escrever, com receio de que elas se imbuíssem de ideias nocivas ou escrevessem cartas de namoro.

BULLAR, Joseph e Henry — *op. cit.*, 30-31/136-136.

CARNAVAL E ENTRUDADAS

Fevereiro, 19

Passou o Carnaval e entrámos na Quaresma. O divertimento de quantos se sentem dispostos a divertir-se consiste em atirar uns aos outros água aos potes ou aos esguichos. No primeiro dia de Carnaval vimos com certa surpresa um grupo de jovens atacando uma casa próximo de uma fonte. Munidos de toda a espécie de vasilhas para arremessar água, desde os jarros às abóboras, cercavam os moradores, que, da varanda, repeliam ao assalto com bom resultado. A luta, ao que parece, verificava-se apenas entre pessoas da mesma condição. Nas varandas ou em janelas abertas, grupos de mulheres, a bom rir, e cujos grandes olhos lustrosos já de si exprimiam graça à maravilha, esguichavam os conhecidos que passavam, de borrachas escondidas nos lenços. Rapazes de várias idades, conduzindo as mesmas armas também embrulhadas em lenços, seringavam pela calada outras pessoas, sempre que o podiam fazer sem serem vistos. Mulheres às portas dos casebres, atiravam água aos camponeses, às mãos cheias, de dentro de alguidares de barro. As crianças, pelas ruas, andavam bem munidas de seringas, feitas por elas próprias de canudos de cana, com que se esguichavam umas às outras ou atacavam os cães e os porcos.

Passando na aldeia da Ribeira Seca encontrámos um grupo de homens e mulheres de máscaras negras, enfarruscados e vestidos de serapilheira, seguidos de grande multidão de crianças, muito divertidas e encharcadas. O grupo andara a percorrer a aldeia na faina do entrudo, recebendo os mascarados grandes caldeiradas de água que

lhes arremessavam as mulheres postadas às portas, munidas de jarros, com grande pasmo e galhofa de bandos de homens e de raparigas que assistiam à cena. A meia milha de distância, junto à aprazível cascata, três raparigas que ali tinham vindo encher os cântaros divertiam-se a si e a nós com a brincadeira da água, com grande vivacidade. Do borrifar com as mãos e da garridice do folgado, passavam a arremessar-se mutuamente potes cheios de água, a ponto de ficarem molhadas até aos ossos, de tal modo que os vestidos claros e leves se lhes colavam à pele, como as roupagens das dançarinas de Cánova. Suas gargalhadas ecoavam em redor e depois de se terem molhado a valer umas às outras, cheios os cântaros vermelhos que equilibravam à cabeça, lá iam elas, saltando de pedra em pedra, pelo escabroso e íngreme atalho, com toda a graça natural própria da mulher livre de embaraços e atavios.

Segundo me dizem, na cidade, os peralvilhos usam limões de cera cheios de água de cheiro, que se partem sem magoar e que eles atiram às senhoras que lhes dão a honra de uma molhadela.

Ao domingo de Entrudo chamam domingo gordo. O tempo estava magnífico, o sol quente como no verão, correndo a brisa suficiente para evitar o abatimento e o ar sufocante.

O dia tinha um ar duplamente alegre. Quase toda a população da terra e muita gente das redondezas se concentrara na praça, ostentando trajes domingueiros, os homens com calças brancas de linho e casacos de veludo, pretos ou azuis, justos ao corpo e as mulheres com lenços garridos nas cabeças, em contraste com as capas de pano azul escuro, de mistura com os capotes pesados, cor de rapé, dos poucos lojistas da vila. Numerosos grupos, gozando o dia de festa, conversavam ou vagueavam no mercado.

BULLAR, Joseph e Henry — *op. cit.*, p. 107-109.

DA QUARESMA AO NATAL

Desde o meio dia de Quinta-Feira Santa, quando a Hóstia Sagrada é colocada na pirâmide da catedral, até à mesma hora do Sábado seguinte, não se tocam os sinos. [...]

No sábado, ao meio dia, os padres dirigem-se para o Sepulcro, o qual, depois de um fingido mas cuidadoso exame, é declarado vazio: anunciam então a Ressurreição. Uma descarga de morteiros dada pela guarda em frente da igreja, é o sinal para uma saudação geral do castelo e de todos os fortes, seguindo-se então grandes manifestações de regozijo. As cortinas pretas são removidas dos altares, que agora brilham cheios de luz, as imagens dos santos aparecem e uma missa cantada é celebrada com toda a pompa. A Hóstia, que tinha permanecido no alto da pirâmide a que me referi anteriormente, é removida para o altar-mór da igreja e apagam-se os círios.

No dia seguinte uma imagem é içada para o tecto da igreja até desaparecer por detrás duma cortina, o que faz lembrar aos presentes a Ascensão de Cristo.

Entre os divertimentos da gente do campo, nesta quadra do ano, existe a Festa do Espírito Santo, que se celebra em todas as paróquias, durante sete semanas. Todos os domingos, durante a missa cantada, o padre coloca uma coroa de prata na cabeça, e um ceptro na mão de um camponês previamente eleito pelo povo. Ele é proclamado *Imperador* e conduzido a um lugar debaixo de um pάλio, que-lhe é preparado num dos lados da igreja, onde permanece durante o resto da celebração. Ao sair da igreja é acompanhado por uma multi-

dão que atira flores para o caminho por onde ele passa recebendo em recompensa a benção do *Imperador*, que levanta o seu ceptro consagrado.

É costume mandar reparar, pintar e caiar a casa do *Imperador*, se os seus meios lho permitem, ou ornamentá-la com ramos de murta e flores, para receber os numerosos convidados que regressam com ele, da igreja, e onde ficam a dançar e a cantar até altas horas da noite. A coroa e o ceptro são sempre colocados no melhor quarto da casa, numa salva de prata, no meio de círios acesos. Todos os domingos de tarde repetem-se a dança e os cantos e, por vezes, acendem-se fogueiras em frente da casa.

Em todas as freguesias existe uma construção grosseira de pedra construída na rua principal, cujo pavimento fica alguns pés acima do solo, com um arco de cada lado a sustentar o tecto. No sétimo e último domingo da Festa do Espírito Santo, logo pela manhã, o *Imperador* senta-se no teatro (nome dado à construção acima descrita); diante dele é colocada uma mesa com pão e vinho, e dois ou três dos seus amigos mais íntimos sentam-se à sua direita e esquerda. O *Imperador* permanece neste local até à noite, e durante todo este tempo os fiéis vão lá levar pão, vinho, ovos e galinhas para serem por ele abençoadas. Uma parte destas ofertas é repartida pelos doadores, e o restante é distribuído, à tarde, pelos pobres. No mesmo dia o povo elege o *Imperador* para o ano seguinte a quem são entregues a coroa e o ceptro que ele leva para casa e coloca num quarto preparado para tal fim. Todos os domingos até à festa seguinte, o *Imperador* eleito abre a sua casa, que durante todo este tempo irá ser o local de reunião semanal de todos os seus amigos e conhecidos que ali se juntam para dançar, cantar e para se exercitarem em jogos populares.

Na véspera do Natal, a iluminação das igrejas é muito mais esplendorosa do que em qualquer outra altura do ano, e em todas elas se celebra, à meia-noite, a missa do Galo. As ruas enchem-se de pessoas, que vão de um para outro templo, sendo o barulho e a confusão tão intensos durante toda a noite que se torna impossível dormir. Neste período, os conventos são os principais centros de atracção, por isso as freiras de cada um deles esmeram-se para fazer

sobressair o esplendor das suas capelas e as suas manifestações musicais. No dia seguinte, na igreja de S. Francisco, depois das habituais cermónias católicas, é apresentada na capela, nos braços de um frade, uma imagem do Menino Jesus embrulhada em roupa a qual a multidão se apressa ansiosamente a beijar.

As cerimónias religiosas que se podem observar nas outras grandes festividades da igreja, ainda que numerosas, diferem pouco das que já foram descritas.

WEBSTER, John W. — *op. cit.*, p. 70-74.

«ECCE HOMO»

Em meados de Maio, assistimos à mais grandiosa festa religiosa e popular de todo o ano: a festa do Senhor Santo Cristo. Dos numerosos conventos de freiras que, em tempos, existiram em S. Miguel, existem somente dois em Ponta Delgada: são os conventos da Esperança e de Santo André. As religiosas do Convento da Esperança possuem, de entre outros objectos preciosos, um «*Ecce Homo*», que elas só mostram uma vez por ano.

Esta cerimónia realiza-se com toda a pompa e ostentação possíveis e atrai em grande número as populações vizinhas. Sem entrar em grandes detalhes, contentar-me-ei em dizer que, na nossa qualidade de estrangeiros, fomos tomados de imprevisto e introduzidos na procissão, dois passos atrás do venerável bispo de Ponta Delgada, ainda que, lamentavelmente, em traje de naturalistas-viajantes.

O Santo Cristo, que vi de perto, é um «*Ecce Homo*» de madeira pintada, um trabalho medíocre, abrigado sob uma cobertura de tapeçaria em veludo vermelho, bordada a ouro. Esta cobertura encontra-se ornada por uma profusão de flores e penas de ganso do Brasil, artisticamente manufacturadas pelas próprias religiosas. O Cristo leva sobre os ombros uma capa vermelha bordada a ouro. Na mão, leva um ceptro em prata ornado de pedras preciosas; sobre a cabeça, uma coroa de espinhos e sobre ela um rico diadema, em prata, cravado de pedras preciosas.

... ..

Existe uma religiosa cuja função é guardar o Santo Cristo e receber as ofertas e esmolas. Deste modo, esta imagem sagrada, enriquecida pelos donativos dos fiéis, possui actualmente o seu tesouro particular.

Sem querer, demos connosco na capela, invadida, nesse dia, por uma enorme multidão; nessa ocasião presenciámos uma repreensão muito especial dirigida pelo cónego organizador da festa à multidão turbulenta. Encontravamo-nos, no interior da grade do coro, em frente ao bispo, e como o barulho passava, com efeito, dos limites que o santo lugar exigia, o cónego virou-se subitamente para a multidão, lançando-lhes o seguinte aviso: «Calem-se já ou meto-os na rua!...» depois apontando para nós continuou «Estes senhores são estrangeiros vindos aqui para admirar e vocês estão a escandalizá-los!».

Em suma, esta festa, que é a mais solene do ano em S. Miguel, perpetua no seio destas pacíficas populações, em proveito da cidade e do convento, uma antiga tradição religiosa e práticas que outra coisa não podemos fazer senão respeitar.

DROUET, Henri — *Sur Terre...*, p. 30-32

RELIGIOSIDADE E SUPERSTIÇÃO

Os açorianos são fiéis cumpridores de todas as formas do seu culto religioso, não só aderindo rigidamente a alguns rituais e cerimónias que lhes são populares, como também a outros, agora quase completamente abandonados em Portugal, cujos naturais, ao visitarem as ilhas, muito se admiram da superstição e ignorância dos seus habitantes.

Os padres impõem frequentemente penitências bastante severas, e outras são voluntariamente decididas pelos próprios devotos. Além do jejum, rezas e açoites, não há penitência mais vulgar do que percorrer a ilha descalço, rezando em todas as igrejas e capelas e diante de todas as imagens e cruzes. Senhoras de grande riqueza e respeitabilidade impõem a si mesmas uma forma ainda mais severa de sacrifício, que consiste em usar em volta da cintura sobre a pele, tanto de dia como de noite, uma rede de arame cheia de picos na parte interior. A isto chamam *suplício* e conhecem-se muitas pessoas que o usaram durante muitos anos; outras pessoas ocultavam-no cuidadosamente mesmo dos amigos mais íntimos, que só vinham a descobrir depois da morte do penitente.

Todas as vezes que a Hóstia tem de ser ministrada a um doente ou moribundo, é levada da igreja pelo vigário, sob um pálio de damasco vermelho, carregado por quatro padres, que são seguidos

por outros que levam o incenso e um crucifixo e por uma promíscua multidão. O aproximar deste estranho acompanhamento é anunciado pelo som dum pequena campainha tocada pelo sacristão e todas as pessoas que se encontram nas ruas por onde a Hóstia passa, descobrem a cabeça e ajoelham.

Se por acaso a campainha é ouvida durante um jantar ou reunião todos se levantam, a música pára, e todos vão para as janelas ou varandas, ajoelham e fazem o sinal da cruz. Se isto acontece à noite, as velas são levadas para as janelas onde ficam até que a Hóstia passe. A dança e a conversação continuam depois como se nada tivesse acontecido.

Diz-se que há alguns anos uma imagem de madeira, que se julga ter uma semelhança perfeita com Cristo, foi milagrosamente dada aos habitantes de S. Miguel com a condição de se fundar o convento da Esperança. A imagem ficou depositada naquele convento e confiada ao cuidado de uma freira escolhida para este fim e por morte desta foi eleita um outra que ainda a vigia de dia e de noite. Incumbe-lhe como parte do seu dever colher o suor milagroso que se acredita transudar da imagem e que é diluído em água e dado aos doentes como panacea.

Nenhuma outra imagem em S. Miguel tem tanto ouro, prata, pérolas e pedras preciosas, que são oferecidas pelos fiéis. Ofertas de grande valor são continuamente feitas pelos ricos e os pobres deixam no altar, pão, vinho, círios, azeite e tudo de que possam convenientemente dispor. Um cavalheiro de Ponta Delgada, há pouco tempo, ofereceu uma maravilhosa capa de seda, cuidadosamente bordada a ouro pelas suas próprias mãos. A imagem tem à volta da cintura uma corda de ouro e prata, com pérolas e diamantes de alto valor. O diadema, o medalhão e mais alguns ornamentos, feitos dos mesmos materiais, estão avaliados em vinte mil coroas. Na véspera da festa do Senhor Santo Cristo, a imagem é colocada no altar-mor da capela do Convento da Esperança, havendo fogo de artifício, oferecido pelo herdeiro de uma das famílias mais ricas, em cumprimento de uma promessa feita por um dos seus antepassados devido a uma doença. No dia seguinte a imagem é levada em procissão pelas ruas da cidade. [...]

Todos os dias do ano são dedicados a um santo e em muitos destes dias não se trabalha; depois de participarem na missa, a maior parte das pessoas passa o tempo a dançar e noutros divertimentos.

É costume, no dia em que nasce uma criança, dar-se-lhe o nome do santo correspondente, com a excepção do filho mais velho, que recebe o nome do pai.

WEBSTER, John W. — *op. cit.*, p. 83-86.

AS ALCUNHAS

Domingo, 7 de Abril

A nossa vizinha Francisca, que há muito atura o mau génio do marido, parece que hoje levou a costumada coça das manhãs do domingo, dia em que o marido fica em casa. A gente da vila alcunhou este indivíduo de Francisco do Diabo, devido ao seu génio irascível.

É muito frequente entre a gente de todas as classes nestas ilhas o uso das alcunhas. Deste modo os pobres, em geral sem sobrenome, passam a ser conhecidos por uma alcunha adequada, que, uma vez conhecida, se lhes prende para sempre aos nomes de baptismo e aos descendentes, à semelhança do que se tem verificado em Inglaterra, em que a designação de vários defeitos físicos ou morais, se vinculou, com idêntica tenacidade, aos nomes dos seus herdeiros, pessoas isentas das máculas corpóreas e espirituais causadoras do epíteto depreciativo.

Foi o caso do António Bicho. Bicho, em Portugal, significa insecto, ou, mais propriamente, toda a espécie de vermes. Este nome foi aplicado ao pai do António, quer por motivo da sua compleição avermelhada, como a das minhocas, quer por se tratar de um indivíduo que fora pessoa desprezível, ou má bisca, expressão equivalente a bicho. Neste ponto, porém, não estão de acordo os genealogistas locais. Seja, porém, como for, a alcunha aplica-se ao seu actual portador, que é um homem razoavelmente honrado e digno.

O nosso magro, activo e prestante burriqueiro — o Aranha — foi assim alcunhado pela sua parecença com aquele animal, transmitindo-se a alcunha aos filhos. O velho João Quietto, das Furnas, deu-lhe tal designação seu amo, a quem aprouve assim chamar tão amável, calmo e pacato servidor, cujos netos e bisnetos são conhecidos pelo mesmo apelido.

Não são raros, entre as mulheres, dois nomes de baptismo, a que geralmente se acrescenta o de Jesus ou o de qualquer santo, como, por exemplo, Tomásia de Jesus. As pessoas ricas recebem os nomes por acrescentamento, até que, quando se chega ao trono e um infante real vai a baptizar, o padre, ofegante (dizem os jornais) leva uma boa meia-hora a tartamudear todos os nomes de baptismo constantes do ridículo rol.

BULLAR, Joseph e Henry — *op. cit.*, p. 148-194.

COSTUMES ORIENTAIS

Duas mulheres sentadas no chão, em frente uma da outra, cada qual segurando o cabo de madeira que lhe fica oposto, fazem girar com grande rapidez a pedra de cuja orla sai a farinha amarela, que é colhida no pano. É este um caso de semelhança de costumes desta ilha com os do oriente: «Duas mulheres estarão moendo no mesmo moinho; uma será levada e deixada a outra».

Outro costume oriental consiste em bater as palmas quando se deseja chamar um criado ou alguém conhecido.

Não existindo campainhas fixas às portas mas apenas algumas aldrabas, é vulgar ver-se uma pessoa bater as palmas ao fundo de uma escada de pedra enquanto no patamar não aparece a criada.

O uso de lenços bordados é, do mesmo modo, oriental. Frequentemente se vêem bordados em lenços de musselina, usados por jovens de ambos os sexos, pombas, corações, cupidos, grinaldas de flores e legendas amorosas. Outras particularidades existem, que relembram hábitos e costumes, familiares, pela leitura de pequenas narrativas, mesmo a quem nunca visitou o Oriente. Os sumptuosos doiramentos das mesquitas são imitados em algumas igrejas daqui, num estilo que, dada a relativa pobreza e insignificância das ilhas, bem merece o mesmo epíteto, indicativo de tendências semelhantes no emprego daquele ornamento e labor que caracterizam os trabalhos dos orientais.

O uso geral dos adornos, o gosto dos brincos de oiro, de elevado custo e de outros atavios do mesmo precioso metal, mesmo entre os

pobres, e o hábito (generalizado ainda há poucos anos) de se sentarem de pernas cruzadas no chão, são igualmente orientais.

Existe também, como entre os árabes, o mesmo amor do ritmo. São muito frequentes os «balhos», como lhes chamam, nas casas dos pobres, em que um dos dançarinos acompanha as danças à viola com uma cantiga extemporânea, procurando versificar em rimas, geralmente más, os acontecimentos do dia ou qualquer circunstância que no momento se verifique.

BULLAR, Joseph e Henry — *op. cit.*, p. 138-139.

GENTE DA VILA

Na nossa rua existe uma mulher gorda que se senta à varanda e nos cumprimenta todos os dias, quando passamos. Mostrou ela hoje, de modo pitoresco, a compostura que parece possuírem aqui as mulheres de todas as categorias. Quando lhe passámos pela porta, a nossa vizinha, à janela, despejava um alguidar de água suja, em que provavelmente lavara as mãos. Só deu, porém, pela nossa presença quando havia já despejado metade do líquido. Nem por isso se perturbou nem nos encharcou com a água. Segurando o alguidar de barro vermelho numa mão e apoiando a outra na grade da varanda, fez-nos uma saudação tão grave e tão graciosa, como se em vez de um vaso de barro, segurasse um frasco de perfume. O incidente ilustra duas particularidades desta gente: a forma sumária com que se desembaraçam da água suja e a constante serenidade de que são dotados.

É hábito os ingleses pobres, quando em presença de alguém de categoria superior, comportarem-se de tal modo que dão a impressão de se julgarem pertencentes a uma raça inferior; quando entram em contacto com os seus superiores, perdem todo o respeito por si próprios, como que sentindo-se indignos de partilhar com os que estão em situação social mais elevada, aquela medida de liberdade respeitosa, que é sempre de admitir nas relações entre os homens. Os pobres nestas ilhas, não cometem tais erros, posto que não sejam isentos doutros. Quando alguma mulher pobre vem ao nosso quarto e lhe dizemos que se sente, em vez de o fazer em posição incómoda, à

beira de qualquer cadeira afastada, senta-se tranquilamente onde quer que julgue ficar mais comodamente e começa a falar sem hesitação.

Entre a gente da vila é rara a embriaguês. Até agora só vi uma pessoa ébria e como um homem pode embebedar-se por pouco dinheiro, basta isto para abonar os hábitos de temperança da população. O vinho vulgar da terra é uma bebida ácida, fraca e insípida. Não obstante isso, e ainda apesar de aguado, traz o rubor às faces se bebido em quantidade e se for novo, que é quando mais se bebe, provoca a embriaguês.

BULLAR, Joseph e Henry — *op. cit.*, p. 98-99.

FISIONOMIAS

Dizem-se os ilhéus Portuguezes e falam a língua de Portugal. Porém, como os Espanhóis dominaram outrora as ilhas, deram-se cruzamentos e a mistura do sangue mouro aperfeçoou a raça.

São os ilhéus mais bem parecidos e elegantes do que os Portuguezes.

Mas, ainda que a ilha seja pequena e os camponeses possuam nas feições traços comuns que os caracterizam, é tão grande a diferença de fisionomias nos diferentes pontos da ilha, que quase se pode dizer que em cada aldeia existe um tipo especial de semblantes. Pertencem à vizinha vila da Lagoa alguns dos rostos de mulher mais finos e impressionantes que aqui tenho visto, mas os homens parecem-se com bandidos, dizendo-se que são turbulentos, arrebatados e vingativos. As mulheres, bem como os homens, têm grandes bocas que o uso constante da roca e do fuso ainda torna maiores, deformando-lhes os lábios inferiores. Sentadas ou de pé às portas dos casebres, ou andando ao sol, vêem-se sempre mulheres e raparigas fazendo uso daquelas peças de fiar, torcendo e molhando o linho macio com a mesma rapidez e calma dos aldeões italianos. Anda-lhes o linho continuamente entre os lábios e os dentes, resultando disto que o lábio inferior descai, e fica grosso e torcido. Em mais do que um sentido pode dizer-se que elas vivem da mão à boca.

A população de Vila Franca, ao contrário dos habitantes turbulentos da Lagoa, é notável por sua mansidão e gordura, dizendo-se que a este respeito excede os restantes povos da ilha. Parece, todavia,

ser qualidade característica de todos os habitantes, o bom génio, áparte os raros casos em contrário, não sem que tal qualidade venha acompanhada dos defeitos que lhes são inerentes: o egoísmo e a falta de sinceridade. Os pobres têm tanta astúcia como se fossem um povo altamente civilizado, dando até bons lisonjeadores, em caso de necessidade. Há sempre diferenças de fisionomia entre os habitantes de cada ilha do arquipélago, mais acentuadas do que as que se notam entre povos de regiões afastadas. Essas distinções características poderão notar-se na colecção de desenhos de cabeças, tomadas ao acaso no nosso livro de esboços, em que estão devidamente representados os rostos e coberturas de cabeça peculiares de todas as ilhas que temos visitado: S. Miguel, Faial, Pico, S. Jorge, Flores e Corvo.

BULLAR, Joseph e Henry — *op. cit.*, p. 122-123.

VIDA RURAL NAS FURNAS

A aldeia das Furnas é muito mais pitoresca do que quaisquer outras que até agora vimos. As ruas são mais estreitas e de piso tão duro que os aldeões delas se servem para malhar cercal. Quando as atravessamos de burro, o animal escolhe cuidadosamente o caminho por entre montes de tremoços que os homens malham com manguais em frente das portas. No primeiro livro das *Geórgicas*, imprime Virgílio, nos italianos, a necessidade de uma rotação de sementeiras, para evitar o cansaço do solo e defende em especial que se alterne uma leguminosa leve com um cereal mais exigente. «Mudando a estação», diz ele, «deveis semear o trigo doirado naquele mesmo solo donde haveis primeiro colhido os alegres legumes de vagens ruidosas, ou as pequenas sementes da vicia, e as frágeis hastes e a floresta murmurante do amargo tremoço». Este bom conselho foi tão bem seguido pelos romanos que estes levaram consigo o tremoço para as províncias conquistadas. Em todos os Açores, até hoje, a sementeira da leguminosa alterna com a dos cereais. Quando já têm três pés de alturas, é o tremoço cortado com uma espécie de podão de dois gumes e a resteva é enterrada como fertilizante. A semente do tremoço é muito amarga. Os camponeses das Furnas levam-no em sacos para o mar e depois de os haverem curtido pela imersão na água salgada durante alguns dias, vendem-nos nos cantos das ruas como acepipe da Quaresma.

.....

Vagueando de casa em casa, no Vale das Furnas, facilmente esquecemos que estamos a viver nos meados do século dezanove, tão primitivas são as ocupações dos habitantes.

«Alguns, em moinhos de mão
mofam o grão amarelo
outros teciam o linho
ou faziam girar o fuso, sentados,
com a mão leve e rápida, como as folhas do álamo».

Ou seguravam

«A roca embrulhada em lã
de cor como a violeta».

Um seca o milho no espaçoso forno, ou

«Tece o cesto flexível com varas de vimes»

ou vagarosamente constrói a sebe de canas flexíveis ou anda de casa em casa com um testo de brasas vivas.

Outros levam à cabeça grandes molhos de linho, que trazem dos campos, e outros ainda tasquinham-no, espadelam-no, fiam-no e torcem-no até ficar pronto para o tear. Poucos andam ociosos.

As suas vidas simples estão cheias de lições para nós. Mostram-nos como é estreito o limite das verdadeiras necessidades da vida e como somos extravagantes e pródigos quer como indivíduos, quer como nação. Muitos deles nunca viram nada para além das paredes da cratera em que nasceram. Trabalham de sol a sol por um xelim diário. Comem pão de milho e bebem água da nascente, com alguns feijões amargos e um pouco de peixe seco, de vez em quando, a modo de manjar delicioso. Não possuem celeiros nem armazéns; não havendo erva a cortar, o milho é guardado em casa, com a família e as galinhas, e as pombas empoleiram-se no tecto de palha. Não possuem, na sua maior parte, nem campo nem carro, nem boi nem cavalo, nem burro, nem vaca, nem cabra. Não bebem chá nem café e raramente provam uma gota de leite. Mostram-se alegres no tempo

do Natal, pois que toda a gente que o pode fazer, mata o seu porco e troca presentes deste com os vizinhos.

O camponês das Furnas utiliza tudo o que a terra dá. Alimenta o porco com alface selvagem, ervas do mato e folhas de inhame. Entrelaça o vime e faz cordas e esteiras ou utiliza-o, assim como com a caruma do pinheiro, para juncar o chão da casa. Do miolo faz flores artificiais. Ainda do vime fabrica cestos que lhe servem também de carro, carrinho de mão e abanico. Usa a cana como bordão, como sebe ou para barrotes. O tecto da casa e o chapéu são de palha. O linho fornece-lhe a maior parte da roupa. As suas matérias corantes são plantas das encostas. O vulcão dá-lhe pedra para a casa; o ribeiro, o barro para a loiça. Faz a cama de musgo, de folhelho ou cabelinho (seda dos fetos). A faia e a urze servem-lhe de combustível. A sua maior ambição é possuir um candeeiro, um relógio ou guarda-chuva, tudo americano.

Um dos seus costumes mais pitorescos consiste em dar alcunhas que, com o tempo, vêm a prevalecer sobre o verdadeiro nome da pessoa. O incidente mais trivial dá origem à alcunha. Por exemplo, o verdadeiro nome do pai do António, um dos nossos burriqueiros, era Pereira; porém, numa matança de porco, em ocasião de grande folia, apensaram-lhe a alcunha de Rubica, ou rabo de porco, ao seu nome de baptismo. Assim, este António Pereira, ninguém saberia quem era. O nosso velho Manuel tem o epíteto de Panela e o filho dele, Manuel, soldado, é sempre modestamente conhecido por Manuel Panela.

António é um sujeito muito inteligente. Se fosse um «Yankee» seria considerado activo; como camponês português a sua energia, sagacidade e percepção rápida, são notáveis. O nosso entusiasmo por tudo, muito lhe agrada. Põe-no em contraste com a imobilidade do «inglês». Ele e os outros burriqueiros não se poupam a esforços para nos entreter. Perguntámos-lhe um dia de quem gostava mais — dos americanos ou dos portugueses. É claro que ele disse — dos americanos — fazendo-nos depois rir ao tentar explicar a diferença e dar a razão da preferência da mímica, e com pantomimas sem igual e algumas palavras em português, deu-nos a mulher típica de ambas as nações.

A *senhora americana* cose, escreve, lê francês e alemão e toca piano; viaja; gosta de andar de burro e aprecia uma boa vista.

A *senhora portuguesa* não faz nada disto. Não lê, fica em casa a abanar-se. Valsa, valsa, valsa sempre e não quer saber de mais nada senão dançar, dançar, dançar sempre. E, abanando-se fortemente com o chapéu, o António pôs-se a dançar pela estrada fora, para nos mostrar como ela fazia.

BAKER, Alice — *Um Verão nos Açores e a Madeira de Relance*. Angra do Heroísmo, Típ. Andrade, 1960, p. 11-15.

Trad. do original por João H. Anglin.



As Furnas vistas por Thomas Ashe

Extraído de: ASHE, Thomas — *History of the Azores or Western Islands*. London, Sherwood, Neely and Jones, 1813

DANÇAR SOBRE UM VULCÃO

É numa das extremidades da ilha de S. Miguel, no Vale das Furnas, que os fenómenos vulcânicos se manifestam com maior intensidade, sob as formas de nascentes termais, fumarolas, Caldeiras, como lhes chamam os açorianos. Não existe local mais curioso do que o Vale das Furnas; todos os viajantes que passam nos Açores ficam vivamente impressionados com as vigorosas manifestações de fogo subterrâneo que queima sob os seus pés.

Espectáculo verdadeiramente impressionante é ver-se, num espaço de algumas centenas de metros quadrados, o conjunto de nascentes dos mais variados tipos: águas frias, tépidas, quentes, sulfurosas, gasosas, ferruginosas! No leito de uma nascente de água fria ferruginosa, fervilha uma nascente de água quente sulfurosa e, a uma distância de vinte metros, sobre a própria margem do riacho formado pela reunião dessas duas nascentes, brota uma água fresca, extremamente carregada de ácido carbónico. Aqui os verdadeiros *geysers* lançam vigorosos jactos de água a ferver, que chegam a atingir dois metros de altura, cujos diâmetros medem vários pés; aí uma *caldeira* vomita, ruidosamente, incessantes ondas de uma espécie de lama líquida e escura.

Por toda a parte o solo fumeja e parece em ebulição; o ar encontra-se sempre empestado de vapores sulfurosos; grandes placas amarelas, devidas ao enxofre, e vermelhas devido ao ferro, espalham-se por toda a parte como se fossem uma praga.

Estranho contraste! É nesta vila das Furnas, a menos de um quilómetro das caldeiras fumegantes, que os açorianos abastados vêm passar os meses de Verão; o Vale encontra-se repleto de maravilhosas e até mesmo luxuosas habitações, perdidas por entre um oceano formado por vegetação tropical; depois do começo de Julho até finais de Agosto as vivendas e hotéis transbordam de gente, e, à noite, há baile, como acontece em toda a estância de férias que se preze.

O hábito constitui uma segunda natureza, e observa-se que nos Açores *dançar sobre um vulcão* não é de modo nenhum uma metáfora!

BARROIS, Théodore — *Recherches sur la Faune des Eaux Douces des Açores*. Lille, Imprimerie L. Daniel, 1896, p. 8-9.
(Mémoires de la Société des Sciences de l'Agriculture et des Arts de Lille: 5me. série; 5).
Trad. do A.

UM BALHO NAS FURNAS

Pontualmente, às oito horas da noite de quarta-feira, apareceram os nossos homens com a Borboleta, os dois cupidos e o burro sem nome, para nos levarem ao «balho» na aldeia, a duas milhas de distância. A lua entrara no quarto minguante mas a noite estava clara. As estrelas reflectiam-se no lago em baixo. Brillhantes aerólitos atravassavam rapidamente o céu e espelhavam-se nas profundezas das águas plácidas em cuja superfície se projectava a casa e todos os ramos da mata adjacente. A noite, dos fins de Outubro, estava fresca e o ar húmido e pesado, carregado de fumos dos gases mefíticos. As rãs coaxavam melancolicamente. Rãs? — perguntei intencionalmente ao António. Sim, senhora, rãs, respondeu, jovial carregando com força nos rr. A rua da aldeia era escura e tranquila; as janelas e as portas fechadas, e por detrás delas saíam vozes sumidas, como de alguém que se preparava para se deitar. Uma ou duas portas encontravam-se abertas e os que dentro se sentavam falavam em voz baixa. Chegando a casa, o Francisco bateu vigorosamente na porta com a verdasca, a qual foi imediatamente aberta pela mulher. «Minha mulher», disse, apresentando-a.

O quarto principal estava artisticamente decorado com molhos de hidrângeas de cor azul-clara e enormes ramos de belos fetos. Os convidados, já reunidos, levantaram-se quando entramos. «Aprendem-se aqui boas maneiras», disse-nos G.; e de facto assim era. Ninguém se mostrou embasbacado; não houve risinhos nem sinais com os cotovelos, em presença dos estrangeiros. Se nos comportasse-

mos com a mesma compostura, certamente honraríamos a nossa nação. Estou certa de que, em condições semelhantes, uma multidão de compatriotas nossos, de ambos os sexos e da mesma categoria, ter-se-ia manifestado com rudeza e grosseria. A dona da casa faz o possível por nos obsequiar, exprimindo o seu grande desgosto pela ausência da filha do senhor B., que nos deveria ter acompanhado. «Sofia é muito bonita», disse-nos, apontando para o próprio rosto, e «muito boa», pondo a mão no coração. Fazem cuidadosa distinção entre a beleza da cara e a beleza da alma. Depois de certa demora, parece que circulava entre os circunstantes um dito jocoso que a dona da casa delicadamente nos explicou, segundo o qual alguém dissera que o tocador da viola costumava levar três meses a vestir-se para o «balho». Em breve, porém, apareceu o homem, de bela aparência, muito mais bem vestido do que os restantes — a cantar, a fumar, a tanger a viola e a dançar três passos e a arrastar os pés, quando entrava. Um a um colocaram-se os homens atrás dele, até que se formou um círculo no quarto; um a um, acenaram às mulheres e todos se puseram a dançar e a cantar seguindo o guia, em duplo círculo, dando estalos com os dedos por cima das cabeças, ao compasso da viola. Com caras solenes prosseguiu o cortejo monótono. De vez em quando um dos homens botava a cantiga em voz alta, com o que todos riam. Outro pegava-lhe na deixa e acrescentava-lhe quaisquer rimas ou uma mulher dava-lhe a réplica. Estas cantigas, cantadas ao som da viola, são sempre improvisadas e servem muitas vezes para transmitir alusões aceradas ou para dirigir ditos bem intencionados aos que se supõe estarem namorados.

Alguns destes improvisos aludiam à infeliz experiência matrimonial da parte do cantador. «Se a minha mulher morrer», disse um deles, «amarro-a com uma fita e vou à procura de outra mais jovem e mais bonita». Certas cantigas têm um sabor poético da Índia: «Eu já vi nascer o sol entre a flor da melancia por isso ele anda amarelo do princípio ao fim do dia». A simplicidade dos temas e a ingenuidade da expressão, contrastam fortemente com o nosso convencionalismo.

Um deles vistosamente vestido como um bandoleiro espanhol, de calções de veludilho, jaqueta preta agaloada e debruada de veludo e faixa larga escarlate, batia o pé, na dança, cantando com voz retum-

bante: «Quando eu canto até saltam da terra as sementes». Toda a gente riu da arrogância, excepto a dona da casa, que franziu as sobrancelhas como se receasse qualquer inconveniência do homem.

Terminada a *charamba*, seguiu-se a *saudade*, canção triste à viola. Seguiram-se danças mais alegres. Os dançarinos formavam em linha, como nós na nossa dança escocesa e iam aos pares até ao meio, numa série de movimentos balanceados, maravilhosos de ver. Quando nos retiramos marchavam de braço dado, com um pequeno passo pulado de vez em quando.

Não havia luz na aldeia quando regressámos a casa. O ladrar de um cão e o torpear dos burros eram os únicos ruídos que quebravam o silêncio da noite.

BAKER, Alice — *op. cit.*, 119-121.

PADRES DA ALDEIA

Junho, 12

Enquanto esta manhã esperava pelo banho, o Costa, velho banheiro que, não obstante haver passado neste vale mais de oitenta anos de vida, ainda se levantava às quatro da madrugada e está bastante rijo, falou-me de coisas das Furnas. Esqueci-me de lhe perguntar se ele seria uma vergõtea da velha família portuguesa daquele nome — a mais antiga, segundo se diz, em Portugal — descendente em linha recta de dona Eva da Costa, que, conforme heráldica portuguesa e os que dela se riem, tirou seu nome da costa ou costela de Adão.

A conversa do Costa, ou antes, do Pepino, alcunha que lhe ficou do avantajado nariz e pela qual, em vista do gosto regional das alcunhas, é mais geralmente conhecido, versou sobre os padres da localidade que, ao que parece, «nem tomam nem ensinam o caminho do céu», antes, como os restantes colegas de toda a ilha, levam uma vida imoral. Em resultado disto, dizia o velho e experiente Pepino, não havia de modo geral, tantos casamentos nas Furnas como quando ele era rapaz. Quanto aos padres, cada qual procurava mulher, o que não era difícil de encontrar; o vigário da paróquia tinha mulher, e o cura, como a Samaritana, tivera muitas e aquela que ele agora tinha não era sua. Falou com bonomia dos hábitos deles, como se não considerasse impróprio os padres seguirem o exemplo dos seus vizinhos. Fazia a devida distinção entre o homem e a função; e tirou

a carapuça respeitosamente, quando o robusto cura, pouco depois, de pesado casacão e lenço branco, saía do seu excelente banho quente, e, montando o burro, o espicaçou em direcção a casa.

Parece que os casamentos por conveniência se arranjam de duas maneiras; numa, os próprios interessados julgam-no conveniente ou os amigos os convencem de tal conveniência; na outra, os directamente interessados não são muito consultados, e o matrimónio é negociado pelos pais. O primeiro processo é o seguido em Inglaterra, ao passo que o segundo, que conserva forte cunho da velha escola da obediência implícita, é adoptado nos países onde o espírito feudal (pelo menos nas classes mais elevadas) ainda não está extinto. É este que constitui a moda aqui.

Rapaz e rapariga que sejam herdeiros de propriedades convenientemente próximas, passam, por tal razão ou por outra parecida, à situação de noivos; e o pretendente, em vez de atravessar as fases do namoro, dá a entender os seus desejos aos pais da menina, e o negócio efectua-se rapidamente.

Quer em resultado destes factos, quer por motivo de relaxamento dos costumes e consequente sensualidade, o nó matrimonial é a cada passo desfeito pelos homens da forma mais desbragada. De facto se os padres dão de um modo geral o exemplo da quebra dos votos que fizeram a Deus, que admira que os seus rebanhos se extraviem do caminho verdadeiro?

BULLAR, Joseph e Henry — *op. cit.*, p. 307-309.

EXCURSÃO ÀS SETE CIDADES

Uma das belas e interessantes excursões que se podem realizar é às Sete Cidades. A estrada que até determinado ponto é bastante boa, leva-nos através de laranjais, campos de milho indiano e outras culturas, envolvidos por altos muros de pedras vulcânicas que servem para proteger dos ventos.

Perto das Feteiras, a estrada começa a subir para a montanha e torna-se estreita e má, e só se pode passar a pé ou de burro. A partir deste local acabam, igualmente, os campos cultivados e o resto do caminho, até ao cimo da montanha, é um atalho que passa através de ramos atrofiados e urze que, devido à sua posição, atingem somente a altura de dois ou três pés, tornando-se cada vez mais pequenos à medida que subimos. Ao chegar ao cume, encontrámo-nos subitamente à beira de uma enorme cratera com cerca de três milhas de diâmetro, e deparámos com uma das mais belas panorâmicas que nos é dado observar. Cerca de mil pés abaixo de nós ficam dois grandes lagos de cor azul-celeste, e espalhados por entre a enorme cratera existem ainda sete pequenas lagoas, algumas delas com uma forma invulgarmente perfeita, parecendo terem sido os últimos suspiros do fogo subterrâneo.

Numa das margens de um dos lagos existe uma aldeia de casas brancas, dispersas, em agradável contraste com o verde da paisagem circundante, fornecendo um ponto de referência que permite mostrar a profundidade a que se encontram.

A estrada de acesso a esta aldeia atravessa uma das encostas da cratera e desce, formando uma série de ziguezagues, por onde é muito mais agradável caminhar do que ir de burro. Uma das crateras mais pequenas contém uma densa vegetação original que se encontra praticamente intocada pelos habitantes, devido às dificuldades de acesso. Neste local, pensei que poderia encontrar algumas novas espécies de insectos, na madeira e folhas caídas. Assim, com alguma dificuldade, arrastei-me para a beira e deixei-me escorregar para o lado mais perto, segurando-me nos ramos das árvores e na erva grossa até que atingi o fundo. Pesquisei o local durante um par de horas e, não tendo sido recompensado através da descoberta de alguma novidade, abandonei o local e parti para visitar o lago.

GODMAN, Frederick du Cane — *Natural History of the Azores or Western Islands*. London, John Van Voorst, 1870, p. 5-6.
Trad. do A.

DESPEDIDA

Sábado, 27 de Setembro

Depressa de mais chegou o dia de nos separarmos da gente simples e bondosa dos Açores. Acedendo aos nossos pedidos, mandou-nos o capitão recado de que poderíamos ir para bordo à meia noite. O dia é como um dia de Junho na Nova Inglaterra; céu e mar lindos e calmos.

De tarde vamos de longada até Porto Pim. A ruazinha estreita está cheia de sol. As mulheres debruçam-se nas janelas para nos verem passar. Junto à praia, barqueiros descalços rolam barris de óleo de cachalote para dentro das barcaças. Outros consertam os barcos, varados na costa, a seco, longe do mar. As mulheres sentam-se à proa, a fazer meia, enquanto os homens martelam e as crianças rolam na areia.

No cais vai uma cena animada. Homens correm em todas as direcções com cargas e mantimentos para o vapor: guardas da alfândega, presumidos, andam por ali; os barcos do Pico estacionam com as velas latinas a subir e a descer, junto dos degraus.

Sentamo-nos na muralha, a observar o pôr do sol. A vaga, que se desfaz de encontro ao outro lado da costa, toma a cor rósea que trepa pela montanha, tal como o rubor que sobe às faces de uma donzela. Os navios, fazendo-se apressadamente ao mar a todo o pano, assemelham-se a um bando carmesim de aves tropicais, a voar para

oeste. O céu está vermelho e doirado e nuvens leves e pardas flutuam por detrás do vulcão.

Por um momento, o mar é um rio vermelho. Pouco a pouco a neblina azul diáfana, como gaze, junta-se na base do Pico, e, espelhando-se como véu estendido sobre o belo quadro, torna mais enrubesciente a magestade da montanha. Assim, sempre ao esplendor vivo do dia, sucede o melancólico entardecer.

Silenciosamente, tristemente, vemos aproximar-se o crepúsculo. As nuvens cor de rosa desaparecem aos poucos e a montanha enegrece contra o céu azul-pálido, rodeada de uma faixa de névoa prateada; o mar, em baixo, é um espelho de aço, com os barquinhos formando silhuetas negras na superfície.

Ao longe, no horizonte, para oeste, navegam os navios, não já de velas cor de rosa, mas esbranquiçadas, de cascos e mastros pretos como tinta. Assim acaba o dia e com ele o nosso Verão nos Açores.

BAKER, Alice — *op. cit.*, p. 46-47.

NOTA FINAL

Chegados ao final desta «viagem», pelo arquipélago dos Açores, com «desembarque» nas suas três principais ilhas, S. Miguel, Terceira e Faial, esperamos ter fornecido uma visão global de como os visitantes estrangeiros, cujos textos integram o presente trabalho, viram e descreveram a sociedade açoriana no decorrer do século XIX.

Esperamos, igualmente, que, para além dos objectivos enunciados no início deste trabalho, possamos ter atraído a atenção e o interesse dos estudiosos açorianos para a importância de que se reveste o estudo, a análise e o cabal aproveitamento da inesgotável fonte de informação constituída pelo valioso espólio documental, por eles deixado e que, a nosso ver, merecia uma mais ampla divulgação.

BIBLIOGRAFIA

I — BIBLIOGRAFIA DE APOIO

1. *Os Açores Vistos por Estrangeiros: Literatura de Viagens e Estudos Científicos*. Ponta Delgada, 1984.
Catálogo da exposição bibliográfica no âmbito da II Conferência das Regiões Insulares, 29 de Março de 1984.
2. ANGLIN, João H. — *A Corveta Helgoland da Marinha de Guerra Austriaca no Porto de Ponta Delgada, em 1874-75*. Ponta Delgada, Tip. do Diário dos Açores, 1953.
Sep. de: *Insulana*, 8 (3-4).
3. *Arquivo dos Açores*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1980-1984, 15 vols.
Ed. facsimilada.
4. ATAÍDE, Luís Bernardo Leite d' — *Joseph Bullar: o Artista*. «*Insulana*», Ponta Delgada, v. 5 (1-2) 1949, p. 33-46.
5. *Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores*. Ponta Delgada, CRCAA, 1945-
6. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1940-
7. CANTO, Ernesto do — *Bibliotheca Açoreana: Notícia Bibliographica das Obras Impressas e Manuscriptas Nacionaes e Estrangeiras Concernentes às Ilhas dos Açores*. Ponta Delgada, Typ. do Archivo dos Açores, 1890.
8. CASTRO, Eugénio Vaz Pacheco do Canto e — *Ensaio Crítico sobre a Bibliographia Geologica dos Açores e nomeadamente de S. Miguel*. Ponta Delgada, Typ. do Archivo dos Açores, 1891.
9. CHAVES, Francisco Afonso — *Sobre um Livro de John Webster acerca de S. Miguel*. «*Arquivo dos Açores*», Ponta Delgada, v. 13, 1983, p. 36-37.
10. CHAVES, Francisco Afonso — *Tradução de parte d'um Livro Importante sobre a Flora dos Açores*. «*Arquivo dos Açores*», Ponta Delgada, v. 14, 1983, p. 325.
11. COSTA, Francisco Carreiro da — *Esboço Histórico dos Açores*. Ponta Delgada, Instituto Universitário dos Açores, [s. d.].
12. COSTA, Francisco Carreiro da — *Tradições, Costumes e Turismo dos Açores*. Ponta Delgada, [s. n.], 1945-1974. (*)

13. — *Ainda Alguns Ingleses nos Açores.* (Tradições, Costumes e Turismo dos Açores: Palestras Radiofónicas; vol. 13, Mar. 1957).
14. — *Alguns Príncipes Estrangeiros na Ilha do Faial.* (Tradições, Costumes e Turismo dos Açores: Palestras Radiofónicas; vol. 10, Mar. 1954).
15. — *Dois Ingleses em S. Miguel.* (Tradições, Costumes e Turismo dos Açores: Palestras Radiofónicas; vol. 2, Dez, 1946).
16. — *Ingleses nos Açores.* (Tradições, Costumes e Turismo dos Açores: Palestras Radiofónicas; vol. 13, Fev. 1957).
17. — *Livros de Viagens sobre os Açores na Primeira Metade do Século XIX.* (Tradições, Costumes e Turismo dos Açores: Palestras Radiofónicas; vol. 26, Mar. 1970).
18. — *Mais Ingleses nos Açores.* (Tradições, Costumes e Turismo dos Açores: Palestras Radiofónicas; vol. 13, Mar. 1957).
19. — *Uma Missão Científica há Cem Anos, em S. Miguel.* (Tradições, Costumes e Turismo dos Açores: Palestras Radiofónicas; vol. 13, Abr. 1957).
20. — *Um Oficial Americano nos Açores.* (Tradições, Costumes e Turismo dos Açores: Palestras Radiofónicas; vol. 9, Out. 1953).
21. — *Um Príncipe Amigo e Admirador dos Açores.* (Tradições, Costumes e Turismo dos Açores: Palestras Radiofónicas; vol. 8, Mar. 1952).
22. — *Três Cientistas em Santa Maria.* (Tradições, Costumes e Turismo dos Açores: Palestras Radiofónicas; vol. 13, Maio 1957).
23. — *Um Viajante Sueco nos Açores.* (Tradições, Costumes e Turismo dos Açores: Palestras Radiofónicas; vol. 11, Jul. 1955).
24. FERREIRA, Ernesto (Padre) — *O Arquipélago dos Açores na História das Ciências.* Lisboa, Bertrand, 1937.
25. FERREIRA, H. Amorim — *Naturalistas Britânicos nos Açores.* «Insulana», Ponta Delgada, v. 2 (4) 1946, p. 531-546.
26. *Insulana.* Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1944 (v. 1, n.º 1) —
27. *Inventário dos Livros, Jornaes, Manuscritos e Mapas do Dr. Ernesto do Canto Legados à Biblioteca Pública de Ponta Delgada.* Évora, Minerva Comercial, 1905.
28. JÁCOME CORREIA, Aires — *Leituras sobre a História do Valle das Furnas.* Ponta Delgada, Of. Gráficas, 1924.
29. PALHINHA, Rui Teles — *Explorações Botânicas nos Açores.* «Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores», Ponta Delgada, v. 7 (1) 1948, p. 1-13.

(*) Apesar de não estarem ainda publicadas em volume, as palestras do Dr. Francisco Carreiro da Costa, *Tradições, Costumes e Turismo dos Açores*, encontram-se parcialmente tratadas e organizadas em volumes, com o título genérico de *Palestras Radiofónicas*, nos Serviços de Documentação da Universidade dos Açores.

II — BIBLIOGRAFIA DE ESTRANGEIROS

30. ALBERT I, Prince de Monaco — *La Carrière d'un Navigateur*. Paris, Librairie Hachette, [1901].
31. [ASHE, Thomas] — *History of the Azores or Western Islands*. London, Sherwood, Neely and Jones, 1813.
32. BAKER, Alice — *Um Verão nos Açores e a Madeira de Relance*. «Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira», Angra do Heroísmo, v. 16/17, 1958-1959.
Tradução do original, *A Summer in the Azores with a Glimpse of Madeira*. Boston, 1882, por João H. Anglin.
33. BARROIS, Théodore — *Recherches sur la Faune des Eaux Douces des Açores*. Lille, Imprimerie L. Daniel, 1896.
34. BOID, Captain — *Descrição dos Açores ou Ilhas Ocidentais*. «Insulana», Ponta Delgada, n.º 5, 1949.
Tradução do original, *A Description of the Azores or Western Islands*, London, 1835, por João H. Anglin.
35. BOID, Captain — *O Distrito de Angra*. «Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira», Angra do Heroísmo, n.º 7, 1947.
Tradução de parte do original, *A description of the Azores...*, London, 1835, por João H. Anglin.
36. BRASSEY, Lady — *In the Trades, the Tropics and the Rearing Forties*. London, Longmans, Green & Co., 1885.
37. BULLAR, Joseph; Bullar, Henry — *Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas*. Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1949.
Tradução do original, *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of Furnas*, London, John van Voorst, 1841, por João H. Anglin.
38. D'ALBERTIS, Enrico Alberto — *Crociere del Corsaro alle Azzorre*. Milano, Fratelli Treves, 1888.
39. DROUET, Henri — *Éléments de la Faune Açoréenne*. Paris, J. B. Baillièere & Fils, 1861.
40. DROUET, Henri — *Rapport a sa Majesté le Roi de Portugal sur un Voyage d'Exploration Scientifique aux îles Açores*. Troyes, Bouquet, 1858.
41. DROUET, Henri — *Sur Terre et sur Mer: Excursions d'un Naturaliste en France, aux Açores, a la Guyane et a Angola*. Paris, Librairie Hachette, 1870.

42. FOUQUÉ, Ferdinand — *Les Eaux Thermales de l'île de San-Miguel (Açores)*. Lisbonne, Lallement Frères Imprimeurs, 1873.
In: *Voyages Géologiques aux Açores*. Paris, 1873.
43. GIBBONS, Marianna — *Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon*. Lencaster, John A. Hiestand, 1880.
44. GODMAN, Frederick du Cane — *Natural History of the Azores or Western Islands*. London, John van Voorst. 1870.
45. GUERNE, Jules de — *Excursions Zoologiques dans les Îles de Fayal et de San Miguel (Açores)*. Paris, Gauthier-Villars et Fils, 1888.
(Campagnes Scientifiques du Yacht Monégasque l'Hirondelle).
46. HEBBE, Jean Gustave — *Descrição das Ilhas dos Açores*. «Arquivo dos Açores», Ponta Delgada, v. 10, 1982.
47. JEDINA, Leopold von — *Voyage de la Frégate Autrichienne Helgoland Autour de l'Afrique*. Paris, Maurice Dreyfus, 1878.
Tradução do original em alemão por M. Vallée.
48. KETTLE, W. R. — *Notícia da Ilha de S. Miguel*. «Arquivo dos Açores», Ponta Delgada, v. 9, 1982, p. 9-17.
49. MOREL, E. (Capitaine) — *Les Îles Açores au Point de Vue de la Marine Marchande*. Paris, Gustave Bossange et Cie., 1863.
50. MORELET, Arthur — *Îles Açores: Notice sur l'Histoire Naturelle des Açores*. Paris, J. B. Baillière, 1860.
51. NYE, Elisa W. — *Diário de uma Viagem da América aos Açores no Veleiro «Sylph» em Julho de 1847*. «Insulana», Ponta Delgada, v. 29-30, 1973-1974.
Tradução por João H. Anglin.
52. REID, Sam C. — *Os Açores Vistos por um Americano*. «Arquivo dos Açores», Ponta Delgada, v. 11, 1983, p. 193.
53. SWINDELLS, Rupert — *A Summer Trip to the Island of St. Michael*. Manchester, Printed for private circulation, 1877.
54. TRELEASE, William — *Botanical Observations on the Azores*. St. Louis, Missouri Botanical Garden, 1897.
Sep. de: Eight Annual Report of the Missouri Botanical Garden.
55. WALKER, Walter Frederick — *The Azores or Western Islands: a Political, Commercial and Geographical Account*. London, Trubner & Co., 1886.
56. WEBSTER, John W. — *A Description of the Island of St. Michael, Comprising an Account of its Geological Structure, with Remarks on the other Azores Islands*. Boston, R. P. & Williams, 1821.
57. WEEKS, Lyman H. — *Nos Açores*. «Insulana», Ponta Delgada, v. 14 (1) 1958.
Tradução do original, *Among the Azores*. Boston, James R. Osgod Co., 1882, por João H. Anglin.

ÍNDICE GERAL

	Pág.
NOTA PRÉVIA	9
INTRODUÇÃO	13
ANTOLOGIA	31
I. O ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES	33
1. DESCRIÇÕES, ASPECTOS SOCIO-ECONÓMICOS, ASPECTOS GERAIS	35
— Chegada aos Açores (<i>Elisa W. Nye</i>)	37
— Chegada ao Faial (<i>Elisa W. Nye</i>)	41
— Atlântida (<i>Sam C. Reid</i>)	43
— Uma descrição dos Açores (<i>Lyman H. Weeks</i>)	45
— Independência (<i>Thomas Ashe</i>)	47
— Os Açores e as comunicações marítimas (<i>Capitaine E. Morel</i>)	49
— Recursos naturais e seu aproveitamento (<i>Captain Boid</i>)	53
— Produtos agrícolas (<i>William Trelease</i>)	55
2. O POVO AÇORIANO: USOS E COSTUMES, CARÁCTER E TEMPERAMENTO	57
— Carapuça, capote e capelo (<i>Walter Frederick Walker</i>)	59
— O camponês açoriano (<i>Walter Frederick Walker</i>)	63
— A mulher açoriana e o casamento (<i>John W. Webster</i>)	67
— Os gordos (<i>Joseph e Henry Bullar</i>)	71

— Carácter e temperamento dos açorianos I (<i>Captain Boid</i>)	75
— Carácter e temperamento dos açorianos II (<i>Rupert Swindells</i>)	79
— Carácter e temperamento dos açorianos III (<i>Joseph e Henry Bullar</i>)	81
3. A CAÇA AO CACHALOTE	87
— A morte de um cachalote (<i>Albert I, Prince de Monaco</i>)	89
— A caça ao cachalote (<i>Henri Drouet</i>)	93
4. OS AÇORES E O INTERESSE CIENTÍFICO NO SÉC. XIX	97
— Um roteiro científico (<i>Henri Drouet</i>)	99
— Os Açores e as ciências naturais (<i>Arthur Morelet</i>)	105
— O «Hirondelle» nos Açores (<i>Jules de Guerne</i>)	107
— Naturalistas nos Açores (<i>Henri Drouet</i>)	109
II. A ILHA DO FAIAL	111
— Chegada à cidade da Horta (<i>Alice Baker</i>)	113
— Cenas de rua na Horta (<i>Lyman H. Weeks</i>)	115
— Horta: cidade cosmopolita (<i>Enrico Alberto D'Albertis</i>)	117
— Habitação (<i>Jean Gustave Hebbe</i>)	119
— Uma tempestade no Faial (<i>Henri Drouet</i>)	121
— As mulheres do Faial (<i>Jean Gustave Hebbe</i>)	123
— Domingo do Espírito Santo na cidade da Horta (<i>Joseph e Henry Bullar</i>)	127
III. A ILHA TERCEIRA	133
— Chegada a Angra do Heroísmo (<i>Captain Boid</i>)	135
— A Metrópole dos Açores (<i>Marianna Gibbons</i>)	139
— Uma visita à Terceira (<i>Alice Baker</i>)	141
— A Terceira e os touros (<i>Enrico Alberto D'Albertis</i>)	145
— Libertinagem conventual (<i>Captain Boid</i>)	147
— Terceira: alguns aspectos sociais (<i>Thomas Ashe</i>)	151

IV. A ILHA DE S. MIGUEL	153
— Chegada a Ponta Delgada (<i>Lady Brassey</i>)	155
— Curiosas informações (<i>W. R. Kettle</i>)	157
— Aspectos da vida social em S. Miguel (<i>Leopold von Jedina</i>)	161
— Os portos (<i>Thomas Ashe</i>)	163
— O 1.º de Dezembro em Ponta Delgada (<i>Leopold von Jedina</i>)	165
— Um baile em Ponta Delgada (<i>Joseph e Henry Bullar</i>)	167
— «Tradições» que se mantêm! (<i>Marianna Gibbons</i>)	171
— Educação (<i>Joseph e Henry Bullar</i>)	173
— Carnaval e entrudadas (<i>Joseph e Henry Bullar</i>)	175
— Da Quaresma ao Natal (<i>John W. Webster</i>)	177
— «Ecce Homo» (<i>Henri Drouet</i>)	181
— Religiosidade e superstição (<i>John W. Webster</i>)	183
— As alcunhas (<i>Joseph e Henry Bullar</i>)	187
— Costumes orientais (<i>Joseph e Henry Bullar</i>)	189
— Gente da Vila (<i>Joseph e Henry Bullar</i>)	191
— Fisionomias (<i>Joseph e Henry Bullar</i>)	193
— Vida rural nas Furnas (<i>Alice Baker</i>)	195
— Dançar sobre um vulcão (<i>Théodore Barrois</i>)	201
— Um «balho» nas Furnas (<i>Alice Baker</i>)	203
— Padres da aldeia (<i>Joseph e Henry Bullar</i>)	207
— Excursão às Sete Cidades (<i>Frederick du Cane Godman</i>)	209
— Despedida (<i>Alice Baker</i>)	211
— Nota final	213
BIBLIOGRAFIA	215
Bibliografia de apoio	217
Bibliografia de estrangeiros	219
INDICE ONOMÁSTICO	223

SIGNO - HISTÓRIA

Com o lançamento da colecção SIGNO-HISTÓRIA pretende o editor contribuir para a divulgação de trabalhos de estrutura e qualidade variáveis (monografias, ensaios ou conjunto de ensaios, antologias, colectâneas documentais...) que tenham como pontos comuns a História e a sua investigação.

O editor, consciente da importância que algumas obras assumem no panorama historiográfico açoriano que, de há muito, se encontram esgotadas enveredará, sempre que possível, pela reedição das mesmas, de modo a possibilitar o seu fácil acesso por parte dos inúmeros interessados no conhecimento do passado açoriano.

Como editora açoriana que é, a SIGNO procurará que esta colecção constitua um espaço de reflexão e difusão de temas e autores ligados aos Açores ou que, não o sendo, o seu interesse e qualidade justifiquem a sua publicação na SIGNO - HISTÓRIA ...

